

Universidades Lusíada

Rocha, Ana Francisca Dias

**Regeneração urbana : problemas urbanos,
soluções criativas**

<http://hdl.handle.net/11067/337>

Metadados

Data de Publicação	2012
Resumo	A noção de políticas de actuação das cidades alterou-se ao longo dos tempos. Actualmente, este é um conceito bastante abrangente e já não se enquadra nos conceitos de outrora. Pretendemos abordar um pensamento sobre o novo modus vivendi, falando do homem contemporâneo e tentando descobrir as suas inquietações, numa sociedade que numa primeira abordagem, por vezes, se pode tornar bastante antagónica. Algo que nos levará a questionar o papel da criação e da cultura neste novo contexto. A criativid...
Palavras Chave	Cidades, Espaço urbano, Criatividade
Tipo	masterThesis
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULF-FAA] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2023-05-07T14:59:49Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA DE VILA NOVA DE FAMALICÃO

REGENERAÇÃO URBANA
Problemas Urbanos, Soluções Criativas

Ana Francisca Dias Rocha

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Vila Nova de Famalicão
2012

Agradecimentos

A todos os que tornaram possível este trabalho, nomeadamente ao Professor Doutor Francisco Peixoto Alves, Professor Doutor Carlos Santos, a todos os entrevistados, Carlos Martins, Fernando Mendes, Jaime Quesado e Mariana Almeida.

Introdução	P[1]
CAPÍTULO I	
1. A mutação cultural que emerge no séc. XXI	P[3]
1.1 Quem é o homem do séc. XXI?	P[4]
1.2 Cultura como uma plataforma para uma acção criativa	P[21]
1.3 Sociedade em Rede	P[27]
2. CIDADES CRIATIVAS: A Criatividade na construção de um discurso cultural, a cultura como uma plataforma para uma acção	P[49]
2.1 Paradigma da Cidade Criativa	P[51]
3. Estudos de Caso	P[71]
3.1 Ser criativo em Guimarães 2012	P[72]
3.2 Barcelona, a Cidade que se Reinventa	P[79]
CAPÍTULO II	P[88]
4. Um olhar criativo sobre Espinho	P[89]
4.1 Um olhar Criativo sobre Espinho	P[93]
4.2 Estratégia como acto de projectar	P[108]
4.3 Recombinar elementos urbanos I Regeneração Urbana- Problemas Urbanos, Soluções Criativas- ILHA CRIATIVA (PROPOSTA_ PROJECTUAL)	P[111]
Conclusão	P[132]
Referências	P[135]
5. Anexos	P[141]
5.1 Entrevistas	
5.2 Plotagens	

Índice de imagens

Imagem 1_ "CIDADE DE NEW YORK" P[3]

Produção Própria, Fevereiro 2012

Imagem 2_ "CONTEMPORARY LIFE" P[4]

Produção Própria, Outubro 2011

Imagem 3_ "SEM TÍTULO" P[6]

Autor Desconhecido, data desconhecida, [acedido em: Outubro 2011], disponível em: <http://lyndagrattontfutureofwork.typepad.com/lynda-gratton-future-of-work/2010/11/creating-future-jobs.html>

Imagem 4_ "BANKSY" P[8]

Produção Própria a partir de vários, Outubro 2011

Imagem 5_ "SAN FRANCISCO (#4)" P[10]

Eric Fischer, data desconhecida, [acedido em: Outubro 2012], disponível em: <https://studiolab.psu.edu/projects/data-visualization/blog/city-time>

Imagem 6_ "AMIE-THE MUSIC TECHNOLOGY" P[12]

Vikki Miller, Março 2008, [acedido em: Novembro 2011], disponível em: <http://www.tunasandwich.co.uk/kk/blog/kk.html>

Imagem 7_ "BANKSY" P[12]

Autor Desconhecido, data desconhecida, [acedido em: Novembro 2011], disponível em: <http://echostains.wordpress.com/2010/01/14/art-i-love-banksy/>

Imagem 8_ "AWAKE REVOLUTION" P[13]

Autor Desconhecido, data desconhecida, [acedido em: Novembro 2011], disponível em: [http:// http://www.tumblr.com/tagged/asynchronous-communication](http://http://www.tumblr.com/tagged/asynchronous-communication)

Imagem 9_ "GRAPHICAL VISUALIZATION OF TEXT SIMILARITIES" P[16]

Jurgen Spath and Magnus Rembold, 2005 , [acedido em: Outubro 2012], disponível em: LIMA, Manuel. Visual Complexity , Mapping Patterns of Information. 2011, New York: Princeton Architectural Press, ISBN: 9781568989365

Imagem 10_ "SEM TÍTULO" P[18]

Autor Desconhecido, data desconhecida, [acedido em: Dezembro 2011], disponível em:
http://www.gettyimages.pt/?esource=google+PRT_Brand_Terms&kw=PT+getty+images+Exact&lid=s5lcY7vHG&pcrid=2614264283&property=GI

Imagem 11_ "SEM TÍTULO" P[18]

Autor Desconhecido, data desconhecida, [acedido em: Dezembro 2011], disponível em: <http://colunistas.ig.com.br/natv/>

Imagem 12_ "HOMEM DO SÉCULO XXI" P[20]

Basílio, Cláudio, Julho 2010, [acedido em Dezembro 2011], disponível em: <http://gibicomics.blogspot.com/2010/07/opinioao-013-quino-novo-homem-seculo-xxi.html>

Imagem 13_ "CULTURE" P[22]

Produção Própria a partir de vários, Janeiro 2012

Imagem 14_ "LEFT BRAIN- RIGHT BRAIN,PASSION" P[24]

Gil Aviyam e Lena Guberman, 2011, [acedido em: Dezembro 2011], disponível em:
http://adsoftheworld.com/media/print/mercedes_benz_left_brain_right_brain_passion

Imagem 15_ "BODY TECH" P[26]

Caco Neves, data desconhecida, [acedido em: Janeiro 2012], disponível em:<http://www.caconeves.net>

Imagem 16_ "SEM TÍTULO"

P[28]

Autor Desconhecido, data desconhecida, [acedido em: Dezembro 2011], disponível em:

<http://www.gettyimages.pt/Search/Search.aspx?contractUrl=2&language=pt-PT&family=creative&p=network&assetType=image#3>

Imagem 17_ "SEM TÍTULO"

P[30]

Autor Desconhecido, data desconhecida, [acedido em: Dezembro 2011], disponível em:

<http://www.gettyimages.pt/Search/Search.aspx?contractUrl=2&language=pt-PT&family=creative&assetType=image&excludenudity=true&p=network>

Imagem 18_ "DANCING TV PEOPLE-BANKSY"

P[32]

Autor Desconhecido, data desconhecida, [acedido em: Fevereiro 2012], disponível em: <http://www.myconfinedspace.com/2012/06/05/dancing-tv-people/banksy-banksy-2887927-1920-1440-jpg/>

Imagem 19_ "LEFT BRAIN- RIGHT BRAIN,PAINT"

P[34]

Gil Aviyam e Lena Guberman, 2011, [acedido em: Dezembro 2011], disponível em:

http://adsoftheworld.com/media/print/mercedes_benz_left_brain_right_brain_paint

Imagem 20_ "THE FUTURE OF MONEY"

P[36]

Produção Própria a partir de vários, Março 2012

Imagem 21_ "TRIP"

P[38]

Caco Neves, data desconhecida, [acedido em: Janeiro 2012], disponível em: <http://www.caconeves.net/>

Imagem 22_ "INNOVATION HUBS"

P[40]

Produção Própria a partir de vários, Março 2012

Imagem 23_ "SCIENCE- METRIX" P[42]

Olivier H. Beauchesne, 2011, [acedido em: Novembro 2012], disponível em:
[http://www.visualcomplexity.com/vc/project_details.cfm?id=747&index=747&dmain=](http://www.visualcomplexity.com/vc/project_details.cfm?id=747&index=747&domain=)

Imagem 24_ "UNIVERSAL_MUSIC_SINALIZAR04" P[44]

Richard Koubik, 2011, [acedido em: Março 2012], disponível em:
<http://pinterest.com/source/sinalizar.wordpress.com/>

Imagem 25_ "NOTHING CAN STOP A GOOD IDEA" P[46]

Thinking Around, data desconhecida, [acedido em: Novembro 2012],
disponível em: <http://www.behance.net/gallery/Thinking-Around-Typography-posters/172356>

Imagem 26_ "A DAY OF MUNI" P[48]

Eric Fischer, , [acedido em: Novembro 2012], disponível em:
<http://tumblr.gesteves.com/post/1071641631/a-day-of-muni-by-eric-fischer-a-map-that-shows>

Imagem 27_ "WHY PLACE MATTERS" P[49-50]

Torhild Eide Torgersen, 2008, [acedido em: Junho 2012], disponível em:
http://www.creativeclass.com/_v3/creative_class/category/work/international-creative-class/page/2/

Imagem 28_ "NY CITY COLOUR" P[52]

Produção Própria a partir de vários, Março 2012

Imagem 29_ "SEMDUBLE" P[54]

Caco Neves, data desconhecida, [acedido em: Janeiro 2012], disponível em:
<http://www.caconeves.net/>

Imagem 30_ "SEM TÍTULO" P[56]

Produção Própria a partir de vários, Junho 2012

Imagem 31_ "GO FORTH" P[58]

Produção Própria a partir de vários, Julho 2012

Imagem 32_ "GLOBAL CREATIVITY"	P[60]
Peter Durand, 2004, [acedido em Junho 2012], disponível em: http://128.121.135.83/poptech/pages/05_Richard-Florida.htm	
Imagem 33_ "EURO-CREATIVE CLASS"	P[62]
Produção Própria a partir de imagens da ILO, LABORSTA, Junho 2012	
Imagem 34_ "EURO-CREATIVE"	P[64]
Produção Própria a partir de vários, Junho 2012	
Imagem 35_ "I FEEL GOOD TODAY"	P[66]
Produção Própria a partir de vários, Maio 2012	
Imagem 36_ "3 T'S AOS 3C'S"	P[68]
Produção Própria a partir de vários, Maio 2012	
Imagem 37_ "SEM TÍTULO"	P[70]
Autor Desconhecido, data desconhecida, [acedido em: Fevereiro 2012], disponível em: http://addict.pt/fotos/editor2/eec_planoaprovadoabril2009.pdf	
Imagem 38_ "GUIMARÃES"	P[71]
Produção Própria, Junho 2012	
Imagem 39_ "GUIMARÃES12"	P[73]
José Carmo, 2012, [acedido em: Outubro 2012], disponível em: http://www.jn.pt/multimedia/galeria.aspx?content_id=2251250	
Imagem 40_ "GUIMARÃES12-1"	P[75]
Produção Própria a partir de vários, Setembro 2012	
Imagem 41_ "GUIMARÃES12-2"	P[77]
Produção Própria, Setembro 2012	

- Imagem 42_ "BARCELONA"** P[79]
Produção Própria, Julho 2012
- Imagem 43_ "BARCELONA 22@"** P[81]
Produção Própria, a partir de vários, Julho 2012, imagens disponíveis em:
<http://www.22barcelona.com/>
- Imagem 44_ "BARCELONA 22@-1"** P[84]
Produção Própria, a partir de vários, Julho 2012
- Imagem 45_ "BARCELONA 22@-1"** P[86]
Produção Própria, a partir de vários, Julho 2012
- Imagem 46_ "FÁBRICA"** P[88]
Produção Própria, Abril 2012
- Imagem 47_ "ESPINHO"** P[89]
Produção Própria, Abril 2012
- Imagem 48_ "PLANO DE MELHORAMENTOS DE ESPINHO"** P[90]
Autor Desconhecido, 1970, [acedido em: Outubro 2011], disponível em: Revista
Portugal Local nº11 Ano 1, Junta de Freguesia de Espinho
- Imagem 49_ "ESPINHO1"** P[93]
Produção Própria, Março 2012
- Imagem 50_ "ESPINHO2"** P[95]
Produção Própria, Março 2012
- Imagem 51_ "ESPINHO3"** P[97]
Produção Própria, Novembro 2012
- Imagem 52_ "ESPINHO4"** P[99]
Produção Própria, Maio 2012

Imagem 53_ “ESPINHO5”	P[101]
Produção Própria, Maio 2012	
Imagem 54_ “ESPINHO6”	P[103]
Produção Própria, a partir de vários, Julho 2012	
Imagem 55_ “ESPINHO7”	P[105]
Produção Própria, Maio 2012	
Imagem 56_ “ESPINHO8”	P[107]
Produção Própria, a partir de vários, Agosto 2012	
Imagem 57_ “REGENERAR ESPINHO”	P[112]
Produção Própria, Julho 2012	
Imagem 58_ “REGENERAR ESPINHO1”	P[114]
Produção Própria, Julho 2012	
Imagem 59_ “REGENERAR ESPINHO2”	P[116]
Produção Própria, Julho 2012	
Imagem 60_ “REGENERAR ESPINHO3”	P[118]
Produção Própria, Julho 2012	
Imagem 61_ “REGENERAR ESPINHO4”	P[120]
Produção Própria, Julho 2012	
Imagem 62_ “REGENERAR ESPINHO5”	P[122]
Produção Própria, Julho 2012	
Imagem 63_ “REGENERAR ESPINHO6”	P[124]
Produção Própria, Julho 2012	

Imagem 64_ “REGENERAR ESPINHO7”

P[126]

Produção Própria, Julho 2012

Imagem 65_ “REGENERAR ESPINHO8”

P[128]

Produção Própria, Julho 2012

Imagem 66_ “REGENERAR ESPINHO9”

P[130]

Produção Própria, Julho 2012

Imagem 67_ “ESPINHO VERÃO- ESPINHO INVERNO”

P[133]

Produção Própria, Julho 2012

A noção de políticas de actuação das cidades alterou-se ao longo dos tempos. Actualmente, este é um conceito bastante abrangente e já não se enquadra nos conceitos de outrora.

Pretendemos abordar um pensamento sobre o novo *modus vivendi*, falando do homem contemporâneo e tentando descobrir as suas inquietações, numa sociedade que numa primeira abordagem, por vezes, se pode tornar bastante antagónica. Algo que nos levará a questionar o papel da criação e da cultura neste novo contexto. A criatividade assume-se agora como uma plataforma interactiva que acrescenta valor às cidades. Ela é factor de crescimento e desenvolvimento estratégico do território no que diz respeito ao crescer inovando e chamando novos talentos.

Através da pesquisa, tentamos expressar novas abordagens às cidades partindo do equacionamento do papel da criatividade na construção duma economia criativa.

Além disso, foram elaboradas diversas entrevistas com o intuito de perceber o papel da criatividade na cidade, no contexto real, por pessoas que estão dentro de áreas como a Economia, a Cultura e as Indústrias Criativas.

O trabalho resulta num pensamento dos novos modos de “ocupar” espaços, viver em sociedade e capitalizar o Capital Humano.

PALAVRAS- CHAVE: Homem, Capital Humano, Criatividade, Rede, “Re-Cooperação”, Co-work.

Over time, the notion of action policies in the cities has changed. Nowadays this is a wide broad concept and it does not fit in past concepts.

Our intent was to approach a new thinking of the *modus Vivendi*, addressing the contemporary man trying to find his un settlements, in a society that sometimes, at first sight, can become quite antagonistic, which will lead us to question the role of creation and culture in this new context. Now, Creativity has become an interactive platform that adds value to the cities. It is a factor of growth and strategic development of the territory that leads to innovation and the appeal to new talents.

Through the research we tried to express new approaches to the cities , starting with the role that creativity has in the construction of creative economy.

Besides the research were elaborated innumerous interviews with the aim of understanding the role of creativity in a city, real context, by people that are related to certain areas such as: economy, culture, creative industries, etc...

The paperwork, results in a new thinking of a new ways of occupy, spaces, living in society and capitalizing human capital.

Keywords: Man, Human Capital, Creativity, network, "Re-Cooperation", Co-work.

Introdução

Falaram-me os homens em humanidade,
Mas eu nunca vi homens nem vi humanidade.
Vi vários homens assombrosamente diferentes entre si.
Cada um separado do outro por um espaço sem homens.
Alberto Caeiro, "Fragmentos"

Quem é o Homem do século XXI?

O que procura?

O que o inquieta?

Como aborda os problemas do quotidiano, adaptando-se às diversidades contemporâneas?

No presente documento, pretende-se levantar questões que relacionem Cidade /Homem Contemporâneo/ Criatividade, partindo das suas preocupações, numa sociedade em constante mutação - de valores ou espaços.

A cidade preocupa-o e ele, agora, investe em novas políticas de actuação. Não só na criação está a génese do construir cidade, mas também na recuperação e revitalização. O homem contemporâneo centra-se em questões sociais, políticas e económicas para dar resposta aos problemas da cidade. Assim, ao resolver os problemas recorrendo à criatividade, ele constrói uma cidade criativa.

É este modelo urbano de cidade criativa que aqui abordamos como uma nova visão da "Fábrica Industrial", onde se produz em "série", transformando-se na "Fabrica do Conhecimento e Ideias", agora habitada por uma classe activa e criativa, que aporta valor à cidade, trazendo novas ideias, novas filosofias de vida e novas maneiras de habitar espaços. Espinho foi o suporte desta investigação, uma vez que no sul da cidade (Zona Indústrial) existem diversos edifícios fabris abandonados e devolutos, que influenciam a vida dos cidadãos que, diariamente, convivem com estes.

Esta é a grande motivação que nos levará ao projecto final: como adaptar os espaços a novas funções e necessidades?

Para o desenvolvimento do documento, usou-se o método de exploração bibliográfica, apoiado em livros, artigos, internet, sem esquecer as entrevistas que foram efectuadas e o ensaio projectual.

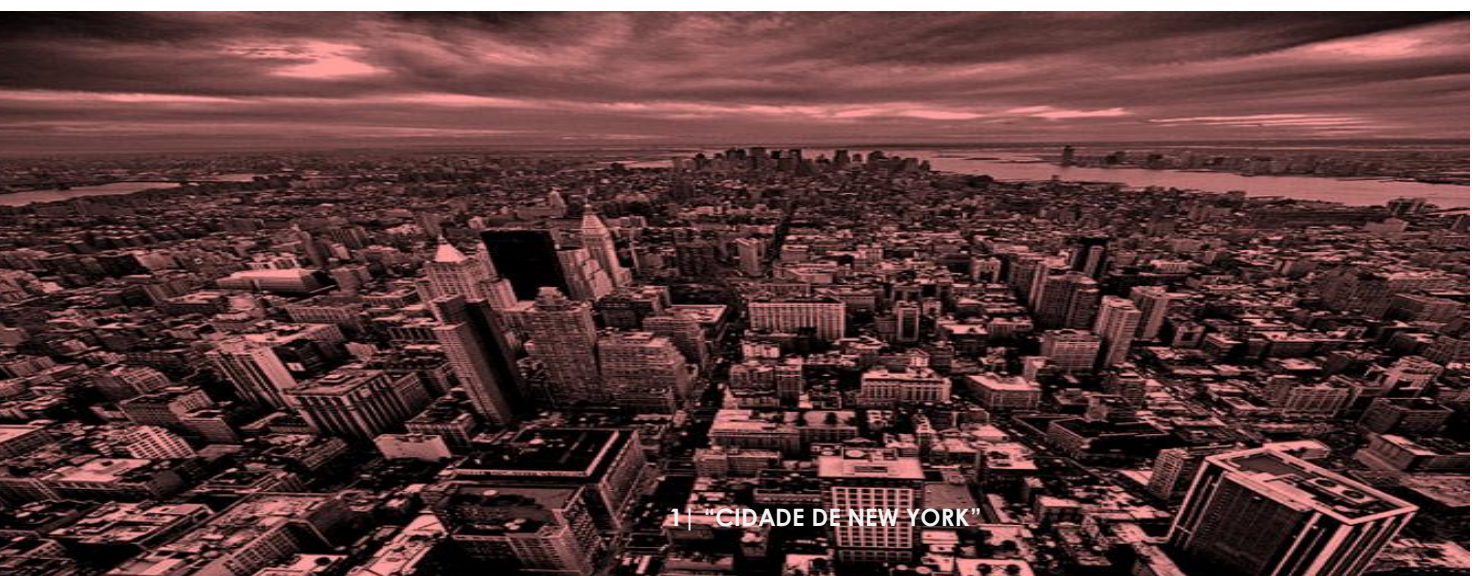
A sua estrutura formal divide-se em dois capítulos, sendo o primeiro uma abordagem contextualizada do tema a tratar, tentando equacionar o papel do Homem na sociedade, as suas preocupações e exigências, a par da forma como se poderão traduzir em estratégias urbanas. No segundo capítulo, tenta-se aplicar a "Criatividade" no território da cidade de Espinho.

Pretende-se, assim, com o objecto de estudo, olhar de um modo criativo para qualquer tecido urbano, percebendo as suas necessidades e intervindo de modo sustentável num território ávido que necessita de intervenção e de chamar gente activa.

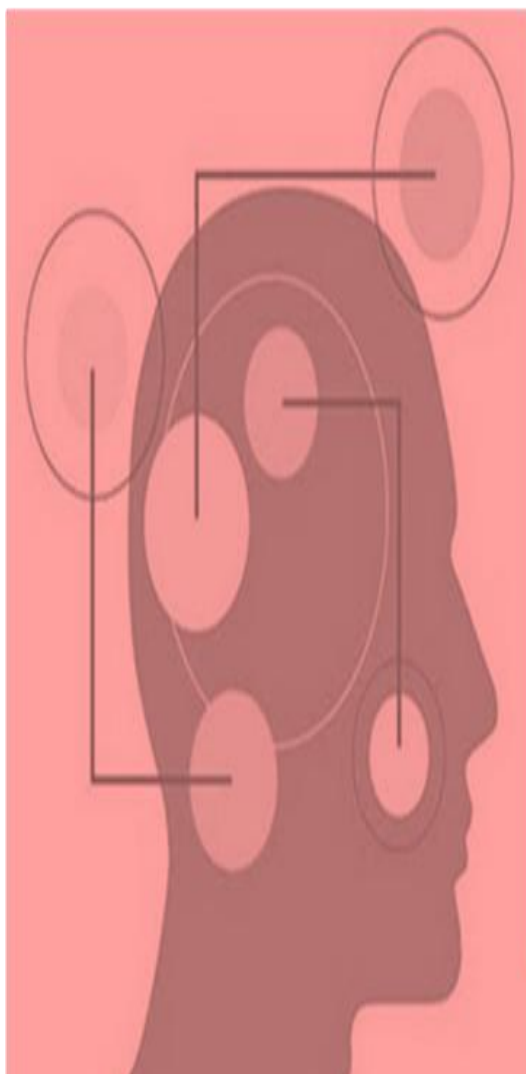
"So the central question is how do cities become more creative and innovative? How can they implement new ideas and anchor them in reality? What are the preconditions? How do cities sustain imaginative processes? How do they establish and operating environment that fosters joint learning, growth and fulfillment within and between organizations? How, in short, can bring into being a "creative city" across all the dimensions of urban life?" Charles Landry (2007: 76)

A mutação cultural que emerge no séc. XXI

Capítulo I



1 | "CIDADE DE NEW YORK"



ALUGA-SE



Foro montagem

1.1 Quem é o Homem do séc. XXI?

Quem é este Homem que se diz contemporâneo? O que procura?

“ Não consigo evitar o receio de que os homens cheguem ao ponto de ver em toda a teoria nova um perigo, em toda a inovação um problema penoso, em todo o progresso social um primeiro passo para a revolução, e se recusem terminantemente a mexer-se” Alexis de Tocqueville (in Tony Judt, 2011:17)

O Homem do século XXI quebrou com as tradições, pretende seguir um novo rumo, um novo pensamento...

Quem será ele?

Sempre interagiu com a natureza, espaço físico e com os seus pares. Ser social – modos de viver e de ser, do seu conhecimento/tradições/cultura – conhecimento de técnicas, modos de actuação e saberes que se vão transmitindo geração após geração, saberes intrínsecos adquiridos pela experiência; relacionamento com o ambiente próximo, de acordo com os parâmetros estabelecidos, que determinam o modo como intervém.

Move-se numa sociedade que se quer solidária. Uma sociedade que se diz de partilha, de ajuda ao próximo na construção de um futuro melhor... uma sociedade contemporânea, contudo visionária.

Ao falarmos de sociedade contemporânea, a quem nos referimos?

Homem, e porquê contemporâneo?

O Homem é um mamífero primata, sociável que se distingue dos outros animais pelo dom da palavra e do desenvolvimento intelectual. Contemporâneo porque é do nosso tempo. Então, o Homem contemporâneo será um indivíduo do nosso tempo, que aproveita as suas capacidades de raciocínio e inteligência, para interagir em sociedade.



Organiza o espaço em sua função, usa-o e apodera-se dele, tornando-o seu e tão funcional quanto possível, à sua medida. Sendo assim, cada indivíduo pretende um espaço seu, usufruindo dele e de si próprio, onde se sinta confortável num mundo em constante evolução e mudança, que não pára, que não espera, em permanente mutação numa vertente material e espiritual.

Falo aqui do Homem em duas dimensões: o homem enquanto matéria, dimensão, peso e espaço; e o homem espiritual: comportamentos, sentimentos, desejos e ansiedades.

Este tenta compreender-se, consciencializar-se dos seus problemas e, quando se encontra, vê-se numa situação de dúvida, de transformação permanente que o torna por vezes num ser acrítico, incapaz perante os contextos que o envolvem. É este o homem contemporâneo, um ser em busca de uma identidade construída com base numa complexidade de sinergias que ele próprio, por vezes, desconhece!

“ O homem de hoje é mais flexível a novos valores. Ele aceita mais facilmente. Entretanto, isso não quer dizer que os descompassos deixaram de existir” Marcelo Silva Ramos, (in Jornal da UFRJ, 2006 :15)

Uma das características do espaço contemporâneo é a sua descontinuidade e a sua complexidade organizacional.

Cidades, estruturas urbanas rendidas até há bem pouco tempo à especulação imobiliária, espaços públicos ou “vazios urbanos” renegados para locais inusitados que não são mais que sobras no tecido urbano... “parques de cidade” e, -há-os como bons exemplos- que acabam por ser a manifestação mais visível das preocupações do homem com o desenho dos espaços “não construídos”, mas que se querem organizados e potenciadores de vivências salutareis.



Estamos perante uma sociedade, já chamada de sociedade da comunicação, detentora de um acesso cada vez mais facilitado à informação, o que a torna mais exigente, mais reivindicativa e interventiva na tomada de decisões sobre as intervenções no território...

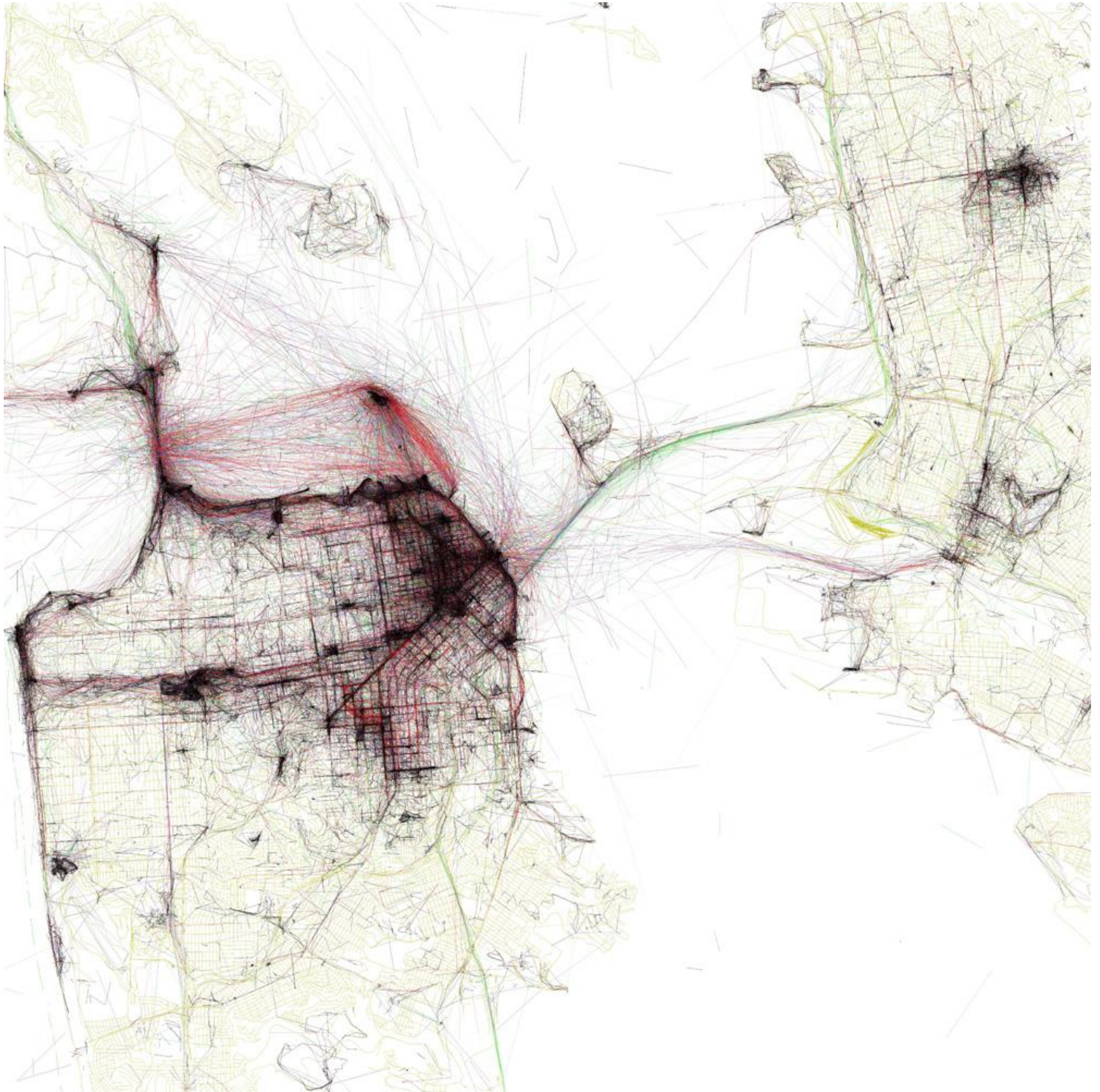
*"o homem começa agora a olhar para o espaço da cidade e ela preocupa-o..."*Fernando Távora (2004 : 36).

... É nele que se desloca, que trabalha, que vive. Exige que esse espaço seja qualificado, seja estudado e não deixado aos imprevistos por vezes precários, implorando exaustivamente soluções belas e funcionais, aliando as novas tecnologias à facilidade de manuseamento, elementos facilitadores do seu dia-a-dia.

Contudo não basta a consciência. É necessário tornar-se interventivo e crítico, ou então vai continuar a assistir a retrospectivas passadas e de má memória.

Está em busca de um equilíbrio entre o individual e o colectivo, um homem que sem perder a sua identidade consiga estruturar-se enquanto ser social... como diria Arthur Rimbaud " Eu é um outro".

Não nos podemos abstrair que o referido desenvolvimento urbano, estruturado em modelos económicos e sociais, que se esqueceram amiúdo do homem nas suas várias valências, acabou por ser gerador de tumultos sociais, revoluções que ainda hoje não são consensuais ao determinar a sua génese. Tudo porque nem sempre se aprofundou de que modo o espaço, o desenho do território, as vivências que promove suscitaram insatisfações que quando tornadas colectivas acabaram por mudar o rumo da história.



“As cidades são espaços de reconhecimento de diferenciação sem conotação de valor e de comunhão, são espaços de diversidade cultural. O Homem entendido como ser único, visto todos termos algo de insubstituível, entre iguais. É na condição pública, do espaço que não é o da nossa intimidade, que se joga o futuro. A partir do espaço público tudo deve adquirir sentido. O espaço público é o elemento estrutural da unidade do todo. Elemento de visibilidade pura, no diálogo entre os outros elementos da cidade. É o vazio que suporta o edificado. E o vazio não é o nada, é a possibilidade das coisas aparecerem” Bernardo d’Orey (in Mário Alves, 2010: 50)

Não podemos dissociar o homem do contexto em que está inserido, o urbanismo, versus, a arquitectura é uma realidade concreta, condicionadora. Não estamos perante uma criação livre ao conceber que o homem, com maior ou menor pretensiosismo, caracteriza o espaço e acaba por lhe dar um significado.

A novos conceitos um novo Homem, e agora, a cidade preocupa-o.

Será este um Homem predominantemente urbano?

Estaremos a caminhar, perigosamente, para uma sociedade urbana onde surgirão novas metrópoles densas, as denominadas “mega metrópoles” ou, como diria François Ascher, as “Metapólis”, cidades de crescimento desmesurado que, consciente ou inconscientemente, não vão resistir à tentação de concentrarem toda a população num mesmo pólo, impondo-lhes um *modus vivendi* padronizado.

Pelo papel de “resistente” passa o papel do arquitecto, que ao desenhar/pensar o território, condiciona a vida de todos os cidadãos, pela positiva ou não, sem nunca descurar que a sua intervenção não é inócua.



Hoje, intervém-se com um maior pragmatismo. Acreditamos deter e manipular conceitos com algumas certezas, vivemos mudanças repentinas e constantes, assumimos uma sociedade em constante transformação.

O Homem do século XXI não estabelece fronteiras, alterou os conceitos de espaço fruto das novas tecnologias, tornou-se um ser universal com novas necessidades de comunicação, de interacção com o outro. O conceito de espaço público ou privado, de praça ou de residência, de relações de vizinhança, de proximidade ou de distância já não se restringe ao território físico.

Hoje, à distância de um "click", temos tudo, seja em casa, no carro, no trabalho, na rua...

"Uma revolução tecnológica, centrada nas tecnologias de informação, começou a remodelar, de forma acelerada, a base material da sociedade. Em todo o mundo as economias tornaram-se globalmente interdependentes, introduzindo-se uma nova forma de relacionamento entre a economia, o Estado e a sociedade, num sistema de geometria variável" Manuel Castells (2007 :1)

Por vezes, a utilização destes sistemas de troca de informação, as redes, (sistemas com uma morfologia bastante abrangente e muitas vezes ilimitada), faz com que nos tornemos nuns "Cyber corpos"- comunicamos num cyberspaço. Poderemos falar num processo de aculturação por vezes pouco evidente mas tão forte que acabou por determinar os parâmetros de alguns movimentos, sociais, culturais, económicos... recentes. São as redes sociais como é o caso emergente do "Facebook", um mundo virtual de interacção, onde se criam perfis, e se partilha o dia-a-dia, num misto entre o real e o virtual.

AWAKE

"The greatest revolution of our generation is the discovery that human beings, by changing the inner attitudes of their minds, can change the outer aspects of their lives." –William James



REVOLUTION

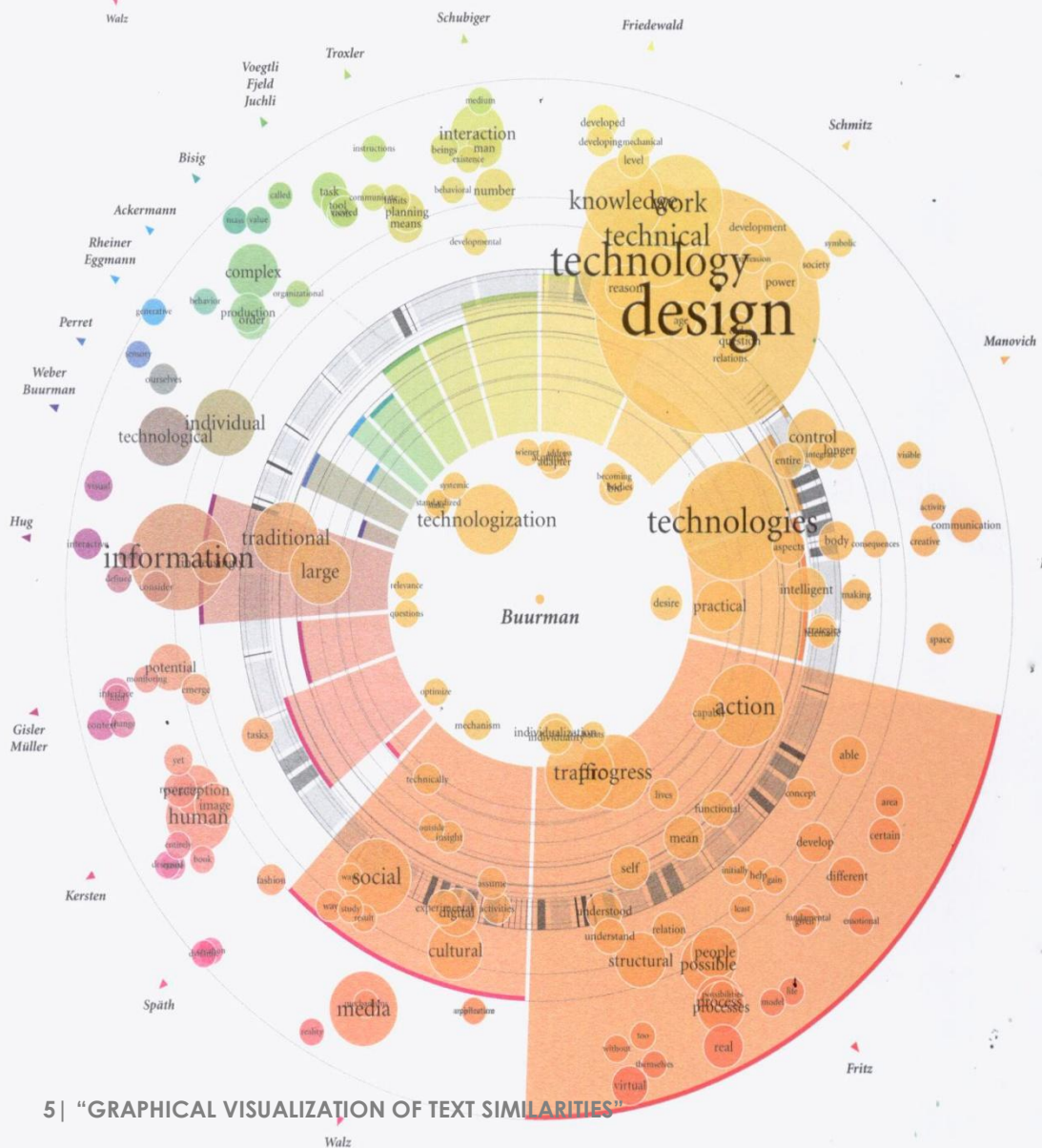
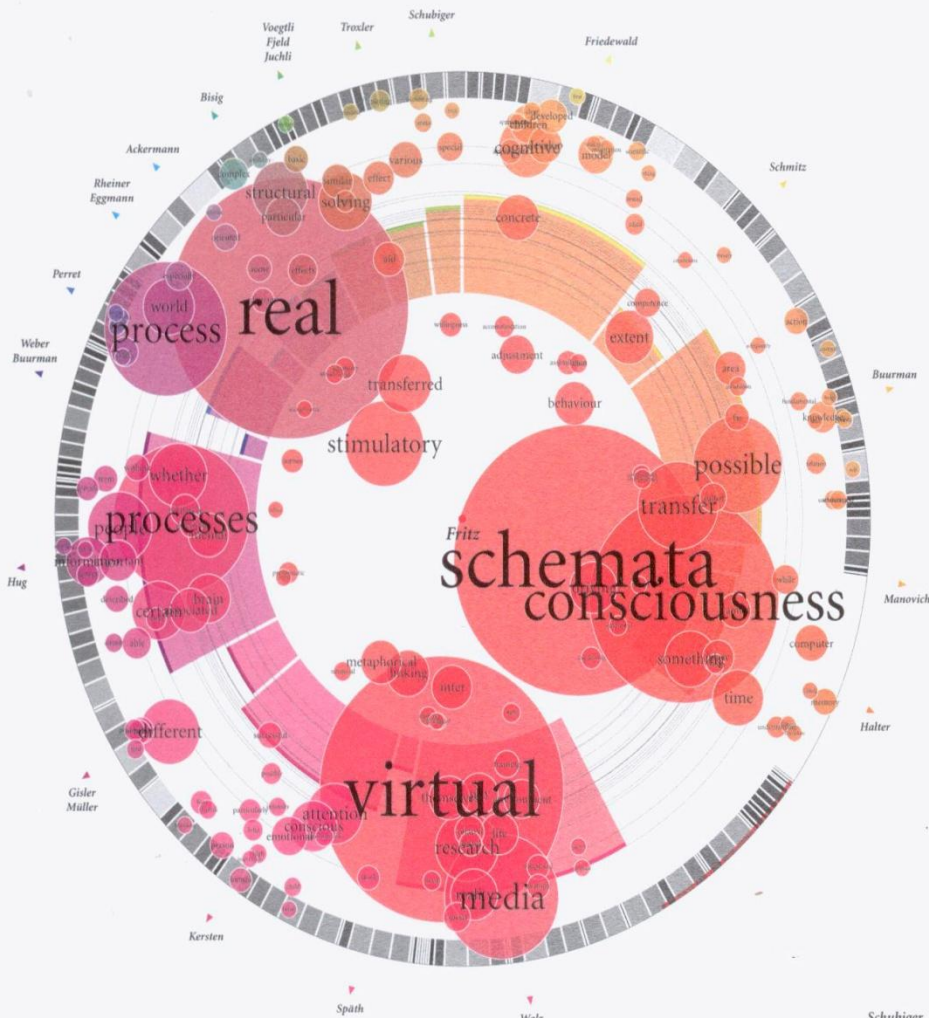
““O ponto-chave reforçado por Wellman é relembrar que as “comunidades virtuais” não são na sua génese opostas às “comunidades físicas”: são diferentes formas de comunidade com regras e dinâmicas específicas, que interagem com outras formas de comunidade” Manuel Castells (2007 :469)

Cada “indivíduo/grupo” assume-se como uma peça integrante de um puzzle que, ainda diminuta, representa um dos pilares de um todo social. O modo como este se identifica com o seu território, os modos de o entender, os modos de intervir e o testemunho para as gerações posteriores são as premissas para um trabalho que consideramos decisivo, para que não se promova uma clivagem cada vez mais visível entre o indivíduo e a sociedade onde se encontra inserido.

Na actualidade, o homem acaba, muitas vezes, por construir as suas relações tendo por base o virtual, relações que acabam por se assumir com um carácter mais fragmentado, mais frágil. Estamos perante um caminho com riscos. Eventualmente valerá a pena corrê-los, contudo não o desumanizemos, não o tornemos o centro de si mesmo, caso contrário criaremos seres egocêntricos.

Paulatinamente, o homem moderno vem perdendo o sentido cívico da obrigatoriedade de intervir, da consciência da sua co-responsabilidade. A demissão, um sentimento de não valer a pena, não o iliba.

A comunidade enquanto estrutura base, onde se estabelecem inter-relações baseadas numa identidade assente em diferentes parâmetros, consoante o caso em apreço, encontra-se moribunda. Cada vez menos se assume como uma estrutura feita de cumplicidades, quase como um sentimento de autodefesa colectiva perante as agressões exteriores. Estamos a cada dia que passa perante um somatório aleatório de indivíduos de objectivos díspares, um pouco à imagem do que a cidade lhe proporciona.



Este sentimento, atrás referido, representa o desenraizamento social, cultural e porque não familiar. Tudo em prol de um “desenvolvimento” que, por vezes, não é mais do que um armazenar de ambições desmesuradas, como se as pessoas não se organizassem segundo laços que o tempo definiu e consolidou como uma pseudo “muralha” que a todos protegia, um bem colectivo, a razão da sua existência colectiva. Falamos tanto a nível social como urbanístico.

A emergência dos novos paradigmas torna o Homem mais consciente e responsável no modo como interage no território, permite-lhe ganhar um novo sentido cívico. Acreditamos no emergir de um novo Homem, não submisso perante as estruturas tradicionais, sejam elas sociais, políticas ou culturais. Assume um novo rumo, emergem novas formas de intervenção.

Reinventemos a democracia: as actuais estruturas políticas, a nosso ver, estão esgotadas, não passam de centros de tráfego de influências, de jogos de interesses pessoais, esquecendo-se do seu propósito inicial, o da defesa de um interesse colectivo. A democracia representativa já não se adequa aos novos tempos. Reinvente-se uma nova ordem política, porque a económica já emerge.

A cidade por princípio é feita pelo Homem para o Homem, pelo que ao Homem deve ser dada a prioridade na definição das linhas gerais que vão definir o seu desenvolvimento.

Ao Homem corresponderá a sua “pequena cidade”, a casa o seu refúgio, à comunidade corresponderá a “cidade”, o território. Se o cidadão não se identificar com a sua cidade, com os seus espaços, com os seus equipamentos, então algo falhou.

Em tempos, as tardes solarengas eram sinónimo de belos passeios em belos jardins- houve quem lhes chamasse de “Passeios por Jardins Românticos”- passeios infinitos que começavam e acabavam à saída de casa após o caminhar lento pela cidade, ritual incutido na tradição familiar, prática social intrínseca a qualquer cidadão.



10 | "SEM TÍTULO"



11 | "SEM TÍTULO"

O espaço público tornara-se privilegiado. Vejam-se as obras de Georges Seurat com parques cheios de gente a partilharem o gosto pelo ar livre, usufruto do espaço público, fosse jardim, praceta, praça, parque ou o simples banco na rua.

Até hoje, dificilmente se partilhavam espaços e (porque não) vontades. Ao ter a iniciativa, tal acto é visto como uma invasão à privacidade, como se naquele momento, o comum deixasse de existir.

Paradoxalmente, à aparente abertura de mentalidades surgia um sentimento de desconforto crescente e a vontade de isolamento ia aparecendo, o conceito de refúgio ia tomando posse do indivíduo. O medo das perguntas do...

“Eh, pa, deixa-me abrir contigo; Desabafar contigo; Falar-te da minha solidão; Ah, é bom sorrir um pouco; Descontrair um pouco; Eu sei que tu compreendes bem” (letra de Jorge Palma), tornava-se cada vez mais emergente.

O passado é, na realidade, se consciente, uma fonte de informação que se pode e deve utilizar de forma crítica, sem sentimentos serôdios nem despropositados.

Evolução sim, mas sustentada.

Vivemos numa sociedade democrática, a liberdade de expressão é um valor indiscutível, a participação activa na comunidade uma exigência, pois a sociedade é constituída pela voz/rosto de cada um. Porém, cabe maioritariamente aos responsáveis políticos e aos responsáveis pela gestão do território, estabelecer leis urbanísticas, políticas, sociais ou económicas que ditem as regras de utilização.

No entanto, muitas vezes, estes responsáveis mais não definem que políticas efémeras, questionáveis e prejudiciais. A contestação dará o mote à intervenção do Homem contemporâneo.

PIERNAS



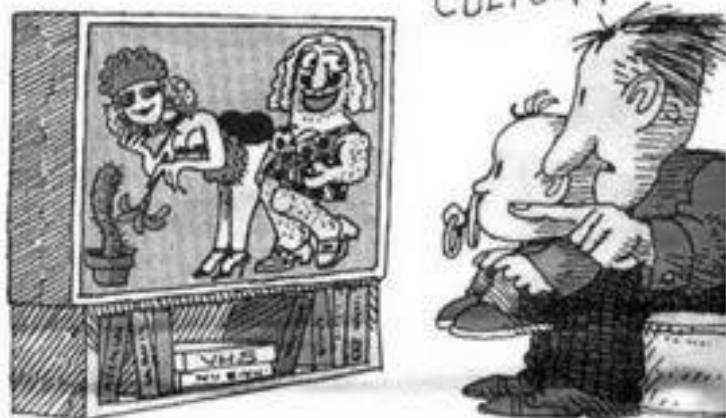
CEREBRO



CONTACTO HUMANO



CULTURA



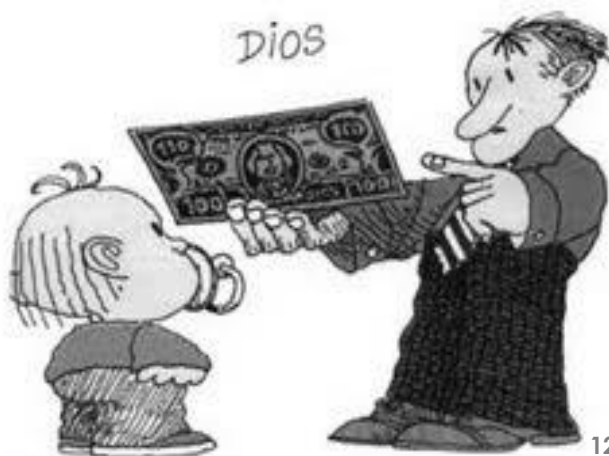
EL PRÓJIMO A QUIEN AMAR



IDEALES, MORAL, HONESTIDAD



DIOS



ES IMPORTANTE QUE DESDE PEQUEÑO
APRENDA BIEN COMO ES TODO.



O mundo parece imerso numa profunda crise económica e social e os valores anteriormente perenes estão em constante mutação. Hoje, confundem-se valores patrimoniais com simples acções gratuitas e vazias de substância, substituem-se pessoas por máquinas... o valor humano quase se encontra desprovido de sentido.

Há que repensar estes parâmetros...

1.2 Cultura como uma plataforma para uma acção criativa

O mundo contemporâneo está repleto de desequilíbrios. Deste modo, cabe ao homem criativo redefinir os parâmetros e organizá-lo de um modo visionário.

“Não são possíveis quaisquer grandes melhorias no destino da humanidade, até ocorrer uma grande mudança na constituição fundamental dos seus modos de pensamento” John Stuart Mill (in Tony Judt 2011: 147)

O conceito de mobilidade mudou como o de tempo e de lugar. Hoje reporta-se à necessidade do Homem se mover, de interagir, de se conhecer perante o outro. É isto que nos humaniza e nos obriga a inventar novos modos e meios de nos conhecermos. Ao especularmos sobre o conceito de mobilidade, estamos perante novas formas de comunicação, novas formas de entender o tempo e o espaço.

Torna-se cada vez mais premente conciliar os sistemas de mobilidade com o viver a cidade e com a qualidade ambiental que se deseja para o território, aspectos cada vez mais preocupantes, desafios para as novas gerações, as novas políticas de desenvolvimento do território, as novas políticas culturais.

Nasceu um novo conceito de espaço e de tempo, raiando um espaço virtual a que todos parecem recorrer.

A necessidade de mobilidade, de troca de informação facilitada, fez com que os axiomas criados nas relações interpessoais mudassem e, com estas, mudam os conceitos de propriedade, de residência, de família, de amigos. Quem será este novo “Homem contemporâneo”?



As novas gerações já não parecem assumir valores absolutos e imutáveis. Hoje, partilham a casa, o trabalho e as ideias.

Assiste-se, agora, a um novo modo de pensar, abrem-se novas perspectivas, opções de futuro estão permanentemente abertas/receptivas não só à questão da mobilidade, também à definição de um novo conceito de relações interpessoais. A este novo conceito corresponderá uma nova definição de território, de propriedade física ou intelectual, de relacionamento e, porque não, de família.

Novos modos de abordar os espaços, reaproveitando, revitalizando. Um novo modo, um caminho emergente para a criatividade, uma oportunidade de criar novas formas, um novo ocupar mais contemporâneo.

“...as cidades vêm a conferir ao seu património histórico e monumental enquanto recurso da sua própria imagem...no entanto, ressalta que nem o reconhecimento da existência de um património monumental nem as proporções com a sua preservação bastam, por si, para que este tenha uma função no processo de destradicionalização. É preciso “pô-lo em prática”, torná-lo acessível, consumi-lo e usá-lo de modo criativo. Carlos Fortuna (1997: 237)

Cultura, um património caído em desuso?

Ou, por vezes, um conveniente esquecimento da herança do passado?

A Cultura procura reconhecimento, não tem pudor em homenagear os seus melhores representantes, seja com placas de ruas e praças com os seus nomes, acto por vezes póstumo como que sinónimo de arrependimento por um reconhecimento tardio, contudo cada vez mais difícil de tomar pela falta na obtenção de consensos em torno de causas ou personalidades.

Left brain

I am the left brain.
I am a scientist. A mathematician.
I love the familiar. I categorize. I am accurate. Linear.
Analytical. Strategic. I am practical.
Always in control. A master of words and language.
Realistic. I calculate equations and play with numbers.
I am order. I am logic.
I know exactly who I am.

Right brain

I am the right brain.
I am creativity. A free spirit. I am passion.
Yearning. Sensuality. I am the sound of roaring laughter.
I am taste. The feeling of sand beneath bare feet.
I am movement. Vivid colors.
I am the urge to paint on an empty canvas.
I am boundless imagination. Art. Poetry. I sense. I feel.
I am everything I wanted to be.

Da heterogeneidade à disparidade de objectivos resultam dúvidas- e não falamos de uma dúvida metódica para lembrar René Descartes, mas das incertezas perante um futuro pouco lisonjeador, da falta de sustentabilidade nas formações, da perda de objectividade, em que tudo, da música, à estética, filosofia, arquitectura, arte, história, é permanentemente questionado como se estivéssemos perante uma nova geração de iluministas.

A ser verdade esta visão do “Hi-man”, introduzida anteriormente, enquanto homem com uma visão egocêntrica do mundo, que torna a cultura na última tábua de salvação, se nos permitem dizê-lo, como o último reduto quando se extremam as situações. Os valores interiorizados, porque são genuínos, ganham realce quando as pessoas saem do seu contexto, estas agarram-se aos valores e referências até aí alicerçados.

Paradoxalmente, perante a globalização destes valores, o Homem encontra conforto voltando às suas raízes, num regresso à terra, para se recolocar e interagir perante um contexto por vezes adverso. O valor da cultura torna-se assim uma premissa fundamental na construção de um novo futuro.

*“Vivemos em tempos de acelerado desenvolvimento, tempos em que as possibilidades tecnológicas se desenvolvem a um ritmo assustador. Se não quisermos deixar-nos dominar pela máquina ou degenerar numa massa informe, é precisa uma rápida adaptação também ao nível social, feita com perspicácia e conhecimento”*Benchtl (in Carlos Fortuna 1997: 169)

Como mencionado anteriormente, emerge uma nova mentalidade alicerçada a uma juventude, sem idade e ávida de protagonismo, com sentimentos contraditórios perante a sua própria cultura, ou pelo menos, cada vez mais renitente perante processos de aculturação. É a irreverência de uma sociedade inserida num movimento de globalização que se afigura cada vez mais estranho e descontrolado, em que a tecnologia e as novas ideias económicas, se apresentam ao serviço de movimentos desprovidos de pudor, numa corrida a um capitalismo desenfreado, de diferentes índoles.



É necessário inventar um novo Homem? Com uma nova mentalidade?

Ciente do passado e gerador de movimentos de aculturação conscientes? Um Homem, mais que inteligente, promotor de inteligências.

“Cada vez mais, as pessoas organizam o seu significado não em torno do que fazem, mas com base no que são ou acreditam ser. Enquanto isso, as redes globais de trocas instrumentais ligam e desligam selectivamente os indivíduos, grupos, regiões e mesmo países, de acordo com a sua importância no preenchimento dos objectos processados na rede num fluxo contínuo de decisões estratégicas...As nossas sociedades estruturam-se cada vez mais, em torno de uma oposição bipolar entre a rede e o self.” Manuel Castells (2007 :3)

1.3 Sociedade em Rede

Como diria o mestre Agostinho da Silva, precisamos de inteligências mais do que de inteligentes, pois futuramente vão-nos ser colocados desafios que porão à prova as nossas destrezas (skills), em que o resultado será medido com base na sua eficácia.

Não tenhamos receio de assumirmos a nossa identidade cultural. Façamo-lo de um modo consciente, crítico e objectivo, sem complexos “retro” como se o passado nos envergonhasse. A Cultura, enquanto transmissão e sedimentação de saberes, e de conhecimento, contribui para que o homem se compreenda, se consciencialize do contexto onde se encontra inserido e das suas transformações que se desejam conscientes, incutidas de autocrítica.

Lembre-mos do chavão, “”Todos” diferentes, “todos” iguais”.

Igualdade não pode significar falta de exigência ou mediocridade, um branqueamento ao serviço de movimentos de massas como o foi em parte no passado. Deve sim, e cremos que o será, um modo de reconhecermos no outro as nossas próprias qualidades, as nossas capacidades de intervenção, incutidas num propósito comum, porque se não passar de um gesto individualizado não passa de um acto reduzido a um narcisismo repugnante.

“ Reconhecemos as árvores pelos frutos e não pelas suas raízes”. João Brites e Rui Francisco (2009), Arquitectura 21, nº:16, Rio de Mouro :16



16 | "SEM TÍTULO"



17 | "SEM TÍTULO"

“ A qualidade materialista e egoísta da vida contemporânea não é inerente à condição humana. Muito do que hoje parece “natura” remonta aos anos 80: a obsessão de riqueza, o culto da privatização e do sector privado, as crescentes disparidades entre ricos e pobres. E sobretudo a retórica que vem junto: a admiração acrítica dos mercados sem entraves, desdém pelo sector público, a ilusão do crescimento ilimitado.” Tony Judt (2011 : 17)

Também o espaço contemporâneo é caracterizado pela sua heterogeneidade consequência dos pressupostos que têm sustentado o desenvolvimento e ocupação do território, quantas vezes baseado em premissas efémeras, que muitas vezes acabam, por contribuir para a deterioração do nosso habitat enquanto espaço cénico onde se desenvolve a actividade humana.

“”A cidade contemporânea” é uma pesquisa sobre as novas formas de arquitectura que vêm despontando na cidade de hoje e busca explorar as consequências e as possibilidades das transformações em curso” Rem Koolhaas, (in Kate Nesbitt, 2008 : 356)

A construção do espaço – o urbanismo; a construção do edifício – a arquitectura; a manipulação da cultura – a aculturação, traduz-se na capacidade do homem sedimentar o presente, porque da solidez da base em que todo este processo se desenvolve, irá depender a maior ou menor longevidade dos seus actos.

Não existe acto criativo enquanto manifestação incutida de irresponsabilidade, poderá existir algo diferente a que chamarei “improviso”, o qual em algumas circunstâncias até se poderá tornar apelativo, mas o desenvolvimento do homem não pode estar votado a gestos de circunstância.



TOKYO



NEW YORK



PARIS



BEIJING



LONDON



A cidade tem de ser pensada por todos, do espaço colectivo ao privado, do público ao intimista, potenciadores de um desenvolvimento colectivo e solidário baseado em desafios e objectivos transversais. Chamamos-lhe sociabilização até ao reconhecimento do Homem enquanto ser individual.

O desenho deste "cenário, versus, contexto, versus cidade", acreditamos estar nas mãos, entre outros, dos "arquitectos". É este um dos nossos maiores desafios: criar espaços de excelência para um Homem que se deseja de excelência.

Não existe Homem sem humanidade, não existe Homem sem sociedade, não existe Homem sem cultura, não existe criatividade sem insatisfação.

À inquietação do Homem contemporâneo corresponderá a partilha, a utilização, a transformação da sua própria vida, dos seus próprios espaços.

*"A sociedade em rede é a sociedade em que nós vivemos. Não é uma sociedade composta por cibernautas solitários e robôs em telecomunicação. Nem sequer é a terra prometida das novas tecnologias que resolvem os problemas do mundo com a sua magia. É, simplesmente, a sociedade em que estamos a entrar, desde há algum tempo, depois de termos transitado na sociedade industrial durante mais de um século. Mas, da mesma forma que a sociedade industrial coexistiu durante várias décadas com a sociedade agrária que a precedeu, a sociedade em rede mistura-se, nas suas formas, nas suas instituições e nas suas vivências, com os tipos de sociedade de onde surgiu. Mais ainda, (...) um traço essencial da sociedade em rede é que se organiza globalmente e os seus níveis de desenvolvimento são muito diferentes em cada país. Nem todas as pessoas, nem todas as actividades, nem todos os territórios estão organizados segundo a estrutura e a lógica da sociedade em rede."*Manuel Castells (in Leonardo Costa 2006 :17)



Nunca o território, enquanto palco onde se desenrola o “drama” da vivência humana, revelou de um modo tão vincado, a importância da dicotomia, homem, versus, espaço. Consciência da influência que o desenho assume ao condicionar o comportamento do homem nas suas diferentes vertentes, do social ao cultural.

À globalização crescente corresponde um branqueamento, um desvanecimento das raízes autóctones, dando lugar a novos modos de encarar as relações interpessoais independentemente da sua escala, do individual ao grupo, do grupo ao conceito do global sem fronteiras territoriais, de língua, ou de culturas, um modo de organização sustentado em redes.

O desenho do território não se restringe às condicionantes de tempos de outrora, os seus limites são os do homem, o que querará dizer que são cada vez menos perceptíveis na forma, no conteúdo, nos modos de utilização. Símbolos como a identidade de um povo ou uma nação, já não passam por sentimentos serôdios. Se queremos construir a nossa, teremos de acreditar na formação de excelência que se deseja para as novas gerações, -só assim construiremos laços verdadeiramente sólidos e capazes de aglutinar as vontades individuais ao torná-las vontades de um colectivo.

As cidades de hoje são estruturas complexas conscientes do seu papel em diferentes domínios, com especial relevo na vertente económica. As suas fronteiras já não se restringem às barreiras geográficas/políticas, mas expandem-se por um mundo que acaba por se construir numa base virtual, é esta uma das géneses da globalização.

As cidades inseridas num contexto mais amplo são terminais de uma teia ou rede de complexas estruturas, nichos de uma organização económica de contornos indefinidos, porque os agentes em apreço são-no cada vez em maior número, mais heterogéneos, uma realidade já presente nas reflexões de vários sociólogos, entre os quais Friedman.

Left brain

I am the left brain.
I am a scientist. A mathematician.
I love the familiar. I categorize. I am accurate. Linear.
Analytical. Strategic. I am practical.
Always in control. A master of words and language.
Realistic. I calculate equations and play with numbers.
I am order. I am logic.
I know exactly who I am.

Right brain

I am the right brain.
I am creativity. A free spirit. I am passion.
Yearning. Sensuality. I am the sound of roaring laughter.
I am taste. The feeling of sand beneath bare feet.
I am movement. Vivid colors.
I am the urge to paint on an empty canvas.
I am boundless imagination. Art. Poetry. I sense. I feel.
I am everything I wanted to be.



Por fim, as cidades já não são como as conhecíamos, porque o homem deixou de ser a sua bitola. A economia e a cultura deixaram as tradicionais fronteiras e aventuraram-se por escalas nunca antes imaginadas, mais uma vez falamos da globalização.

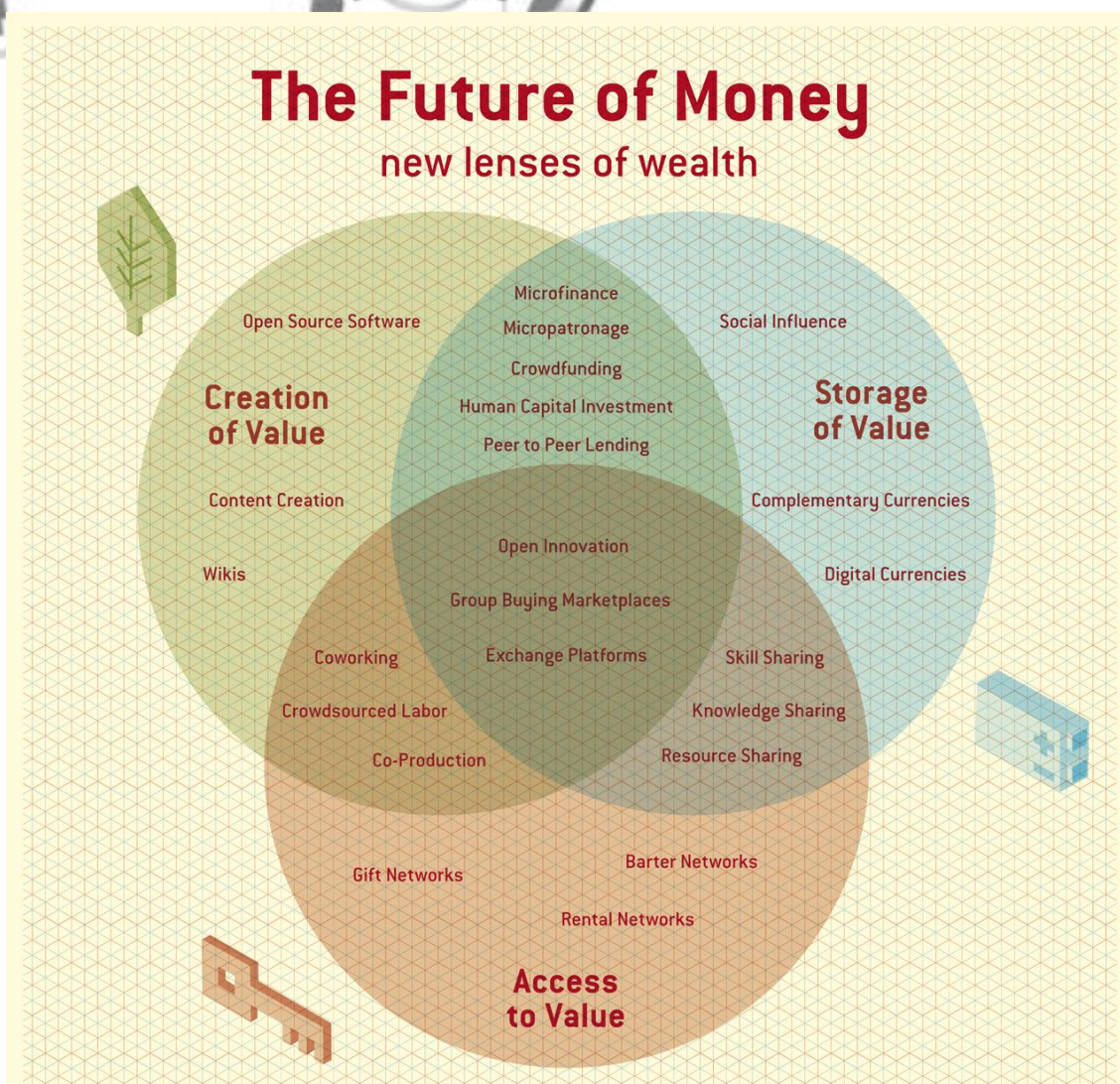
À nova cidade terá de corresponder uma nova ordem, um outro cidadão.

O tempo ganhou uma nova dimensão, as distâncias encurtam-se, como resultado das novas tecnologias. Ninguém quer esperar, a ansiedade domina o pensamento, estamos perante uma geração "just in time". No entanto este aparente imediatismo tem os seus riscos. Só pelo rigor e exigência da informação, se evitará cair num facilitismo, num relativismo permanente, numa globalização sem rosto nem responsáveis, mas que poderá provocar cada vez mais "vítimas".

Nunca foi tão pertinente assumir que temos de nos solidarizar com esta dinâmica globalizante, se não queremos ficar para trás de uma forma irreversível.

"A Participação Individual numa sociedade aberta só tem sentido se tiver por detrás uma aposta sentida e vivida em Ideias e Valores que acreditamos com convicção." Jaime Quesado (2007: 11)

Identificamo-nos com o mote de que a solidez de cada um, do cidadão consciente do seu papel enquanto pilar de uma construção a que chamaremos de comunidade, lhe permite intervir de um modo mais criativo, acabando por construir o seu dia-a-dia com todos com quem se relaciona. As fragilidades "locais" vão sentir-se e repercutir-se na consistência dos nossos actos.



Hoje, as fronteiras ganham uma nova dimensão, não territorial, mas de conteúdo, pelo que o território enquanto o conhecemos, se não vai sofrer alterações geográficas vai ter, no entanto, de ser questionado, nas suas vocações, nos modos de crescimento, no reinventar de um papel diferente para os seus agentes económicos, culturais, sociais e outros. Uma nova cidade, a cidade criativa....

Há que entender a cidade como um organismo vivo que tem de ser analisado à luz de uma nova realidade, não balizada pelos contextos locais, mas cientes deles, capazes de dialogar a uma escala mais vasta, e deste modo aglutinar em si, convidar os outros a participarem nas suas dinâmicas, uma optimização de sinergias que dispersas serão seguramente ineficazes.

"..."cidades globais" (Nova Iorque, Londres, Tóquio) para traduzirem em termos locais e tirarem partido dos processos de globalização, suplantando os seus constrangimentos e tornando-se centros neurálgicos da alta finança, da tecnologia de informação, do marketing e da administração multinacional e dos serviços de ponta. Os critérios de Saskia Sassen são exclusivistas e, ao destacarem os poderes económicos, financeiros e tecnológicos como suporte das "cidades globais", eliminam muitas outras possibilidades, nomeadamente de ordem cultural, que podem globalizar a cidade e torná-la dinâmica"
Carlos Fortuna (1997: 15)

A nova visão de um mundo partilhado por todos e mais acessível através das novas tecnologias de informação e comunicação, embora não escamoteando que os proveitos da sua utilização apenas são auferidos pelas sociedades mais prósperas em detrimento dos países mais pobres, está a ser encarada como uma nova era pós-capitalista naquilo que o termo encerra perante a realidade actual, a procura de uma nova ordem.

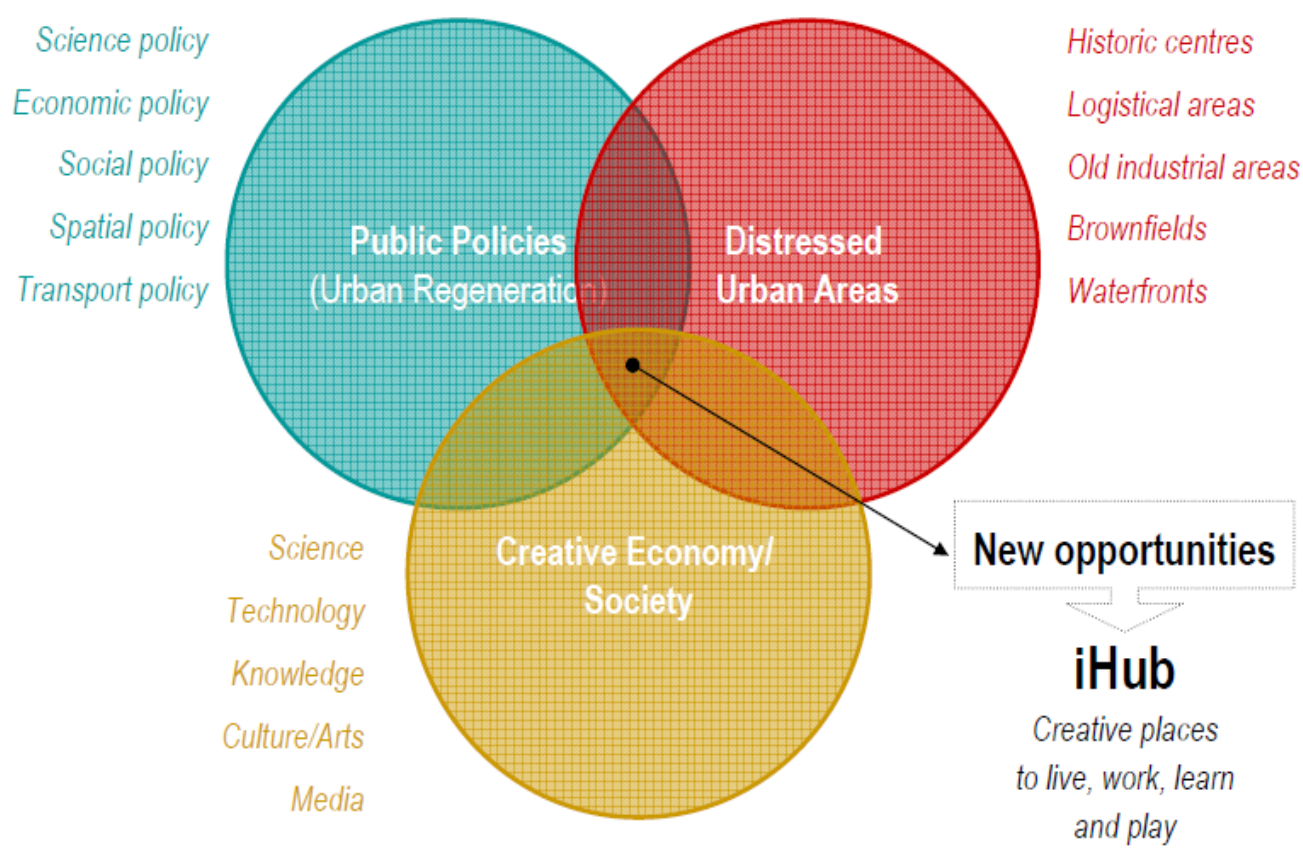
Outrora, a riqueza, o “domínio”, assentava em factores produtivos, de transformação e numa mão-de-obra barata; seguiu-se o controle dos recursos naturais, a sua utilização e disponibilização, uma espécie de chantagem entre estados; passamos pelo domínio das novas tecnologias e na sua disponibilização condicionada; agora, uma economia que transforma e traduz o seu capital económico-monetário num capital criativo, novo, aberto e receptivo a novas perspectivas que, perante um contexto difícil, se vai construindo numa sociedade das novas tecnologias da informação e comunicação, da criatividade, de Bill Gates ou Steve Jobs (criador da Apple), criativos que revolucionaram não só o mercado, como o sentido de sociedade global.

Paralelamente a esta realidade à escala mundial, não descuremos a realidade local (Pequenas e Médias Empresas- PME's), a base de uma economia mais localizada e aparentemente mais sujeita às adversidades do mercado, porque mais pequena, por vezes menos evoluída tecnologicamente e com menos recursos económicos. Contudo, num contexto de crise como o actual, a competitividade e a capacidade de fazer parte de uma ordem económica global, poderá passar pela criatividade e capacidade de incorporar a sua identidade, a sua diferença, neste contexto sem fronteiras.

Actuando em rede, partilhando informações, capitalizando as sinergias comuns, estas pequenas empresas, estes pequenos territórios podem ser prósperos, porque tendo, como dissemos, a sua consistência baseada numa identidade forte e única, acabam por paradoxalmente ser reconhecidas numa estrutura mais globalizante.

Formar-se-ão novas estruturas e consolidar-se-ão algumas já existentes, capazes de introduzir novas dinâmicas que tornem os seus territórios capazes de competir assentes na qualidade e na diferença.

Innovation Hubs



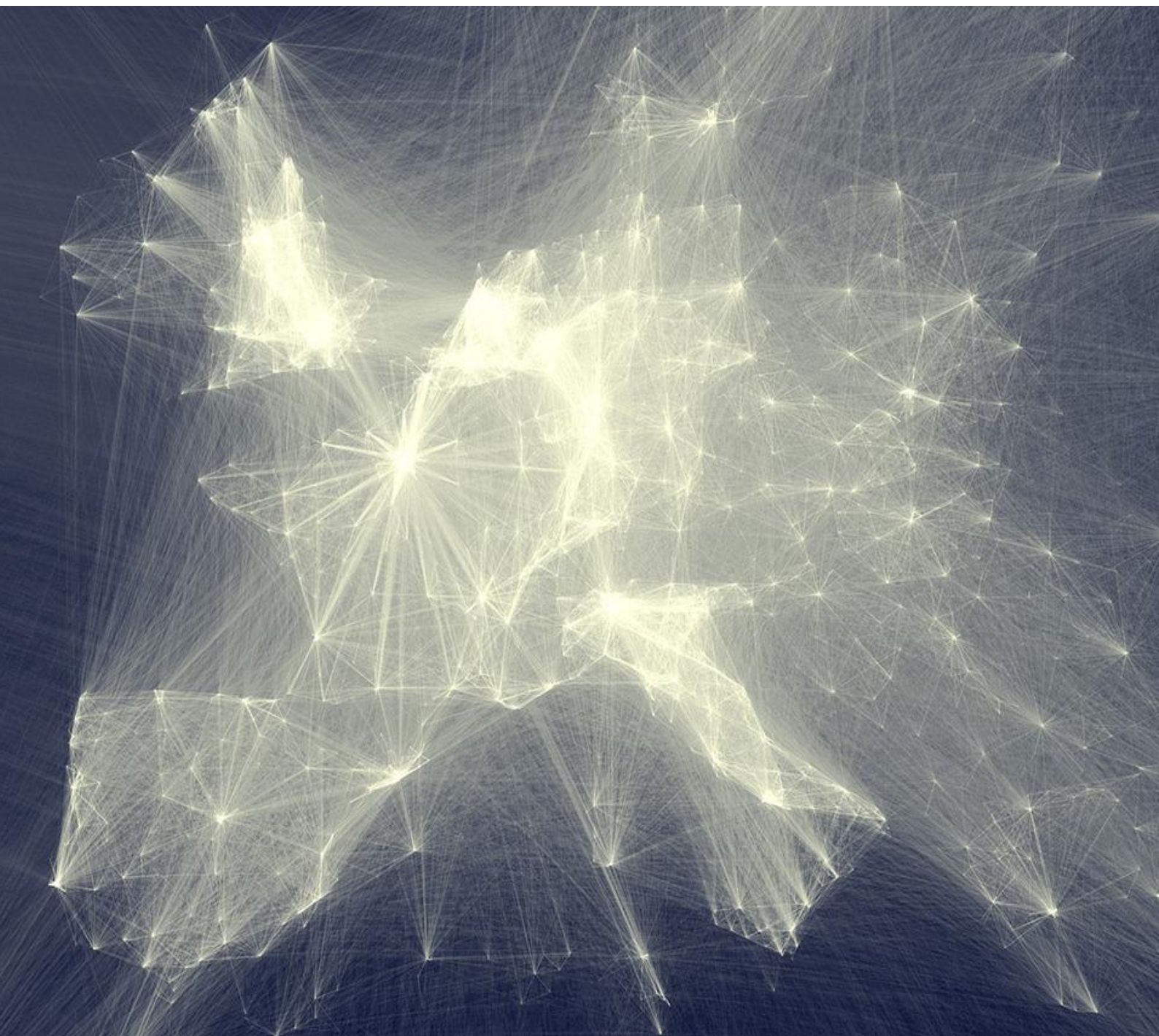
“Se dentro das redes novas oportunidades são permanentemente criadas, fora das redes a sobrevivência é cada vez mais difícil. Perante a rápida transformação tecnológica, as redes, não as empresas, tornaram-se a real unidade operativa. Por outras palavras, através da interacção entre a crise/ mudança organizacional e as novas tecnologias de informação, uma nova forma organizacional surgiu como faceta distintiva da economia informacional/global: a empresa em rede” Manuel Castells (2007 :229)

Um dos actuais paradigmas da “sociedade em rede” passa pela possibilidade da criação de uma estrutura baseada no conhecimento, na criatividade e nas novas tecnologias, factores aliados à inovação. Todo um capital que fora de uma estrutura globalizante nunca será reconhecido e nunca vai ser optimizado nos seus recursos humanos e na informação que detém.

Hoje já não se trocam produtos mas sim ideias, não que as ideias enquanto as concebemos não seja um produto e de grande valor enquanto “moeda” de troca. Este é um conceito recente e inovador, a criação é agora o factor chave para este desenvolvimento.

Nesta perspectiva o lucro não se reduz a uma componente financeira, passa a ser entendido como uma mais-valia que deve gerar oportunidades de intervenção em sentido lato, incorporando em sectores tradicionais como o industrial, o comercial e outros, a cultura, as artes, todas as formas de intervenção artística, que não raras vezes dão o mote, às dinâmicas para os tempos que se avizinham.

Estamos a falar de um novo paradigma ancorado no conhecimento, na inovação e na tecnologia, que dinamiza a cultura de participação, traduzindo-se em valores sociais e comportamentais, numa busca pela qualidade e rigor na intervenção, numa estrutura geracional cada vez mais complexa.



“As redes são estruturas abertas, capazes de se expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar dentro da rede, nomeadamente, desde que partilhem os mesmos códigos de comunicação. Uma estrutura social, com base em redes, é um sistema altamente dinâmico, aberto, susceptível de inovação e isento de ameaças ao seu equilíbrio. As redes são instrumentos apropriados para a economia capitalista baseada na inovação, globalização e concentração descentralizada, para o trabalho, trabalhadores e empresas baseadas na flexibilidade e adaptabilidade; para uma cultura de desconstrução e reconstrução contínuas; para uma política destinada ao processamento instantâneo de novos valores e estados de espírito públicos; e para uma organização social que vise a superação do espaço e a aniquilação do tempo” Manuel Castells (2007 :607)

Uma sociedade em rede funciona de igual forma, pequenos nichos, pequenos centros emissores que na prática poderão ser pequenas empresas ou grupos incutidos de um mesmo objectivo que interligados, em rede, a um centro de conexões global funcionam como um todo.

Numa economia global, existem os centros económicos que não dependem de estruturas físicas tradicionais, fazem parte de um todo, complementam-se, intitulam-se de centros emissores e ao mesmo tempo de “correntes de transmissão”, com um único objectivo- fazer parte de um mercado global. Neste sistema, consideramos que todos os fluxos ou sistemas estão integrados numa rede, podendo tornar-se, assim, em centros de comunicação.



A Globalização se mal gerida, significará, a curto prazo, perda de identidade, o desvanecimento das culturas autóctones, cidadãos sem rosto porque não se identificam com o território, e dessa forma, extingue-se a cidade enquanto palco de uma comunidade. Qual o nosso papel enquanto actores numa peça mais vasta que não se revê nas tradições, nas quais crescemos e alicerçamos as nossas raízes? Da solidez das nossas raízes vai emergir a razão e a qualidade da nossa intervenção.

Estamos perante uma terceira revolução, uma revolução tecnológica centrada em novas tecnologias da informação assente em estruturas policêntricas que não se dissociam do seu enquadramento social e cultural.

“O conceito de cidade global” é compatível com um sentimento mais localizado de território produtivo, com as suas características autóctones, com os seus produtores e produtos, que embora cativantes a uma escala mais vasta, mantêm o seu papel de construção de identidades próprias. Temos de ser capazes de “vender” o que somos e o que fazemos, sem que isso signifique uma rendição à globalização, mas a incorporação do genuíno como uma mais-valia num território/rede.

O destino de um país nos seus vários domínios, em particular no económico, parece desta forma estar condenado à perda de autonomia e a cedências a dinâmicas exteriores, que a curto prazo, poderá significar a perda de autonomia e identidade dos mesmos. Foi assim durante anos, aparentemente confundiu-se o progresso e qualidade de vida com um facilitismo económico, um liberalismo, assistido, como é exemplo a Comunidade Europeia.

Esta complexidade de processos, uma teia sem contornos e limites perceptíveis, estende-se às esferas política, tecnológica e cultural.



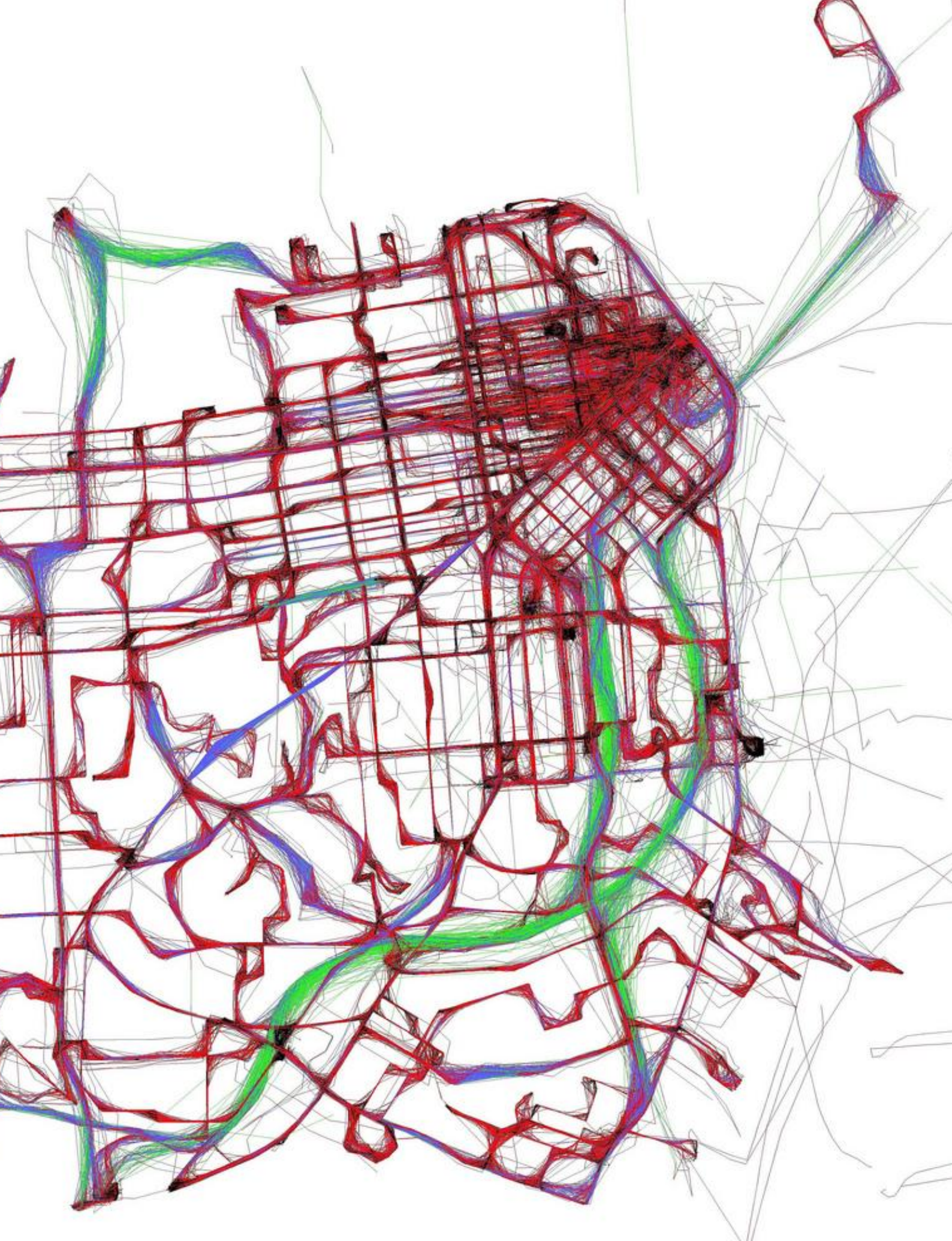
NOTHING
CAN STOP
A GOOD
IDEA

"A morfologia da rede parece estar bem adaptada à crescente complexidade de interacção e aos modelos imprevisíveis do desenvolvimento derivado do poder criativo dessa interacção. Esta configuração topológica, a rede, pode agora ser implementada materialmente em todos os tipos de processos e organizações graças a recentes tecnologias da informação. Sem elas, tal implementação seria bastante complicada. E esta lógica de redes, contudo, é necessária para estruturar o não-estruturado, preservando, porém, a flexibilidade, pois o não estruturado é a força matriz da inovação na actividade humana.

Quando as redes se difundem, o seu crescimento torna-se exponencial em virtude do grande número de ligações e o custo cresce num padrão linear" Manuel Castells (2007 :87)

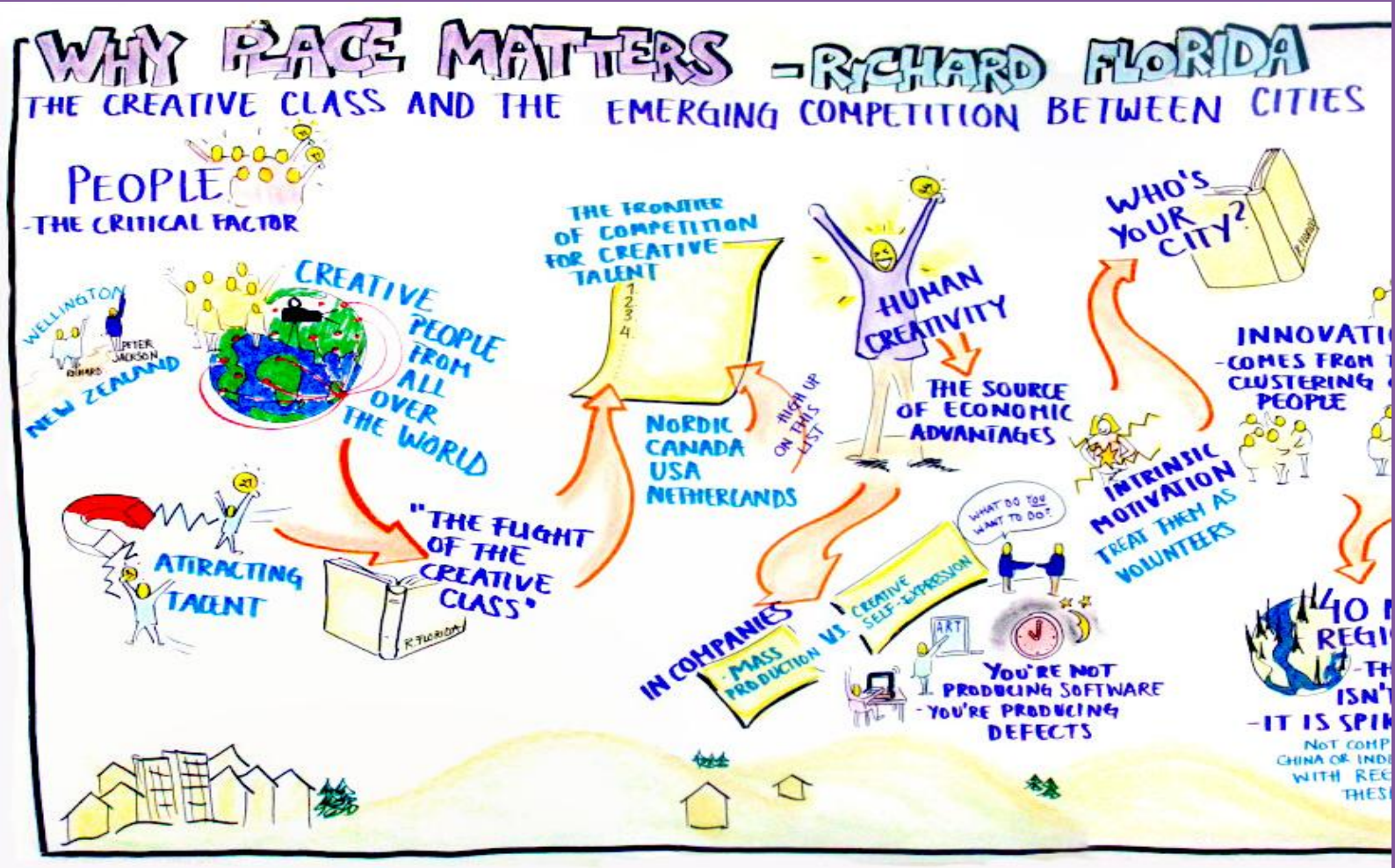
As cidades são o reflexo do desenvolvimento de uma comunidade, um livro aberto de conteúdo histórico, no âmbito social, cultural, empresarial entre outros, e assim foram emergindo e adaptando-se às novas dinâmicas, acabando por vezes, por perder a sua própria identidade, o que não indicia nada de bom para o futuro imediato. Há que reinventar as cidades, há que integrá-las numa rede que não se restringe a valores arquitectónicos, tem de saber rentabilizar as suas dinâmicas culturais e artísticas, empresariais e as intelectuais... fazendo-se uma peça integrante de um puzzle mais vasto, a sociedade global, na qual a partilha de informação não pode nunca ser descurada.

"Within technology-driven sectors, the technology transfer arena and strategic economic development organizations think through the logic addressed by the cycle of urban creativity. They highlight process cycles like incubation, implementation and dissemination or the balance of projects across the value chain from ideas generation to production, circulation, delivery and dissemination. As yet the concept has not been applied to assessing the overall creativity of a city." Charles Landry (2007: 226)

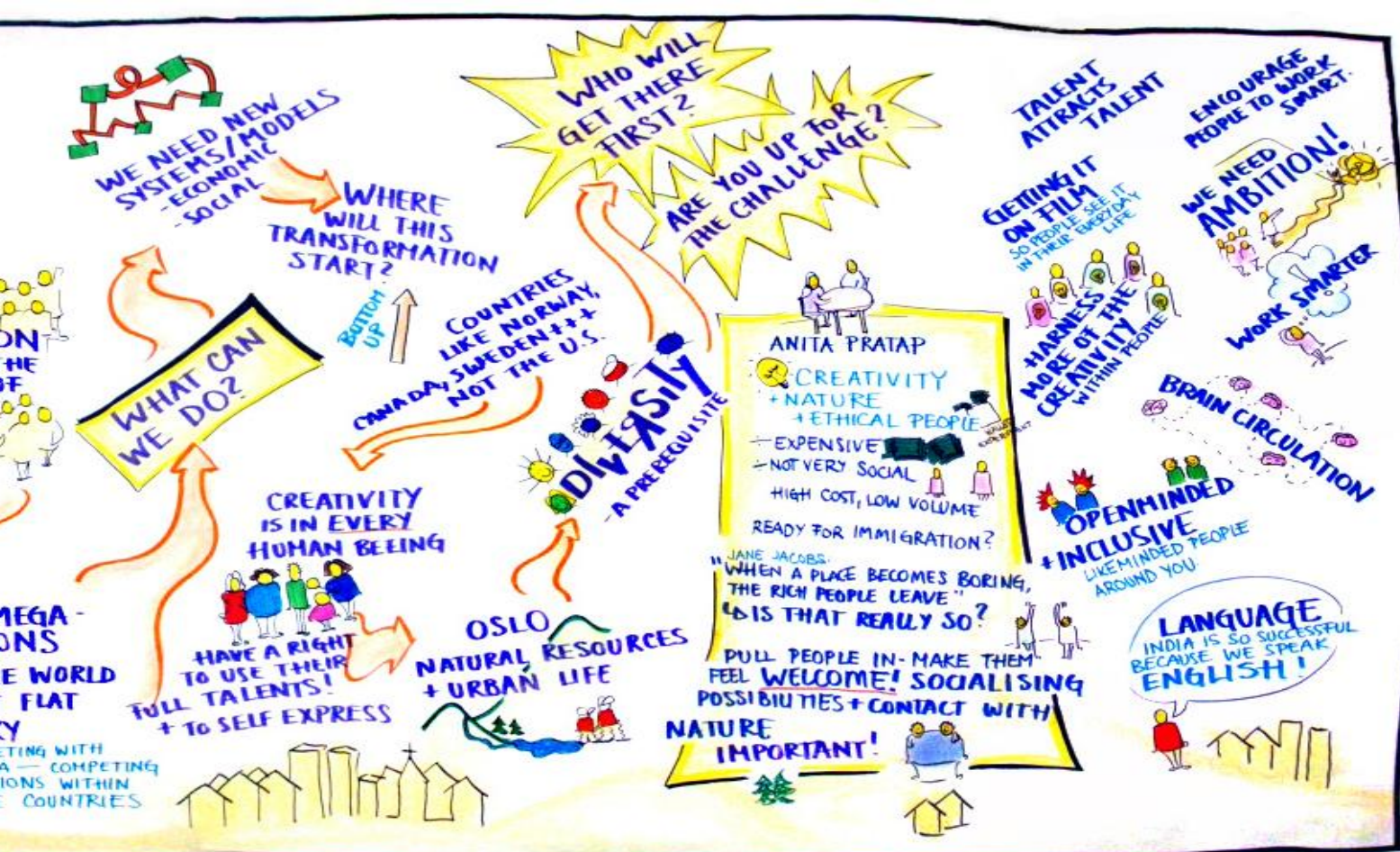


CIDADES CRIATIVAS

A criatividade na construção de um discurso cultural, a cultura como uma plataforma pa



a para uma acção



twinklhd@scribble.net

2.1 Paradigma da cidade criativa...

O Homem, agente produtivo, peça de uma engrenagem vocacionada para a exploração, versus, o homem cultural, receptivo e ávido de informação. Duas realidades quase que inconciliáveis: a primeira uma obrigação, a segunda um devaneio só ao alcance de uma elite.

Às duas realidades correspondiam dois espaços distintos, o de trabalho e tudo o que lhe é adjacente e o de lazer como que uma regalia sem um propósito de enriquecimento humano, em que a aprendizagem e a informação não eram vistas como um capital de enriquecimento global com retorno no tecido produtivo.

O espaço urbano cresce fruto das dinâmicas locais aliadas ao tecido produtivo, sejam elas industriais, comerciais, serviços ou outras, que acabarão por definir o desenho da “cidade”. Será este o espólio que herdamos e teremos de capitalizar para as novas gerações. Esta é a imagem de uma comunidade, ela é a sua identidade, uma reconciliação entre as estruturas produtivas e a cultura.

Um desafio emergente traduz-se na rentabilização do espólio herdado, não balizado numa vertente de exclusiva exploração industrial ou comercial, mas aliando este capital a uma dinâmica cultural, porque não as novas denominadas indústrias criativas, uma redefinição do passado com os olhos postos no futuro. Estes serão equipamentos que conciliarão indústria e cultura, produção em sentido restrito com produção artística e, deste modo, “sobreviver” no universo globalizado.

E o sentido que emerge da institucionalização do conceito de criatividade passa por cumplicidades vertidas em relações estruturantes sejam elas institucionais, ou individuais. Todas elas assentes num único propósito, o da partilha de informação nos seus diferentes domínios. Falamos de aculturações que não devem significar perda de identidade, falamos na capacidade de transformarmos o nosso espaço num palco receptivo perante novos desafios. Serão estas as novas cidades, também elas cidades criativas.



“Uma região criativa é aquela que reúne as condições infra-estruturais prévias (hard and soft), necessárias à criação e fluxo de ideias criativas e invenções, e onde uma massa crítica de empreendedores, estudantes, intelectuais, activistas sociais, artistas, administradores e investidores podem operar, num contexto cosmopolita e open-minded, e onde as interacções entre estes agentes geram mais ideias e criações, produtos, serviços e instituições, contribuindo desta forma para o sucesso económico.” ADDICT (2009: 26)

Perante uma conjuntura económica totalmente desfavorável, toda a Europa se questiona sobre o seu futuro. Um velho continente alicerçado em pressupostos que, de um dia para o outro, parecem desmoronar-se e põem em causa a estabilidade económica e social alcançada. O futuro continua e continuará a estar dependente de um conjunto de factores transversais a vários países, diferentes realidades, que num todo procuram encontrar uma dimensão que lhes permita intervir num mundo globalizante.

Os modos de intervenção não poderão descurar nenhuma vertente da dimensão humana. O desenho do território faz-se com uma vertente política, uma vertente social, uma vertente cultural... uma vertente ambiental. Várias dimensões que, na ausência de uma regulação abrangente e não restrita a pequenas realidades serôdias, poderão significar o colapso de uma nova ordem antes mesmo desta se manifestar.

Pensam-se novas soluções de cidade onde o capital humano se revê como principal factor, o Homem consciente de atitude pró-activa de valorização da identidade, da atitude empreendedora que sabe fazer a conciliação entre conhecimento e inovação, factor determinante na evolução de um crescimento sustentado.

Um novo homem consciente que acredita nas suas próprias capacidades.



Um espelho desta consciência é a Cidade Criativa, um modelo que parte da perspectiva da economia criativa, a qual se apoia em conceitos atrás referidos e que derivam da ideia da Cidade Inteligente (Smartcity) aliada à Cidade Verde (Eco-City). Por outras palavras, uma Cidade que aposta em dinâmicas assentes na criação de pontos fortes voltados para o conhecimento, I&D (Investigação e Desenvolvimento), a tecnologia e o ambiente.

E, se nos revemos neste conceito de cidade, temos de nos rever em novos valores. Aliados à flexibilidade, (sem que tal signifique ausência de critérios), adaptabilidade, (sem cedências que signifiquem fragilidades estruturais), a uma consciência forte, fruto da informação disponível aprendida e apreendida, que nos permite intervir com assertividade.

Criatividade já não é confundida com uma intervenção desprovida de objectividade, intervenção artística não é mais a tradicional excentricidade de outrora. A novos desafios vamos responder com hostes formadas por cidadãos cientes do seu papel, conhecedores do seu território, responsáveis pelos seus actos.

"In order to create urban equilibrium wealth creation and social cohesion should be seen as two sides of the same coin. In current city hierarchies any sections dealing with feelings and emotions, such as social services, culture and leisure has lower status. This "soft" infrastructure of human networks, connections, trust or a capacity to work together is often underplayed and yet the start of the 21st century is the time of network society" Charles Landry (2008: 164)

As cidades têm de ganhar a capacidade de atraírem novos criadores, enquanto agentes promotores de dinâmicas culturais e artísticas, capazes de alicerçarem políticas previamente definidas e, deste modo, corporizarem âncoras capazes de promoverem novos talentos. No entanto, a cidade não é uma entidade abstracta, a utilização e ocupação do solo, a reutilização do espaço construído. A definição de novas políticas ambientais e culturais condicionam as possíveis intervenções.



"A aposta tem de ser clara: recentrar as políticas do conhecimento na empresa e na sua envolvente, adoptar uma visão sistémica de parceria estratégica entre a economia e a tecnologia, consolidar as lógicas "technology-push" e "demand-pull" como atributos de equilíbrio dum mercado dinâmico, fazer dos "Clusters de Inovação" o eixo de recentragem dos financiamentos seleccionados e da alavancagem do IDE de alto valor acrescentado como o elemento qualificador de distinção estratégica para o futuro" Jaime Quesado (2007: 91)

Criatividade não é mais um conceito confundido com actos de excentricidade ou vanguardismos gratuitos, desprovido de objectividade na perspectiva de uma sociedade voltada para um pragmatismo crescente. A Inovação e o empreendedorismo nunca foram tão importantes.

O acto criativo é cada vez menos um acto isolado e descontextualizado. Pelo contrário, é cada vez mais a resposta a uma solicitação, a uma carência detectada, a um gesto responsável e por vezes colaborativo.

"A criatividade pode ser um conceito de intervenção política no território" Telmo Faria (2009), *Arquitectura* 21, nº:16, Rio de Mouro :22

A criatividade transforma em "ouro o sumo da indústria", tornando-se numa mais-valia e num acréscimo de valor à solução/produto final.

Vivemos numa época em que reinventar estratégias de inovação do território se tornou fulcral; políticas de incentivo à afirmação das cidades como espaços dinâmicos baseados em conceitos inovadores, uma imposição. São estabelecimentos fabris e construções várias deixadas ao acaso, muitas vezes esquecidas, hiatos desprovidos de função, que se pretende que venham a dar lugar a projectos inovadores e criativos.



Uma oportunidade de reestruturar locais e edifícios conferindo-lhes uma nova vida baseada em novos pressupostos, equipamentos ligados à cultura, à produção artística, ao trabalho colaborativo, o conceito de Co-Work, (onde vários profissionais se agregam procurando rentabilizar as sinergias comuns num único propósito, conhecer e dar-se a conhecer, informação e partilha da mesma, a transformação e o produto final).

*"Creative cities need places, at the right price levels, in which to test ideas, pilot products and exhibit and sell work. A creative city requires land and buildings at affordable prices, which as a rule are in urban fringes or areas whose use patterns are changing, such as former port and industrial zones. Cheap spaces reduce financial risk and therefore encourage experiment. Typically older industrial buildings are re-used as incubator units for new businesses, as artist studios, or as centres for design."*Charles Landry (2008: 231)

A novas ocupações corresponderá uma alteração dos centros de produção (Creative Hubs), mais não seja culturais e artísticos. Com o tempo a alteração das dinâmicas urbanas, o fluxo dos cidadãos que sofrem mutações resultantes dos novos centros emergentes, aos poucos muda-se a própria cidade. Nunca se questionou de modo tão profundo a multiplicidade cultural, nem, por exemplo, a multiplicidade racial. A estrutura social altera-se, e nesta aparente ambiguidade, torna-se premente encontrar vínculos consistentes que garantam a eficácia da nossa actuação.

Não nos parece um movimento que deva ser institucionalizado, no entanto, já existem espaços de apoio a estas incursões. Por exemplo, em Portugal, a ADDICT cuja incidência sectorial do cluster das Industrias Criativas se baseia no Creative Seed Network, o Creative Business Fund e o Creative Hubs.

PLACE WITH ENERGY!

WHY MOVE?

OPEN & EXCITING

THRIVING SCENE

DOING STUFF

RECHARGE BATTERIES

WHERE BOHEMIANS (AND GAYS) LIVE!



U.S. DOMINANCE
DEPENDENT UPON
ABILITY TO ATTRACT
& INSPIRE THE BEST
TALENT FROM AROUND
THE WORLD.

BUT THAT
IS CHANGING.

OTHER MARKETS
HAVE FIGURED
IT OUT!



creative class

LESSON 4

TECHNOLOGY

AESTHETIC
POLITICAL

SOCIAL



ALL CREATIVE PISTONS
OF ECONOMIC DEVELOPMENT

- SCIENTISTS
- + TECHIES
- + ARTS + ENTERTAINMENT
- + ARCHITECTS + ENGINEERS
- + SOFTWARE
- + DESIGNERS
- + ENTREPRENEURS

LOW SKILL
PEOPLE TURN INTO
HIGH SKILL
PEOPLE!

LESSON 3

DON'T
FOCUS ON
ATTRACTING
BUSINESS, BUT
PEOPLE!



= 30% (THE OTHER 70% ARE UNTAPPED TALENT)
= 40 MILLION JOBS
= 1/2 WAGES



THEO LUVS U!

LESSON 1

VALUE COMES
FROM DESIGN.

LESSON 2

VALUE COMES
FROM PEOPLE
(the carriers of
creativity)

WELCOME TO
SILICON VALLEY
A.K.A.
ANERDISTAN



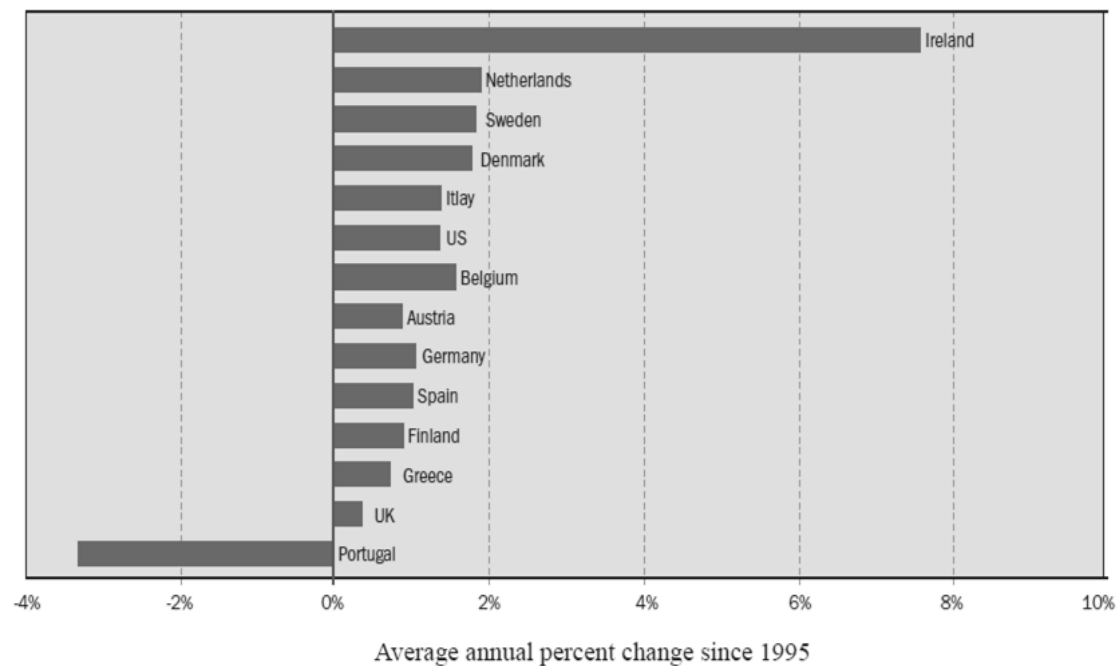
"... Criativos, Culturalmente Efervescentes apoderam-se de espaços devolutos ou em declínio económico abrupto na cidade e sequestram-nos para a imaginação (...)misturam raças, belos, punks, artistas e neerds, técnicos e boémios, tias e suburbanos, cotas e imberbes, todos juntos num lugar de culto, numa espécie de resistência da imaginação e do saber..." José Romano (2009), *Arquitectura* 21, nº:16, Rio de Mouro :5

A esta nova ordem interventiva que, como já vimos passa pelo questionar do espaço urbano como o conhecemos (cidade criativa); pela requalificação de edifícios desprovidos de sentido no contexto actual (indústrias criativas); pela requalificação de locais agora encarados como "clusters", um termo oriundo da área da gestão económica, introduzido pelos pensadores das indústrias criativas e que diz respeito a nichos de mercado; pela agregação de diferentes vontades num propósito comum de resposta a solicitações de mercado (os novos artistas), a resposta vem sendo dada com exemplos que nos parecem conseguidos, o último dos quais pela intervenção promovida pela cidade de Guimarães, Capital Europeia da Cultura 2012.

Estes movimentos agregados em estruturas mais reduzidas, corporizadas num todo como forma de ganharem a dimensão que lhes dê visibilidade, assentam a génese da sua actuação na criatividade e fazem-no em diferentes áreas, da economia à política, passando pelos serviços. A sua institucionalização acaba por ter o seu aspecto positivo, dando-lhes unicidade, de modo a que os projecte no exterior.

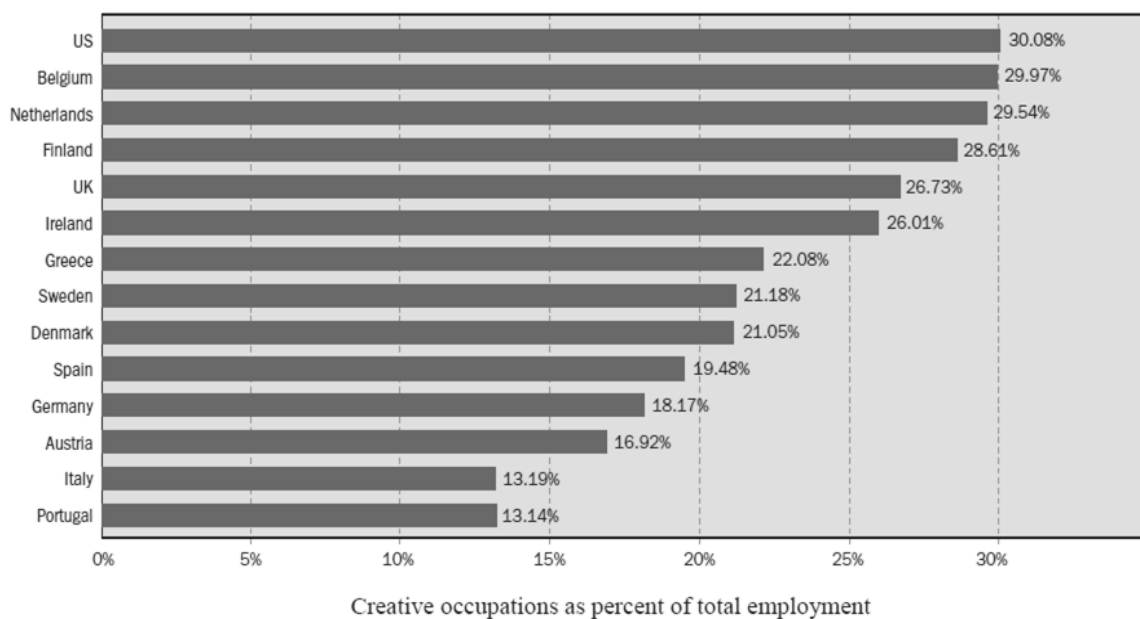
Cabe aqui introduzir o conceito do Hub, como o centro de conexões, uma parte do território, da cidade, que funciona como plataforma das conexões, podendo (este) ser apoiado por vários clusters. Um caso concreto deste exemplo é a ADDICT- Agência para o Desenvolvimento Das Indústrias Criativas (instituição sem fins lucrativos)- que funciona como uma incubadora de empresas, cujos propósitos são os de desenvolver um cluster com base no empreendedorismo criativo e facultar apoio ao crescimento dos negócios " fase pré-semente e semente", de modo a assegurar um crescimento sustentável de todo o projecto que se quer dinâmico, competitivo e inovador.

Figure 3: Growth in the Euro-Creative Class
Change in Creative Occupations (1995-latest avail. year)



Note: Change is measured from the year 1995 to the latest available year. Denmark, Netherlands and United Kingdom: 1995-1998; Belgium: 1995-1998; Ireland and Finland: 1995-1999; Sweden: 1998-2000. All other countries: 1995-2000.
Source: Elaborated from ILO, LABORSTA Labour Statistics Database, <http://laborsta.ilo.org>;

Figure 2: The Euro-Creative Class Index
Creative Occupations as a percent of Total Employment (2000)



Source: ILO, LABORSTA Labour Statistics Database, <http://laborsta.ilo.org> for European countries, US Bureau of Labor Statistics for the United States. Note: All the data referring to European countries are classified according the ISCO-88 standard. Last available year for Ireland, United Kingdom, US: 1999, Belgium: 1998; all other countries refer to year 2000.

A Agência para o Desenvolvimento Das Indústrias Criativas nasce em parceria com o *"Estudo Macroeconómico para o desenvolvimento de um cluster das Indústrias Criativas na Região Norte"*, uma parceria entre a Fundação Serralves e algumas entidades Portuenses cuja *"missão e objecto principal contribuir para que a região Norte se torne na Região Criativa de Portugal, pela concepção e implementação de um adequado modelo de governação que apoie o aumento da capacidade e empreendedorismo criativos, o crescimento de negócios criativos e a atractividade dos Lugares Criativos, visando o reforço da massa crítica do capital criativo da região."* ADDICT (2009: 12)

Este é um exemplo de novos desafios de intervenção, de objectivos, de encarar um desenvolvimento que se quer alicerçado numa vertente sustentável (económica, social e ambiental) uma oportunidade de ultrapassar condições bastante desfavoráveis como as que actualmente se nos deparam. São estes momentos que devem ser encarados como desafios a vencer, reduzir o desemprego, requalificar espaços que se vão esvaziando, porque indústrias ou comércio encerram, passam por iniciativas criativas.

Estes movimentos/espacos, a nosso ver, devem ter um carácter dirigido, como é o caso da tecnologia, da arte, da ciência ou da cultura per si. Falamos da criação de mercados específicos, uma máxima já abordada e que segue o conceito de Philip Kotler *"Pensar Global, Actuar Local"*. O seu significado refere-se ao pensamento ao nível da região/cidade para actuar local, pensando a cidade global para actuar sobre a polaridade.

O futuro passa pelo aproveitamento, pela optimização dos recursos humanos e materiais disponíveis, pela colocação ao serviço do homem da sua criatividade e, deste modo, impulsionar uma nova visão do futuro, em particular para as novas gerações.

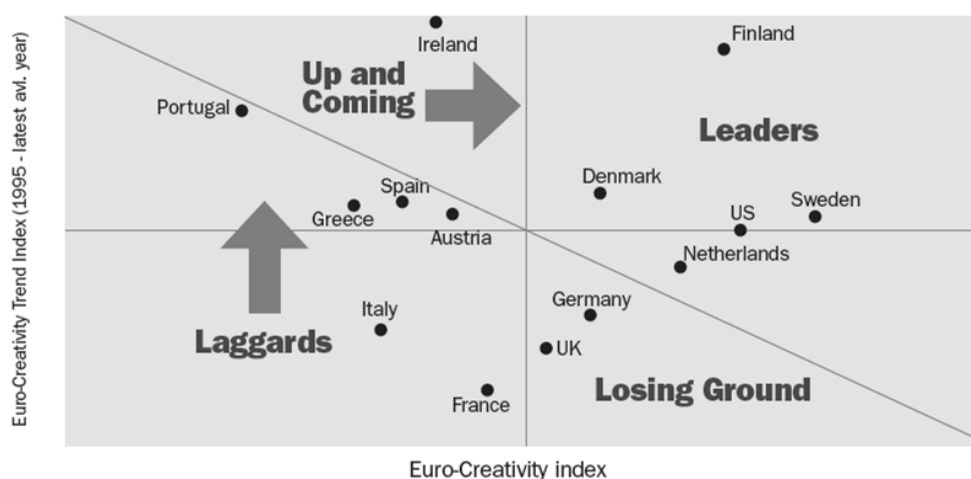
Índice Euro-Criativo		Índice de Talento			Índice de Tecnologia			Índice de Tolerância		
		Índices de:			Índices de:			Índices de:		
Ranking	Classificação	Classe Criativa	Capital Humano	Talento Científico	Inovação	Alta Tecn e Inovação	I&D	Atitude	Valores	Expressão
1.Suécia	0,81	8	7	2	2	3	1	2	1	1
2.EUA	0,73	1	1	3	1	1	3	n.d.	13	4
3.Finlândia	0,72	4	6	1	4	2	2	3	5	10
4.Holanda	0,67	3	2	10	6	4	8	5	4	2
5.Dinamarca	0,58	9	15	4	5	5	6	7	3	3
6.Alemanha	0,57	11	4	7	3	6	4	12	2	9
7.Bélgica	0,53	2	8	6	7	9	7	13	8	8
8.RU	0,52	5	3	8	9	6	9	8	9	6
9.França	0,46	n.d.	11	5	10	8	5	11	7	11
10.Austria	0,42	12	14	11	8	10	10	9	10	5
11.Irlanda	0,37	6	10	9	11	12	11	5	15	7
11.Espanha	0,37	10	4	12	13	13	13	1	12	14
13.Itália	0,34	13	12	13	12	11	12	4	11	12
14.Grécia	0,31	7	9	15	14	14	15	14	6	13
15.Portugal	0,19	14	13	14	15	15	14	9	14	15

Nota: Os valores apresentados nas colunas 3-11 referem-se à posição relativa de cada país no respectivo índice (por exemplo: o número 1 na coluna de capital humano significa que esse país ocupa a 1ª posição em termos da dimensão de capital humano)

Fonte: Richard Florida e Irene Tinagli (2004), "Europe in the Creative Age"

EUROPE IN THE CREATIVE AGE • FEBRUARY 2004

Figure 13: The Euro-Creativity Matrix



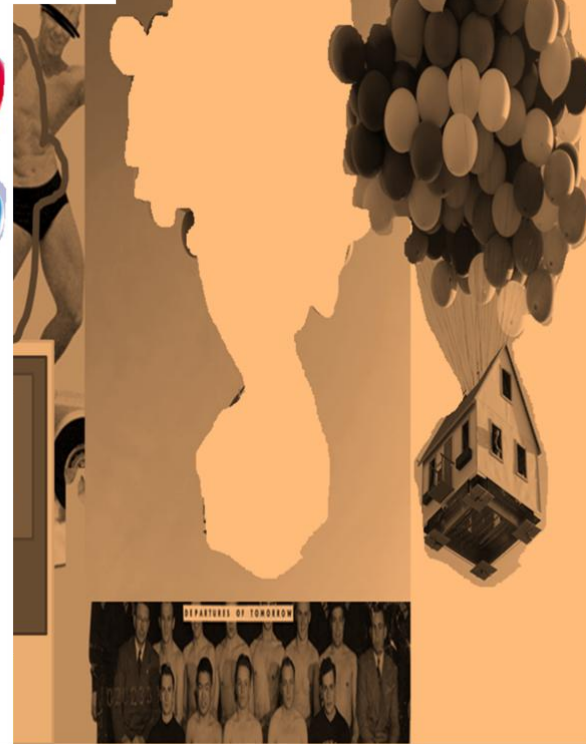
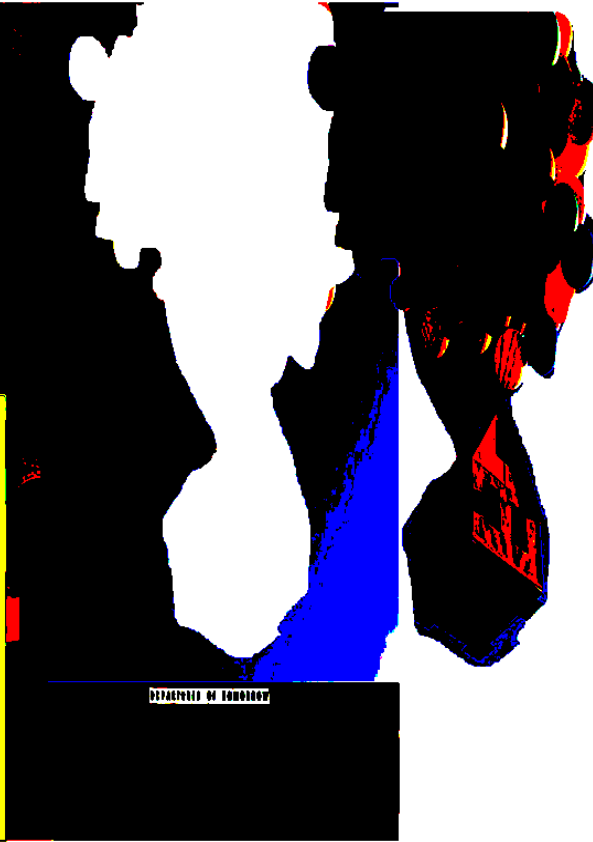
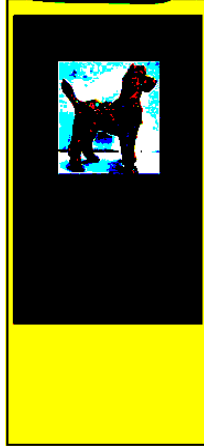
Note: The separator axes between quadrants represent the average of the Index on the corresponding axis. For example, the right-hand quadrants include the countries whose score on the Euro-Creativity Index is above the average, while the left-hand quadrants include countries with below average scores. In this figure, the mean for the Euro-Creativity Trend Index is calculated excluding Ireland, because its extremely high growth values would have pushed the mean so high that all other countries would have fallen below it.

Em Portugal, o Unicer Laboratório Criativo, *"pretende captar os protagonistas das novas tendências no seio da comunidade criativa; impulsionar o desenvolvimento do projecto em torno das indústrias criativas, em particular das novas gerações de criativos; afirmar-se como gerador de novas tendências, inovador e uma referência de primeiro nível na cultura urbana contemporânea."* Serralves, Plano de Actividades 2011

As Indústrias Criativas, actualmente, são dos sectores económicos mais dinâmicos numa nova ordem mundial, assentando num mercado muito flexível e que exige novos modos de actuação. Em Portugal, encontramos uma dinâmica ambiciosa, que pretende não só, criar uma rede competitiva a nível global, como potenciar novos postos de trabalho que, em parte, significarão novas ideias, novos mercados e novas empresas.

E às novas empresas corresponderão eventualmente locais devolutos, outrora fábricas, armazéns, etc.... Um reaproveitamento dirigido para um futuro assente numa massa humana mais receptiva à experimentação, ao risco, ao trabalho colaborativo, mais adaptáveis a ambiguidades de espaço, de mercado e de fronteiras.

*"There can be no creative organizations or cities without creative individuals, people who think resousefully, openly and flexibly, who are willing to take intellectual risks, to think problems afresh and to be reflexive(...) The creative individuals need to be brought into play at strategic points because, though not everyone in the creative city needs to be creative, it depends on a critical mass of open- minded, courageous and fresh thinkers(...) creative people are the motor of the creative city..."*Charles Landry (2008: 107)

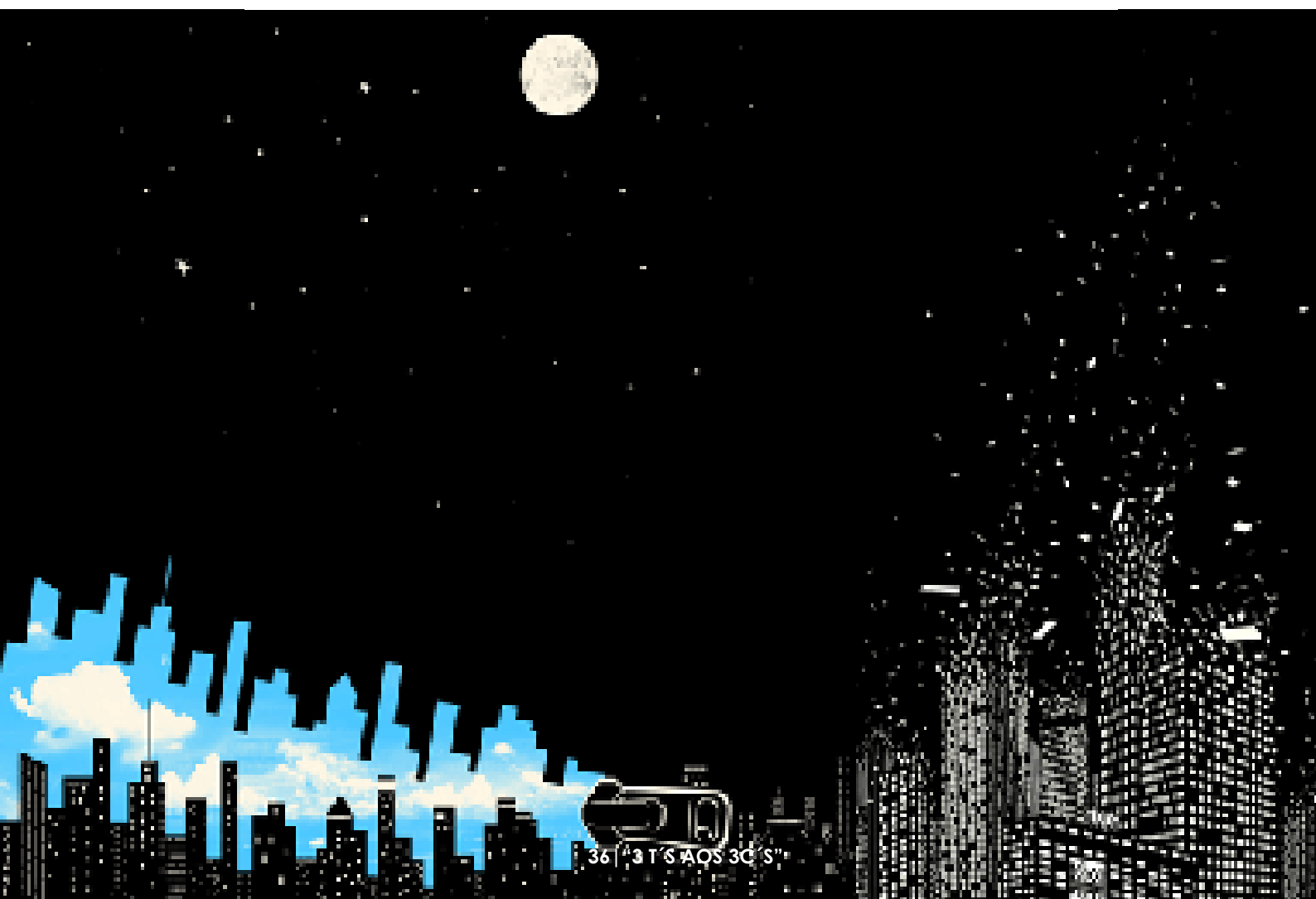
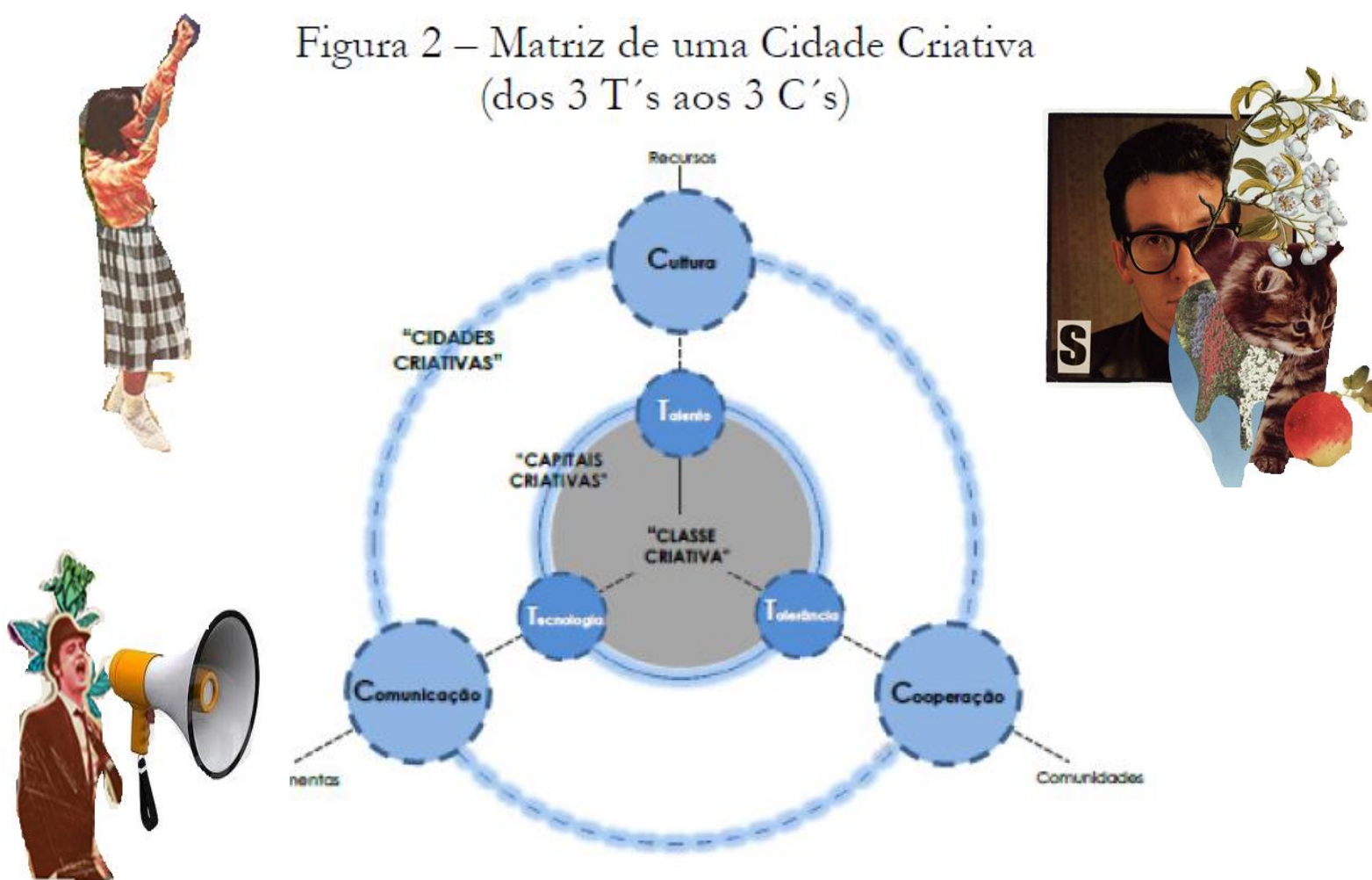


Um dos exemplos mais paradigmáticos é a LX Factory, na cidade de Lisboa, uma intervenção de aproveitamento de edifícios devolutos, outrora indústrias locais, agora transformadas em espaços inovadores e de incentivo à adaptação a novos modelos, clusters de inovação aproveitando o trabalho cooperativo de uma forma inovadora, o “coworking” (coworklisboa), dinamizando e interagindo com a população local. É visto como um modelo contra o individualismo, fomentador de cumplicidades profissionais, geracionais e de objectivos.

Um palco de parcerias em vários domínios, da requalificação urbana, à utilização de recursos humanos díspares num único propósito. Ultrapassar barreiras/fronteiras em busca de novos mercados, não só económicos, mas culturais e artísticos... a disponibilização da informação num mundo cada vez mais global.

“...innovation hubs (ihubs) are tools of urban policy oriented towards developing creative places within the cities, such as in their historical centers or in old industrial or logistical areas (the so called “inner-city”). The main idea behind this concept is that we can use science, technology and engineering (as well as design, arts, culture and media) as driving forces of urban regeneration and redevelopment (...) ihubs foster a wide variety of interactions and the appearance of mixed-use environments, blurring the boundaries between physical, digital, economic, social and cultural spaces. Multidisciplinary is the main feature of these creative communities, where we can find a high density of knowledge intensive workers, who look for quality of life, inclusive environments, social and cultural diversity and digital and physical connectivity. In other words, they are good places to work, live, learn and play” Inteli (2007 :2)

Figura 2 – Matriz de uma Cidade Criativa
(dos 3 T's aos 3 C's)



“Na agenda nacional, o Plano Tecnológico considera a inovação especialmente necessária à internacionalização da economia portuguesa e considera que “A classe criativa deverá ser possuidora do talento e tolerância que permitam inovar e apostar na tecnologia, de modo a ter como resultado final um crescimento económico” ADDICT (2009: 23)

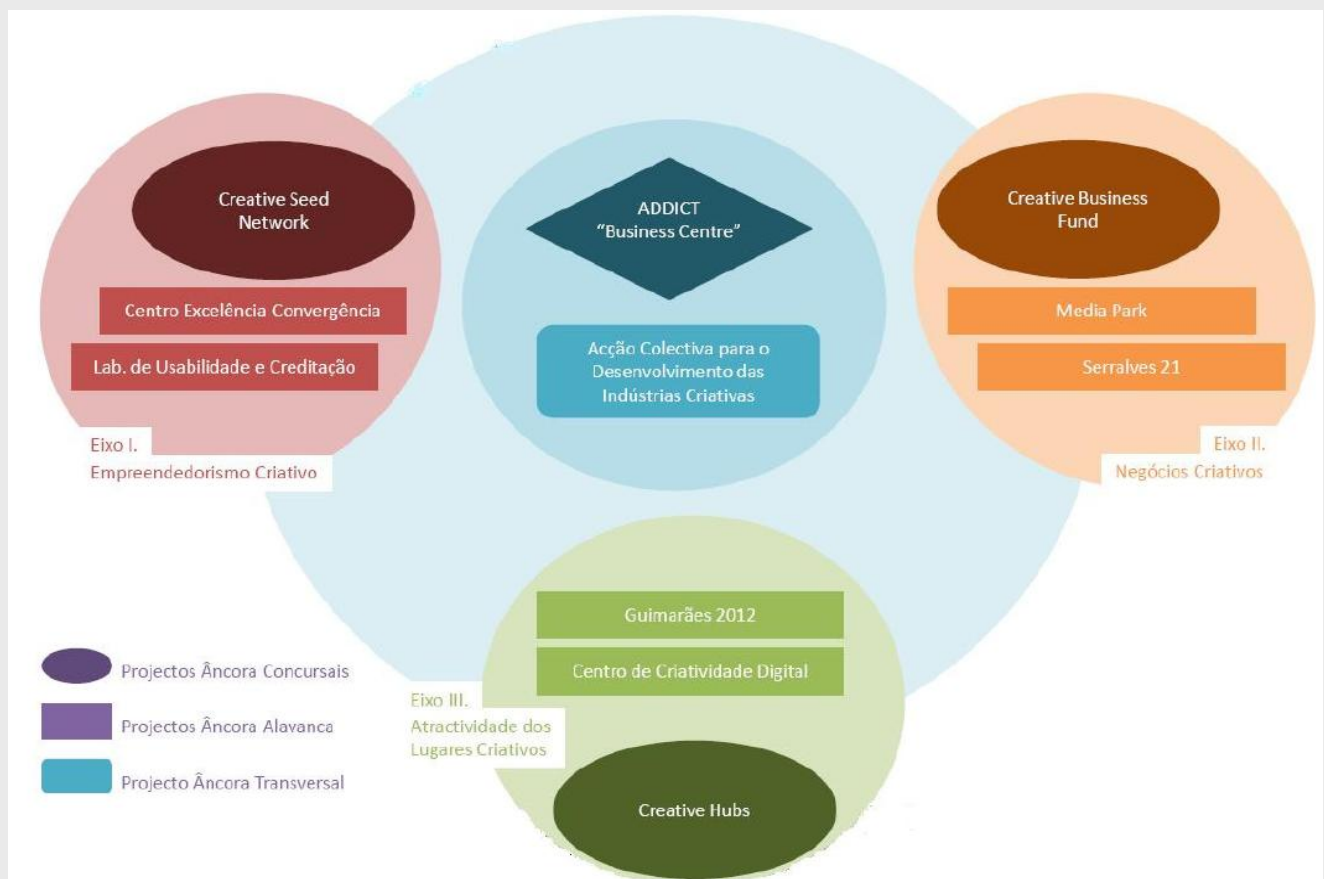
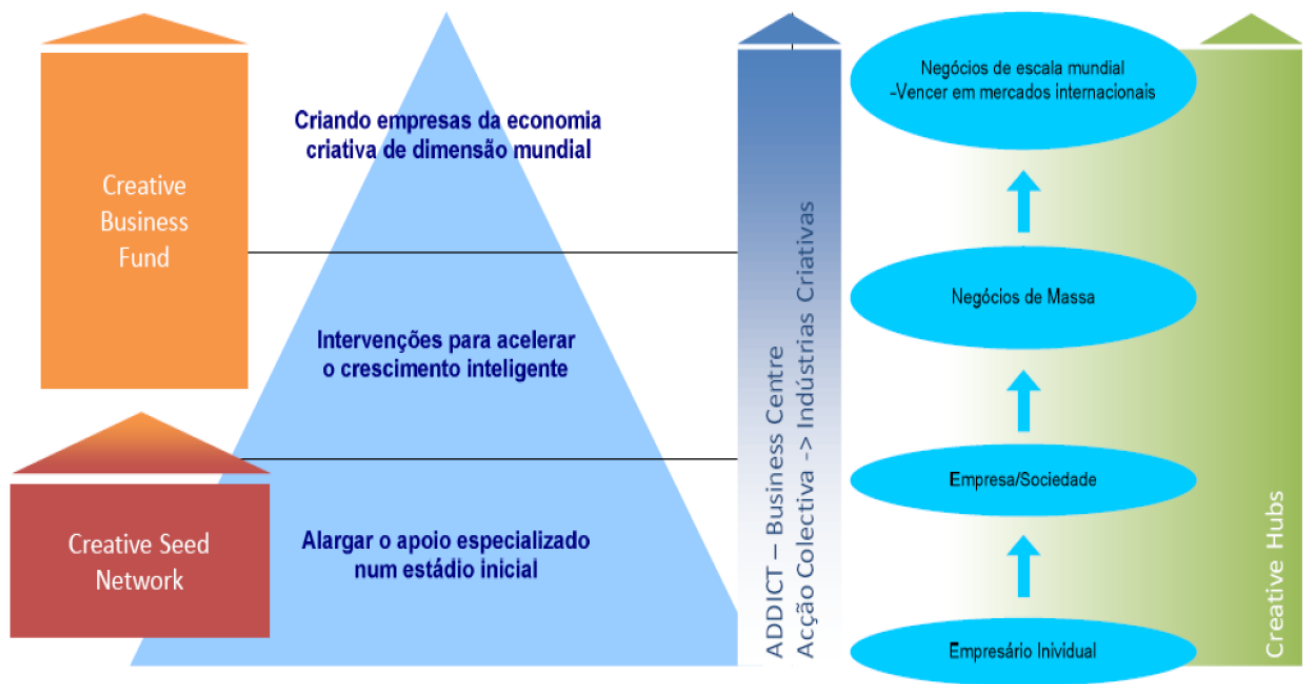
As diversas estratégias atrás abordadas relativas ao novo paradigma citadino, acabam na sua génese, por se desenvolver balizadas em duas premissas fundamentais, o território e o homem.

O território enquanto espaço cénico onde se desenvolvem as diferentes actividades, da requalificação urbana, à busca de uma identidade local que defina uma marca (branding) perante um contexto mais alargado que é o mercado global; o Homem enquanto agente cultural e artístico, entendida a sua actuação de um modo abrangente, alargado, em que a criatividade acaba por ser o cerne da sua actuação.

Estamos perante uma cidade que se quer criativa, (por opção, por necessidade, por imposição, independentemente da razão). A ideia de mudança é o motor para um novo modelo de intervenção, aproveitando-se, por vezes razões de índole cultural. Um Homem da Era da informação, crítico, interventivo, um artista consciente do seu papel num mundo cada vez mais exigente, a experimentação e o risco estão presentes, sem que tal signifique leviandade ou futilidade nos seus actos.

Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura e Barcelona com o seu plano 22@BCN, são dois exemplos que iremos tratar, numa abordagem que se traduzem, na aplicação em contexto real dos princípios atrás explanados, que vão da: participação da comunidade; indústrias culturais e criativas; talentos criativos; mistura de ambientes; conectividade, mobilidade; trabalho social computadorizado; espaços de interacção; empresas sociais, empreendedorismo do cidadão; laboratório da vida, áreas experimentais e cidades dentro das cidades, cidades região, sustentabilidade.

Reforço da Massa Crítica do Capital Criativo Regional



GUIMARÃES 2012

Guimarães
41° 26' 31.1172'' N
8° 17' 43.2096'' O

"È 2012! Este é o tempo de somar o entusiasmo e a alegria com que nós, os vimaranenses sempre vimos esta iniciativa europeia na nossa cidade, ao entusiasmo e à energia que sempre colocamos na concretização da obra e dos anseios colectivos. Este é o tempo de, inspirados pela paixão que sempre dedicamos ao que é nosso, fazer de Guimarães 2012 um ano único e singular, num lugar único e singular que é Guimarães. Este é o tempo de continuar, com reforço e redobrada intensidade, a agenda de Guimarães, preenchida e inspirada na cultura. A cultura que é a nossa, a cultura europeia, a cultura lusófona, a cultura portuguesa, a cultura vimaranese. A cultura reserva de imaginário, que nos abrirá novos mundos. Novas leituras, novas interpretações, novos futuros. A cultura, reserva de experiências, que nos permitirá compreender melhor o património comum e reforçar a sua força na inspiração do futuro."

Francisca Abreu (*in* Agenda Cultural Janeiro 2012)



3.1 SER CRIATIVO EM GUIMARÃES 2012

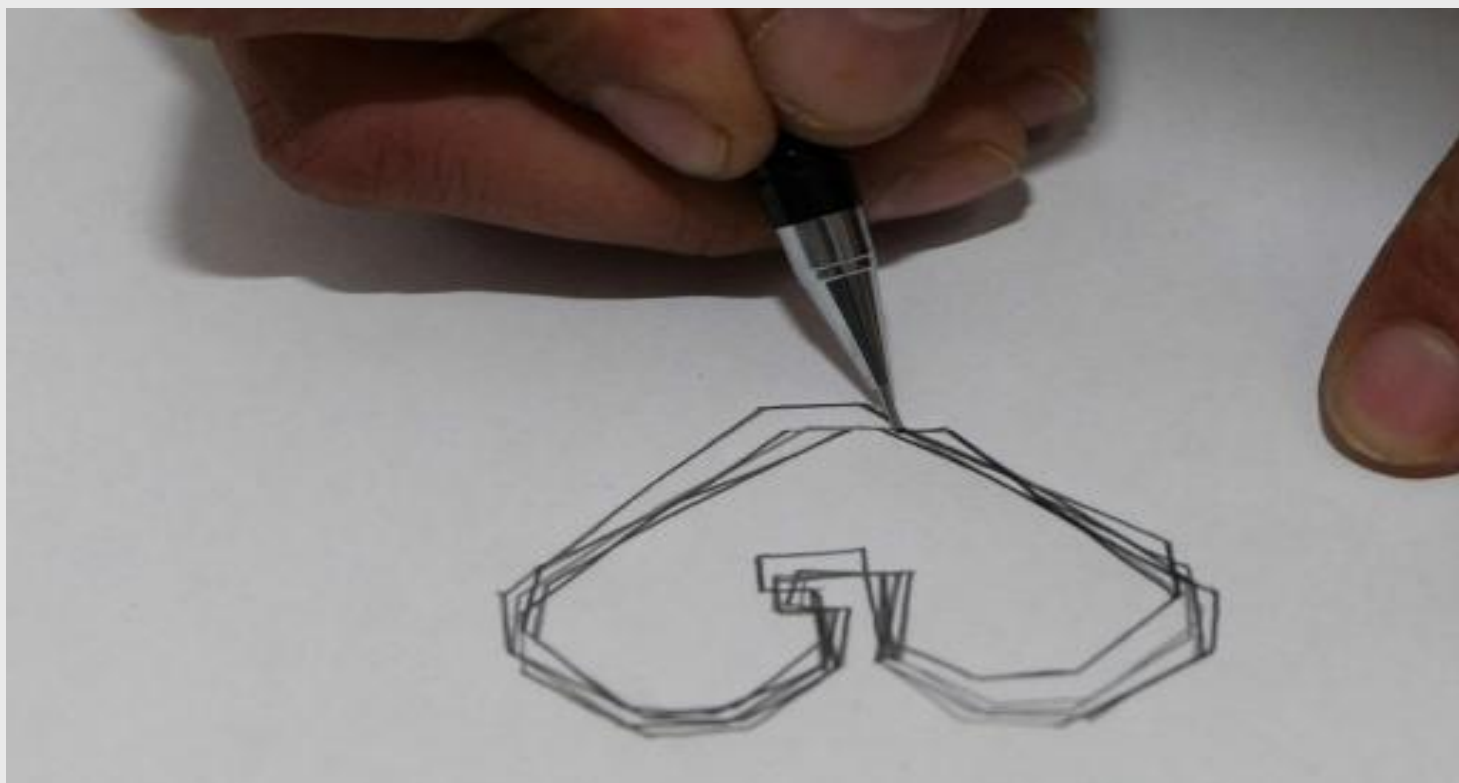
Guimarães, cidade considerada o berço da nacionalidade, que ao longo dos tempos conseguiu preservar e conciliar as suas origens com a modernidade, -esta encarada como as convulsões ao longo da sua história, período após período, em que apenas uma “cidade” convicta e orgulhosa das raízes. Conseguiu manter a sua identidade.

Respeito pelo passado, atenta ao presente, vislumbrando o futuro, foi e é o que a cidade tem procurado fazer. Fê-lo aquando da independência perante Castela, fê-lo em tempos Medievos com a consolidação dos seus limites e casco histórico, mais tarde com o apogeu da Revolução Industrial, assume-se como um pólo aglutinador de algumas indústrias de referência, nomeadamente os curtumes, têxteis e cutelarias. É-o na actualidade ao pretender assumir um protagonismo perante a Europa na vertente cultural, foi-o com a elevação do Centro Histórico a Património da Humanidade, é-o como Capital Europeia da Cultura 2012.

Esta cidade procura conseguir fazer transparecer perante o exterior as suas pretensões perante um contexto mais vasto que ultrapassa os limites tradicionais da sua intervenção.

Guimarães assume um protagonismo indiscutível, quase vanguardista no contexto cultural de Portugal alargado ao exterior. Hoje, é um exemplo de intervenção urbana, quer ao nível do planeamento do território, quer na recuperação e requalificação do edificado.

Exemplo não alicerçado apenas no reflexo da sua localização perante as cidades de Braga, do Porto e da região Norte, não alicerçado na monumentalidade do edificado, enquanto elementos ou conjuntos desprovidos de vivências reais, não um património voltado a um turismo estéril que não raras vezes pouco contribui para a qualidade de vida dos locais.



Guimarães e o seu urbanismo. Estamos perante um trabalho que começou com um planeamento ao nível do território, um Plano Director Municipal do arquitecto Fernando Távora, consolidação de pólos locais geradores de dinâmicas próprias, alicerçadas no seu capital, industrial, cultural e outros; numa segunda fase um trabalho mais localizado em núcleos consolidados, em particular no centro histórico da cidade acompanhado pelo Gabinete Técnico Local, que culmina, no reconhecimento do centro da cidade de Guimarães como Património da Humanidade; ultimamente a candidatura a Capital Europeia da Cultura, permite a requalificação "conclusão parcial" do espaço público do centro da cidade e um questionar de alguns edifícios, uns vazios, outros abandonados, agora alvo de intervenções.

Passamos do território a uma escala regional para o espaço urbano à escala da cidade, do espaço público para o edifício.

Toda esta dinâmica, a nosso ver passou e passa pelo diálogo que as entidades promotoras sempre procuraram potenciar com as forças vivas locais, instituições culturais, empresariais e outras, as populações locais como actores principais e, sem menosprezar o contributo de uma nova geração de interventores ávidos de protagonismo, um novo modo de intervir no âmbito social, económico, empresarial e cultural.

São estes os novos actores, é a cidade o seu palco, o edificado o seu cenário.

Estão em curso diferentes tipos de intervenção aliados a diferentes políticas de entender o território, a saber: faz-se ao nível da requalificação do espaço público, praças e jardins, ruas e ruelas, praças e recantos, espaços das gentes locais, tornando-as cúmplices das dinâmicas criadas; faz-se a revitalização do edificado esquecido e abandonado, outrora equipamentos industriais que há muito deixaram de constituir pólos económicos activos criadores de riqueza; faz-se igualmente a revitalização de alguns núcleos habitacionais, espaços contidos e com forte identidade, por vezes "lhas" que agora parecem rejuvenescer.



Intervém-se tendo, contudo, sempre presente a memória das gentes e dos locais, para que não haja intervenções de um elitismo desajustado à realidade, e que acabem por se tornar ineficazes e desprovidas de objectividade num futuro imediato.

Intervém-se em edifícios abandonados, que pontuam a cidade e principalmente no quarteirão de Couros, talvez o “Primeiro Bairro Criativo”, de todo no Norte do País, um centro aberto e receptivo à criatividade/ cultura e às novas oportunidades de uma geração alicerçada na partilha de informação, de um experimentalismo não desprovido de sentido, uma reinvenção da realidade presente. Espaços outrora identificados como unidades industriais ligadas aos curtumes agora desaparecidas, cuja herança edificada dá agora lugar a equipamentos culturais e outros, que se pretendem catalisadores de sinergias e que contribuam para o crescimento sustentável da cidade. (antiga Fábrica Textil- actual CAAA- Centro de Assuntos para a Arte e Arquitectura (LCD- laboratório de criação digital), antigo mercado Municipal- actual Plataforma das Artes, que envolve um Centro de Artes Internacional e estúdios destinados às Industrias Criativas, antiga Fábrica Lameirinho- actual Fábrica ASA, antiga Fábrica de plásticos “Pátria”- actual Centro da Memória, antiga Fábrica da Ramada- actual Instituto de Design, antiga Fábrica Âncora- actual Centro Ciência Viva, antiga Fábrica Freitas & Fernandes- actual Centro Avançado de Formação Pós- Graduada etc...)A cidade criativa a favor das indústrias criativas.

O CampUrbis, uma intervenção que pretende ser o catalisador da cidade, menos corpóreo mas de influência indiscutível na captação de investimento humano e material.

É o turismo, aliado a uma forte componente cultural, da qual são as parcerias com instituições de ensino, por exemplo a Universidade do Minho, que pretende dar o mote, enquanto sede aglutinadora de intervenções que isoladas poderiam estar votadas ao fracasso e em parceria, tornar-se-ão geradores de movimentos reconhecidos pela comunidade, laboratórios do conhecimento que incentivam a criatividade.



Não se faz cidade nem cidadãos, há que intervir captando novas sinergias que passam por uma nova geração de interventores, uma massa criativa que agora constrói um "reinventar da cidade", a cidade criativa, pela reinvenção da funcionalidade da cidade e da utilização dos seus edifícios, traduzido em locais propícios à implementação das indústrias criativas nas várias vertentes.

É este o desafio para Guimarães, uma cidade jovem onde a cultura faz parte do seu povo.

*"The Creative city" approach is based on the idea that culture values, insight, a way of life and form of creative expression, represents the soil from within which creativity emerges and grows, and therefore provides the momentum for development. Cultural resources are the raw materials and assets to get the process going(...) the city expresses a people's culture: their likes and dislikes, their aspirations and fears."*Charles Landry (2008: 173)

BARCELONA 22@

Barcelona
41° 34' 03'' N
02° 15' 27'' O



“La ciudad de Barcelona há aprovechado a oportunidad presentada por la crisis económica para afianzar el nuevo contenido de los principales motores del crecimiento económico de la ciudad(...) En el distrito 22@, ejemplo claro de cambio de modelo económico por el que apuesta la ciudad, se han incorporado 1.502 empresas desde el año 2000 hasta 2009, suponiendo un aumento de 44.600 lugares de trabajo” 22@Barcelona: 10 años de creixement económic (*in* Montserrat (2010 :140))

3.2 BARCELONA, A CIDADE QUE SE REINVENTA

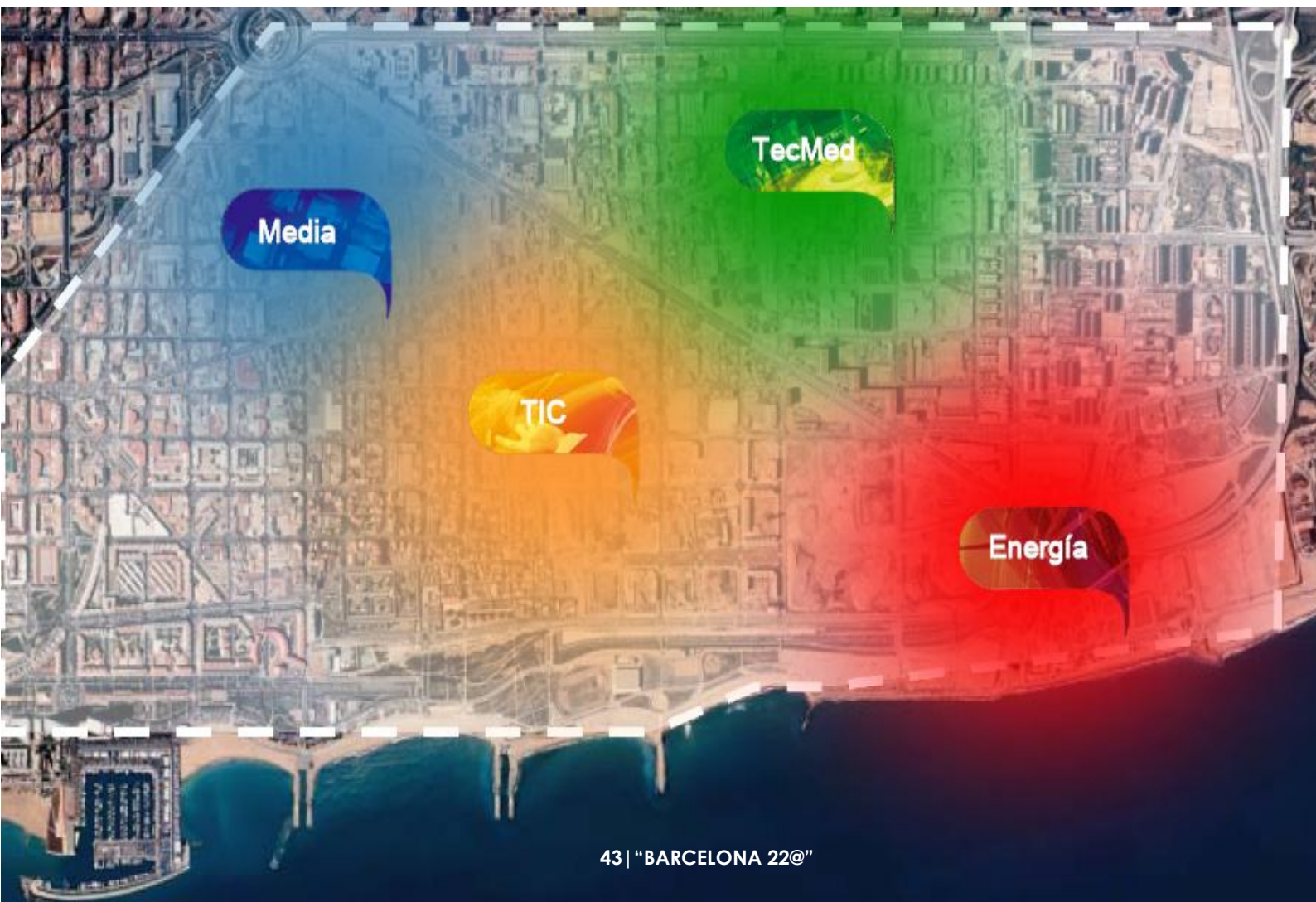
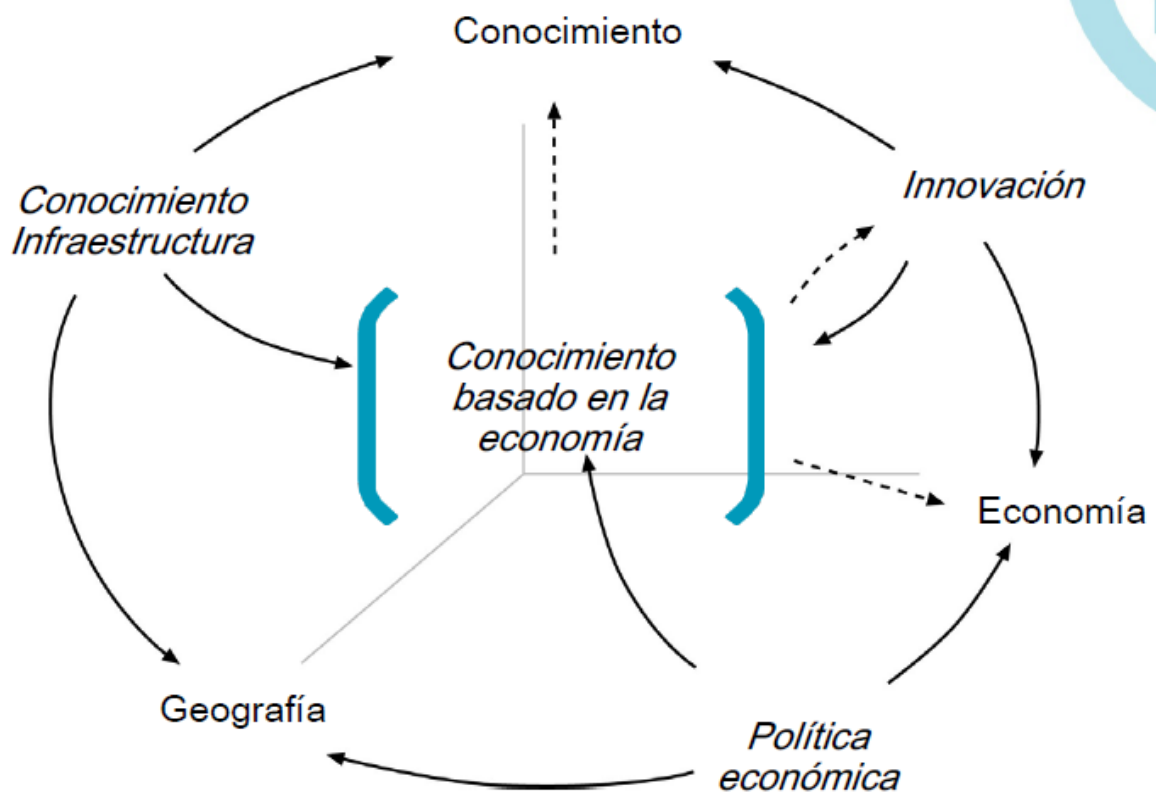
“La ciudad há seguido desarrollando una estrategia económica subyacente com una estructura ya en marcha desde hace años, promocionando un modelo de crecimiento económico basado en el conocimiento, la creatividad y la innovación, que com lle va un posicionamiento de liderazgo ante la Unión Europea como uno de los ‘centros del conocimiento del continente” Observatori Barcelona (in Montserrat (2010 :140)

Cidade concebida como um ideal, uma utopia que perdura até hoje na imagem de “Colón”, alguém que partiu à descoberta de novos mundos e do alto do seu pedestal observa o tributo prestado, é-o no romantismo das suas lendas é-o no romantismo da arquitectura de Gaudí, um misto de loucura e racionalidade, um misto entre o inacabado e o mensurável.

Uma cidade que conjuga o passado e o presente de um modo sábio; uma cidade que se reinventa a cada momento, dia após dia. Fá-lo porque cedo percebeu que a cidade se faz de e para os cidadãos, e estes são permanentemente, os principais actores.

Um espaço multicultural, um ambiente multirracial, são estes os motes que estão na génese de Barcelona e perduram até hoje, características que se vão tornar visíveis em muitos aspectos da cidade, seja no seu desenho do território, no desenho do espaço público ou no desenho dos seus edifícios.

Barcelona é um exemplo vivo da funcionalidade, da utilização, de um modo de viver a urbanidade, mais que perceptível ao percorrer as suas avenidas, os seus quarteirões, ao sentir os seus bairros, ao partilhar vivências com a população...



E, por analogia com outros exemplos, Barcelona encontrou em diferentes contextos oportunidades para requalificar o seu desenho, seja do território, seja do edifício. Fez-se quando cidade sede dos Jogos Olímpicos em 1992 (Montjuic), que levaram à requalificação de toda uma frente voltada ao mar, uma área outrora degradada, votada ao abandono que se reinventou, e posteriormente outro evento "Fórum 2004", o Fórum das Culturas.

Mas o desenho das cidades não é um gesto dogmático, um gesto desprovido de objectividade. Pelo contrário, acarreta em si uma filosofia de intervenção, condiciona o modo de viver e de crescer, potencia ou castra a criatividade, potencia a inserção de movimentos autóctones num espectro mais amplo, a globalização. António Gaudi é um exemplo ao acarinhar a cultura local com uma identificação ao território e suas gentes- seja na forma, no uso, nos materiais, nas cores, consegue pela qualidade da diferença, ao projectar-se no exterior.

Entre estes projectos, nasce em 2000 um novo, "22@BCN", que se pretende que crie inovação, conhecimento e altere alguns padrões de intervenção local. Mais do que um distrito de inovação (Poblenou), são três zonas agregadas num objectivo comum (Glòries, Sant Andreu Sagrera e Besós): duzentos hectares destinados a albergar um laboratório urbano assente em três premissas: inovação urbana, inovação social e inovação económica.

"La ciudad de Barcelona há aprovechado a oportunidad presentada por la crisis económica para afianzar el nuevo contenido de los principales motores del crecimiento económico de la ciudad(...) En el distrito 22@, ejemplo claro de cambio de modelo económico por el que apuesta la ciudad, se han incorporado 1.502 empresas desde el año 2000 hasta 2009, suponiendo un aumento de 44.600 lugares de trabajo" 22@Barcelona: 10 años de creixement econòmic (in Montserrat (2010 :140)

Salvaguardando a diferença de escala, entre Barcelona, e Guimarães, podemos encontrar algumas analogias entre as duas situações abordadas. Estamos perante partes da cidade outrora pólos de uma indústria que não conseguiu acompanhar os novos desafios de uma economia mais globalizada, e desse modo acabaram por se tornar obsoleta. Como resultado desta inadaptação estrutural, foram inúmeras unidades industriais abandonadas, sem um destino que se avizinhasse.

Foi também este o desafio, o de agregar num só movimento uma vontade de construir um novo modo de ver e sentir a cidade, os criativos com novas metodologias de intervenção, um território receptivo a estes movimentos, a cidade criativa.

Uma aliança entre o Governo Central, o Governo Regional, as Universidades, as estruturas empresariais, as instituições culturais e os cidadãos para se alcançar uma dinâmica conjunta capaz de tornear obstáculos de índole legal, cultural e geracional, um novo modo de pensar a cidade.

Alia-se "o viver a cidade", (pela criação e optimização de recursos que vão dos transportes, encarando a mobilidade como um factor essencial ao desenvolvimento, uma nova visão da utilização do espaço público de e para os cidadãos, uma nova visão sobre o acto de habitar pela escala, modo de agrupar e viver os espaços residenciais,) a uma visão mais globalizante de mercado, de cultura, de economia e laboratórios que pretendem atrair empresas criativas que actuem nos sectores, "média, Tic, TecMed, Energia e Desenho". Todos eles com uma forte componente científica e tecnológica, um exemplo ligado ao anteriormente abordado, relativamente aos "clusters" relacionados com a inovação.

Observe-se a praça "Foto Voltaica" junto ao Fórum 2004 (imagem 45) dos arquitectos Herzog e De Meuron, que concilia um espaço de utilização pública onde decorrem festivais, com alta tecnologia ligada ao ambiente.

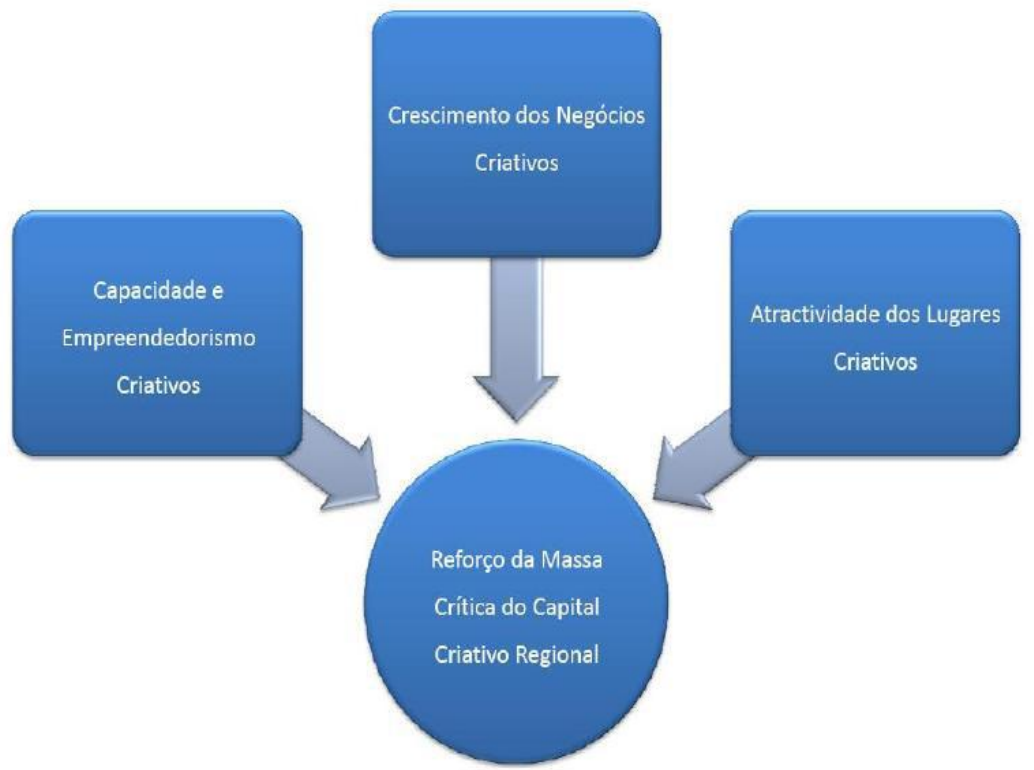
Ou os edifícios (imagem 44) construídos e em construção pontuados na cidade, que albergam diversos tipos de Industrias e Tecnologias.



Exemplos de reintegração de edifícios devolutos que fazem um “mix” com novos e de inovação, tanto a nível de competição no mercado bem como nos matérias e processos construtivos.

“Uno de los puntos fuertes a añadir resulta la capacidad de adaptar el papel de líder a las circunstancias cambiantes tanto del entorno como del marco económico global. La flexibilidad en la ejecución y en la integración de nuevos elementos a lo largo de los proyectos se convierte en la integración de nuevos elementos a lo largo de los proyectos se convierten nun factor diferencial de otros papeles de lidarezgo” Barber y Pareja-Eastaway (*in* Montserrat (2010 :147)

Barcelona é mais um exemplo da aliança entre vontades locais e orgulhosas da sua cultura, com uma dinâmica global de partilha de saberes e experiências, em prol não só da intervenção restrita a um território limitado, mas também enquadrando as suas dinâmicas numa mundo cada vez mais globalizado, em que a criatividade dá o mote a um novo modo de interpretar a vivência Urbana.



Conclusão

No primeiro capítulo, fizemos uma breve reflexão sobre a problemática do Homem contemporâneo e as suas preocupações e perspectivas sobre o seu papel em sociedade e, conseqüentemente, acerca dos problemas da cidade: sejam eles económicos, políticos ou urbanísticos. Acreditamos ser necessário um repensar das políticas postas em prática nas cidades, bem como encontrar soluções para os problemas com que estas se deparam, amiúde inerentes às dinâmicas da ocupação do território ou às convulsões económicas, a título de exemplo.

Utilizamos casos de estudo e exemplos de inovação urbana e regeneração como o caso nacional da cidade de Guimarães e o caso internacional da cidade de Barcelona, com o objectivo de perceber alguns métodos de regeneração (reais)- que recorrem à criatividade e envolvem a população em todo o processo.

As reflexões levam-nos a acreditar que o Homem cada vez mais tem tendência a agrupar-se e a trabalhar em conjunto para se mover em sociedade, é o caso do network, co-work, aluguer de espaços comuns, para trabalhar ou viver. Um complementar sinergias que não se faz apenas nas relações do Homem enquanto cidadão Global mas que se traduz, igualmente, no território.

A nova procura por locais que respondam a estas necessidades, levou-nos a desenvolver um segundo capítulo que aborda a vertente da nova utilização do espaço e de que modo podemos nós, arquitectos, responder à necessidade de uma mobilidade constante.

Partindo do estudo da cidade de Espinho e levando-nos a uma intervenção no território que se pretendia que conjugasse os propósitos estudados até aqui e patentes no primeiro capítulo.

"Los câmbios en los modos de producción económica han determinado la emergencia de diferentes tipologías de ciudades.(...), las ciudades son el reflejo de los câmbios acontecidos en (...) El siglo XXI muestra un nuevo panorama de ciudades creativas, en donde el conocimiento y el capital humano juegan un factor esencial para el futuro de la ciudad." Montserrat (2010: 135)

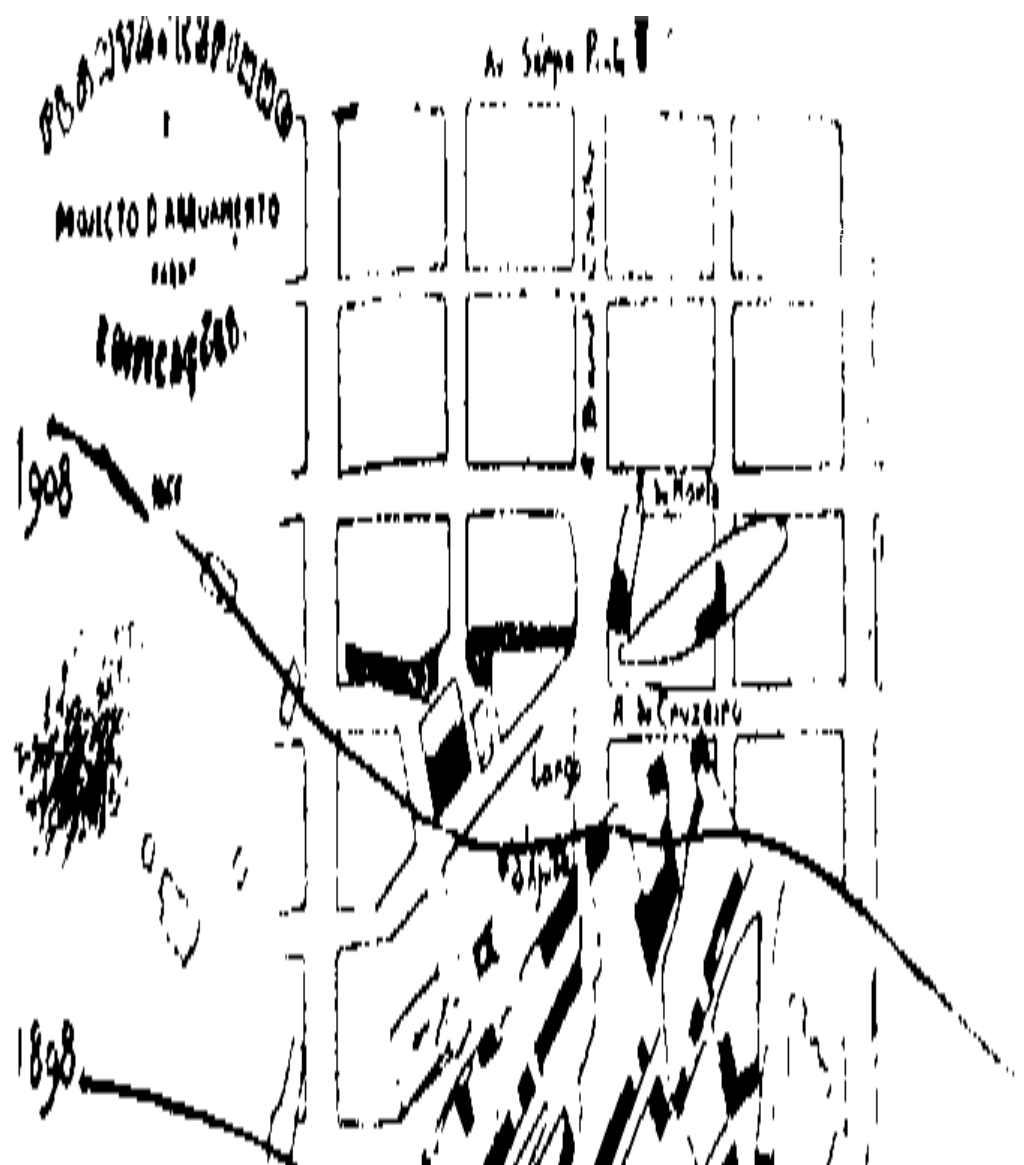


ESPINHO

Um olhar criativo sobre Espinho

Capítulo II





Introdução

No 2º Capítulo, pretendemos estudar a cidade de Espinho, percebendo a sua história e as suas potencialidades.

Num primeiro olhar, a sua localização, tendo por base a cidade do Porto, coadjuvada pela sua proximidade ao mar. Porém, num percorrer do território percebemos um “marasmo” inerente à cidade: uma população envelhecida e a falta de iniciativas novas.

Acreditamos que não deverão existir ideias que não correspondam a uma ideal, de cidade, o qual se faz com as suas instituições, as suas forças económicas, a sua população.

Espinho encontra a sua génese na arte piscatória e todo um contexto a si aliado, que passa pela ocupação do território, bairros de pescadores de matriz urbana descomplexada e livre de preconceitos formais, numa estrutura social/familiar dela decorrente que mais tarde acaba por estar na origem da cidade propriamente dita. Gilberto Maia (2009: 15)

Paralelamente, pela sua localização e pela sua orla marítima, alia a matriz local ao potencial de uma localidade balnear, conseguindo atrair pessoas de outros locais com o inerente desenvolvimento económico.

No entanto, perdeu a áurea de outros tempos, quer no mar quer em terra. No mar o pescado, em terra uma indústria que se foi desvanecendo por inadaptação aos novos mercados.

Procuramos com esta reflexão perceber a cidade, olhar para o seu passado e principalmente uma procura de respostas para dar um novo rumo, uma reflexão sobre Espinho hoje.

Espinho hoje, que imagem? Que dinâmicas podemos criar para fazer frente às suas ambiguidades? Como trazer gente para viver em Espinho?

Por analogia com outras cidades, Espinho ressent-se de um processo de desenraizamento da sua população que parte em busca de outras oportunidades de vida. A pesca e as indústrias, em decadência, já não são aliciantes em particular para as novas gerações. Uma partida que se reflecte

em diferentes sectores, da indústria ao comércio, não esquecendo as dinâmicas locais de algum modo perdidas perante esta nova realidade, que se vai repetindo como se de um ciclo se tratasse. Armando Ribeiro (2009: 21)

"A análise da evolução da estrutura etária da população entre 1981 e 2001 demonstra uma quebra de população nos grupos etários mais jovens (até aos 24 anos) e um aumento de adultos e idosos. O grupo etário dos (0 – 14) anos registou em cada uma das duas últimas décadas um decréscimo superior a 20,00 %, tal como a faixa etária dos 15-24 anos, nos anos 90. Ao contrário, da população adulta (25-64 anos), que manifestou um acréscimo de 22,84%, nos anos 80 e a população idosa, um ganho de aproximadamente 34,00%, em cada uma das duas últimas décadas." Censos 2001 (in portal.cm-espinho.pt)

Estes dados tornam-se bastante relevantes e tradutores das escassas oportunidades que a cidade oferece às populações mais jovens, tendo estas de sair e procurar actividade profissional ou formação em cidades próximas.

No nosso entendimento, terá de ser feito um investimento nas políticas de desenvolvimento, na requalificação do património ambiental e edificado, em novos espaços verdes de lazer e novos equipamentos culturais, pontualmente aliados às novas tecnologias de informação e comunicação. Também um investimento na requalificação de algumas estruturas edificadas, outrora equipamentos industriais, poderá ser o mote de um desenvolvimento sustentável.

Uma cidade atravessada pelo caminho-de-ferro, retalhada. Acto agora minimizado com a intervenção urbana proposta, mas ainda não concluída, que se traduz num quotidiano feito de ambiguidades, retalhos de pavimento alcatroado, estruturas para crianças denominadas de parques infantis que não passam de meros equipamentos colocados em locais vazios, passagens para veículos um pouco questionáveis, pela sua localização e própria estrutura, ciclovias que servem de aparcamentos, aspectos que podem ser verificados nas imagens que se seguem (imagem 49).



4.1 Um olhar Criativo sobre Espinho

Uma cidade que possui uma história construída à imagem da sua gente.

Uma história feita de dificuldades e de cumplicidades com o mar, porque dele advém o seu sustento, e tão hostil ao destruir lares, não só numa perspectiva de vivências, mas como numa batalha, em que a terra umas vezes conquistada outras cedida, acaba por desenhar as estruturas urbanas locais.

Construções, refúgios inseguros, palheiros rudes, um local em permanente mutação, sempre junto à praia, como que num desafio permanente com o mar. Um desespero para quem ali vivia e durante anos via as construções serem levadas, foi-o desde aproximadamente 1889 até vinte anos depois. P.^a Lima, (*in* João Quinta, 1999: 14). Falamos de casas, de igrejas, de ruas... de memórias que ali continuam enterradas.

Contudo, e apesar de todas as dificuldades, ainda hoje mantém uma intensa cultura ligada ao mar e uma estrutura urbana muito peculiar com vivências muito próprias.

Ruas num misto de público e privado, por vezes de fronteiras imperceptíveis; Construções habitacionais com roupa a secar no exterior, canas, cordas e peças de vestir que desenham o espaço urbano como se de mobiliário urbano se tratasse;

Uma cozinha ou sala aberta à rua denotam uma privacidade tradutora de um valor relativo num aglomerado habitacional feito de cumplicidades entre os habitantes que permitem vencer as adversidades quotidianas.

Um culto, "a xávega", um misto de cultura e de trabalho, arte herdada de Chaves. Gilberto Maia (2009:15) Redes rasgadas e cosidas ao som do tempo, levadas pelos barcos e posteriormente arrastadas para terra, outrora por juntas de bois, actualmente tractores, o arrasto que se dá pelo nome de arte xávega. Carlos Gaio (1999: 81)



Próxima da área metropolitana da cidade do Porto, a cidade encontra-se dotada de boas infra-estruturas rodoviárias e usufrui dos equipamentos aí existentes independentemente da sua vocação.

Aqui, estamos perante uma ambiguidade. Facilidade nas acessibilidades nem sempre significa desenvolvimento local. Aliás, acaba por vezes, mais do que cativá-las, facilitar a saída de oportunidades- falamos da população jovem e pró-activa com capacidade de gerar dinâmicas na cidade. Censos 2001 (*in portal.cm-espinho.pt*)

Num observar atento à heterogeneidade local, falamos na indústria, no comércio, nos serviços, no parque habitacional, intervenções maioritariamente de qualidade dúbia, que dialogam com intervenções meritórias, que acabam por parecer ausentes e isoladas num contexto adverso. E entendemos por isto intervenções ambíguas, hesitações no que concerne a resolver as questões urbanísticas que o lugar pedia. Veja-se por exemplo a via principal de acesso à cidade. No que parece desprovida de sentido, incaracterística na sua estrutura e imagem, uma manta retalhada, resultante dos complexos habitacionais, das habitações abandonadas, do posto de combustível, dos stands de automóveis de circunstância, das rotundas e cruzamentos aos espaços de lazer.

Paradoxalmente a cidade em si, assenta numa estrutura urbana rigorosa que acaba por sustentar as diferentes intervenções feitas e a decorrer. Uma malha ortogonal, uma aposta feita numa estrutura forte que assenta a sua organização na lógica do quarteirão, Gilberto Maia (1999: 29), a qual permite uma ocupação diversificada e, quando necessário, libertar alguns módulos para darem lugar a espaços de estar/lazer de dimensão e desenho abertos à cidade.



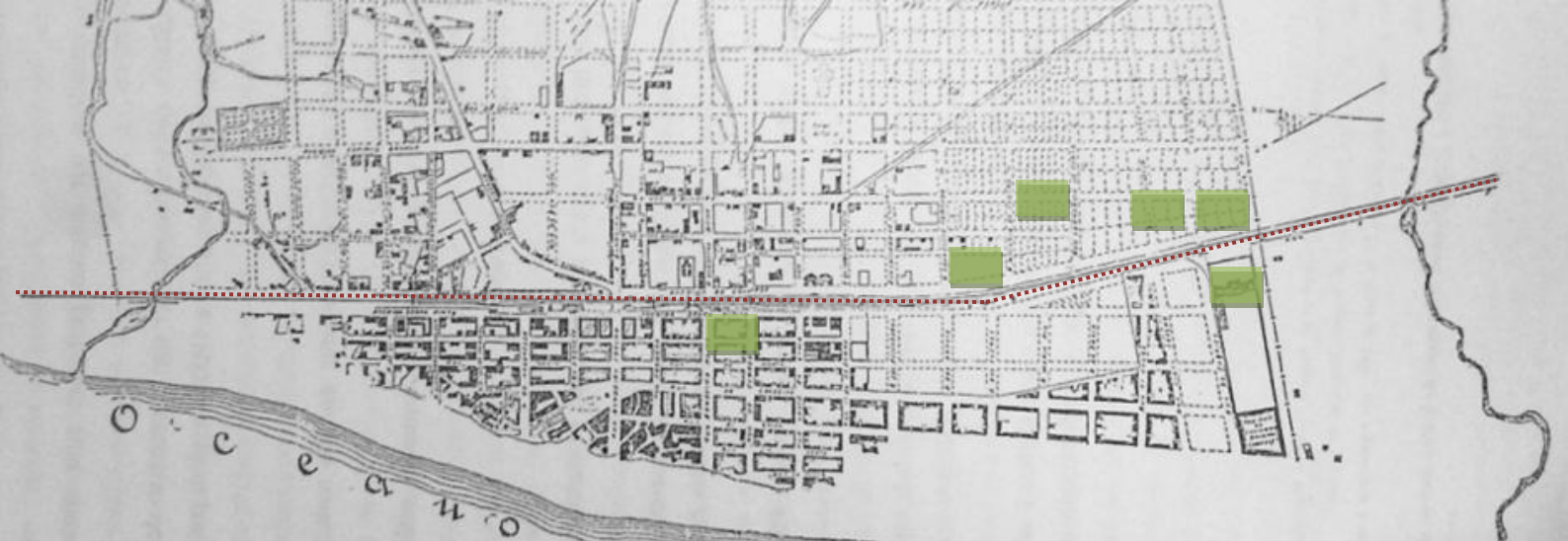
Da segunda metade do séc. XIX, prolongando-se até ao início do Estado Novo, a cidade apresentava, já, um traçado pré-definido, clarificando o seu posicionamento no território. Carlos Gaio (1999: 10) Uma cidade "moderna", vanguardista, pois criava vivências que permitia assumir-se como tal. Era de denotar as similaridades com a capital, Lisboa, por exemplo, no seu traçado, na sua vontade de cativar gente. Uma cidade que se queria associada à inovação, um ex-líbris para o país. Gilberto Maia (2009: 29)

Espinho, paralelamente ao seu "espírito piscatório", denota um "cariz burguês", não muito perceptível na forma ou no conteúdo da sua vivência, mas que paira como que uma sombra de um passado não muito distante que teima em emergir. Gilberto Maia (2009: 27) Resultante de uma ocupação balnear de qualidade hoje perdida e de uma indústria assente na estrutura ferroviária hoje votada ao abandono e residual no seu contexto empresarial.

E, ao falar da linha ferroviária, cremos poder falar-se em parte da história da cidade, isto porque nos parece que ela sempre aceitou a inevitabilidade de viver com o transtorno de um atravessamento que a dividia e que condicionava todo o seu desenvolvimento. Pode actualmente não parecer a melhor medida urbanística para o local, porém a linha de comboio foi vista como potenciadora de riqueza e de novos fluxos para a zona, um símbolo de mudança, um meio de atracção, um marco da prosperidade e da inovação. Carlos Gaio (1999: 38)

É de José Bandeira um dos primeiros planos que se conhecem para a cidade, o qual se estrutura num traçado paralelo e perpendicular ao caminho-de-ferro, o que demonstra a sua importância e a entende como um elemento de fulcral relevo no transporte da população e, acima de tudo, da mercadoria. Carlos Gaio (1999: 134)

Foram assim nascendo vários pólos industriais em volta do caminho-de-ferro que ali passava. (assinalados na imagem que se segue- imagem 52).



Ficou, assim, a cidade dividida em dois núcleos: o Poente e o Nascente.

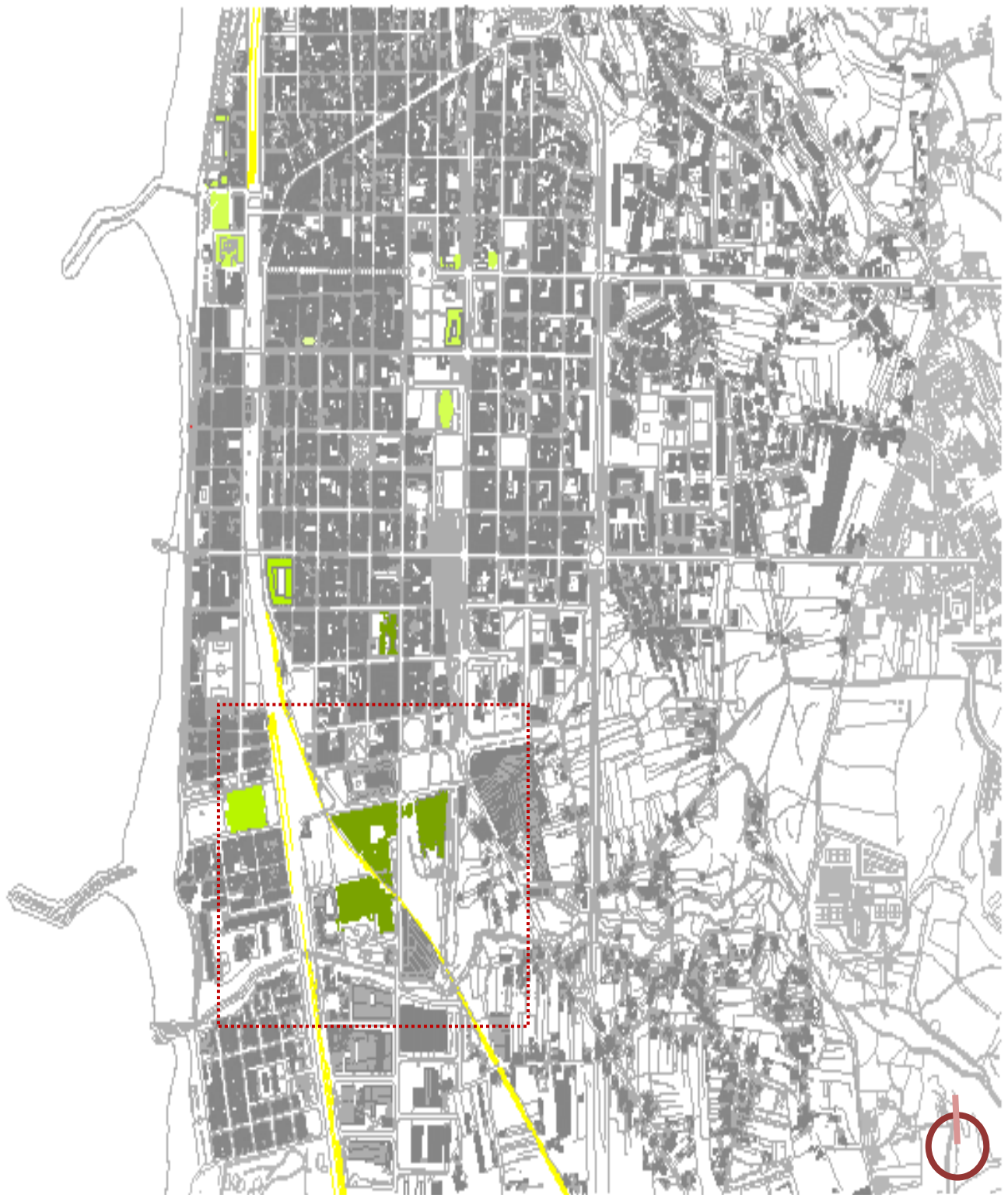
Mas o tempo em que a cidade aceitava esta imposição e limitação ao seu desenvolvimento foi-se desvanecendo. Hoje, quer-se uma cidade unida em torno de um ideal de cidade que não retalhada.

É notória a existência de duas cidades, duas realidades distintas. Uma que se aproveitava do turismo, dos fluxos migratórios do Verão e onde cresceram equipamentos de apoio, como hotéis casas de veraneio, o casino; outra crescendo aos poucos, mas à imagem da primeira, cafés, a Assembleia, o Teatro, o Hotel Bragança. Carlos Gaio, (1999: 38). Agora, há que as unir num único propósito, reinventar uma nova cidade.







Espinho, uma cidade que se mostrava bastante inovadora, chegava a ser a primeira cidade Portuguesa a receber as “novidades” equiparando-se a grandes cidades Europeias. Um dos exemplos foi o sistema de iluminação público. Os turistas eram atraídos pela “nova luz”, o telefone ou mesmo o telégrafo. Marcos de grande importância que promoveram tempos prósperos. Carlos Gaio (1999: 118)

“O Portugal essencialmente rural, mas longe da reforma agrária, onde se articulavam, contrastando, um oceano miserável e subprodutivo de pequenos agricultores, camponeses semiproletários e assalariados (...) uma legião de pequenos industriais e artesãos, servidos por um operariado sobreexplorado (...) com uma poderosa elite de grandes financeiros escorados no import- export e no comércio colonial, dos quais dependia quase tudo o resto...” José Mattoso (1994 : 16)

Cabe agora perguntar qual é o papel do sector industrial no quotidiano de Espinho?



Sem Escala

- | | | | |
|---|----------------------|---|-----------------|
|  | FÁBRICAS ABANDONADAS |  | ZONA INDUSTRIAL |
|  | FÁBRICAS RECUPERADAS | | |
|  | EDIFÍCIOS DE CULTURA | | |
|  | LUGARES COM MEMÓRIA | | |
|  | LINHA DO COMBOIO | | |

Portugal nos primórdios do século XIX era um país relativamente pobre, cuja economia assentava numa indústria artesanal e na exploração agrícola, actividades voltadas para o mercado interno e menos para a exportação, daí a competitividade não merecer grande relevância. “ *Nas aldeias, ou nas pequenas vilas, a miséria total é mais rara. Deixa-se às vezes de trabalhar, mas deixa-se raramente de comer. Não há dinheiro...*” Oliveira Salazar (in José Mattoso, 1994: 15)

Na zona de Espinho, a actividade industrial teve um desenvolvimento assinalável e com reflexos observáveis no seu desenho e desenvolvimento urbano, tal como podemos verificar na imagem anterior. Havia várias indústrias a laborar em pleno centro de Espinho e áreas adjacentes, edifícios que ainda hoje permanecem símbolos de um apogeu agora votado ao esquecimento. Aguardando alguma intervenção. Será o caso da Tipografia ou da Fábrica da Fosforeira, entre outros, sendo que tal depende da agregação de diferentes esforços num único propósito, de lhes repor a dignidade perdida.

Na década de noventa, as actividades na cidade eram essencialmente ligadas à Indústria Conserveira, à Pesca, à moagem do café, a móveis e à carpintaria, memórias hoje perdidas no tempo. Carlos Gaio (1999 :44).

Algumas destas fábricas não resistiram aos tempos modernos, devido a factores económicos, políticos e sociais, contribuindo para um agravamento das condições de mercado e de laboração de algumas unidades de que ainda hoje se guardam as memórias. Casos da fábrica dos Botões Reis, mais tarde das Panelas “A Vigorosa”, a fábrica Fabril, a Fosforeira, a Progresso...

A unidade mais relevante no panorama da cidade, a Fábrica Brandão Gomes, esteve muito atenta à vertente social e bastante ligada às populações e actividades locais, impulsionando a pesca e elevando-a a um patamar superior. “*Absorveu o produto da actividade piscatória, assegurando a sobrevivência de centenas de famílias... criou postos de trabalho, atraindo novos residentes e gerando rendimentos... estimulou o progresso tecnológico arrastando inovações decisivas...*” Carlos Gaio (1999: 156)



À importância económica, social e criativa destas unidades correspondia igual cuidado no tratamento formal dos seus edifícios. Unidades cuja aparência fazia transparecer a vivacidade do seu funcionamento, com equipamentos dotados das mais recentes inovações tecnológicas, iguais aos de grandes pólos industriais europeus, como os da Alemanha, França e Holanda, segundo Armando Ribeiro (2009: 7). Revelou-se no tratamento das áreas administrativas, mais cuidadas; nas estruturas mais laborais com os seus telhados marcadamente vincados, nas chaminés em blocos de tijolo, símbolos indiscutíveis de outros tempos que urge preservar. Depois foi perdendo esta prosperidade quando não conseguiu fazer frente aos tempos difíceis de guerra e, principalmente, quando deixou de inovar, perdendo força para outras zonas como foi o caso do centro pesqueiro de Matosinhos, em 1929, não conseguindo acompanhar a tecnologia que outrora foi a sua maior riqueza. Armando Ribeiro (2009: 21).

Espinho está ávida de ideias, carece de iniciativas que façam jus à sua história, que elevem as suas potencialidades, enquanto factores geradores de dinâmicas que ajudem a consolidar uma nova imagem.

Cidade que em tempos foi pioneira nas artes, das primeiras a receber o cinema ("o milagre do movimento" como muitos lhe chamavam), por Edwin Rousby, cidade onde artistas como Amadeu de Souza Cardoso viveram, onde se criavam estratégias/dinâmicas capazes de se tornarem pólos de atracção, hoje parece entregue a si própria condenada a um envelhecimento precoce.

Basta de edifícios devolutos que transformam a cidade num puzzle de hiatos, chega de artérias urbanas inacabadas ou estruturalmente deficitárias! Não se apostem em equipamentos, de interesse público indiscutível, sem o tratamento das áreas envolventes de apoio. Não basta construir sem que tal se faça com a cumplicidade das populações locais, as que dão razão de ser aos equipamentos e espaços adjacentes ou, a curto prazo, estes não passarão de "eventuais soluções" desprovidas de conteúdo e os espaços de lazer contíguo, mais não serão do que parques de estacionamento, aspectos que se confirmam na imagem que se segue-imagem 55.



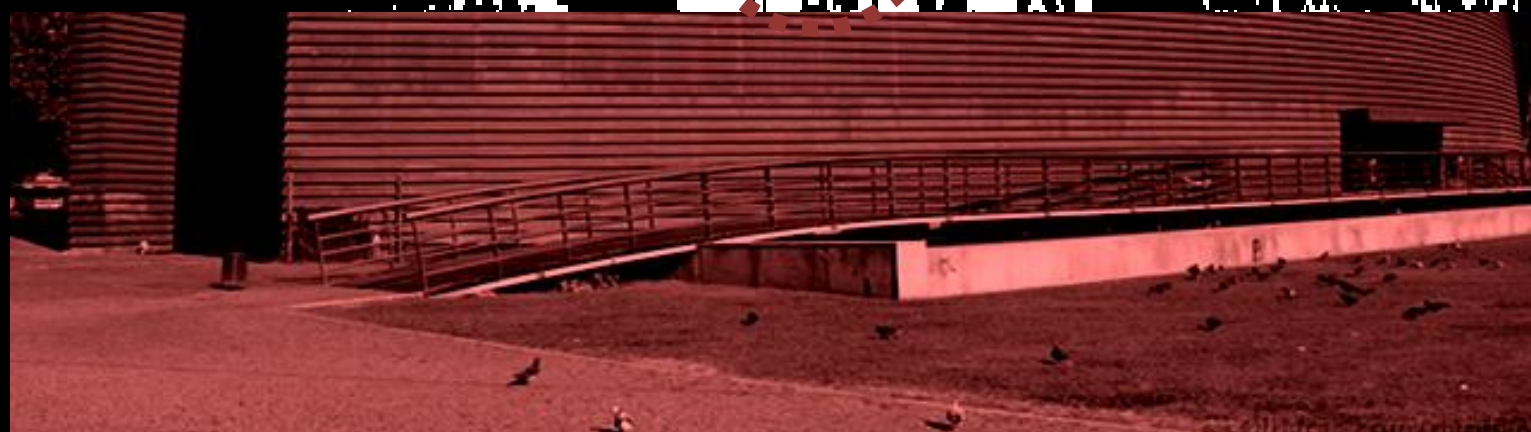
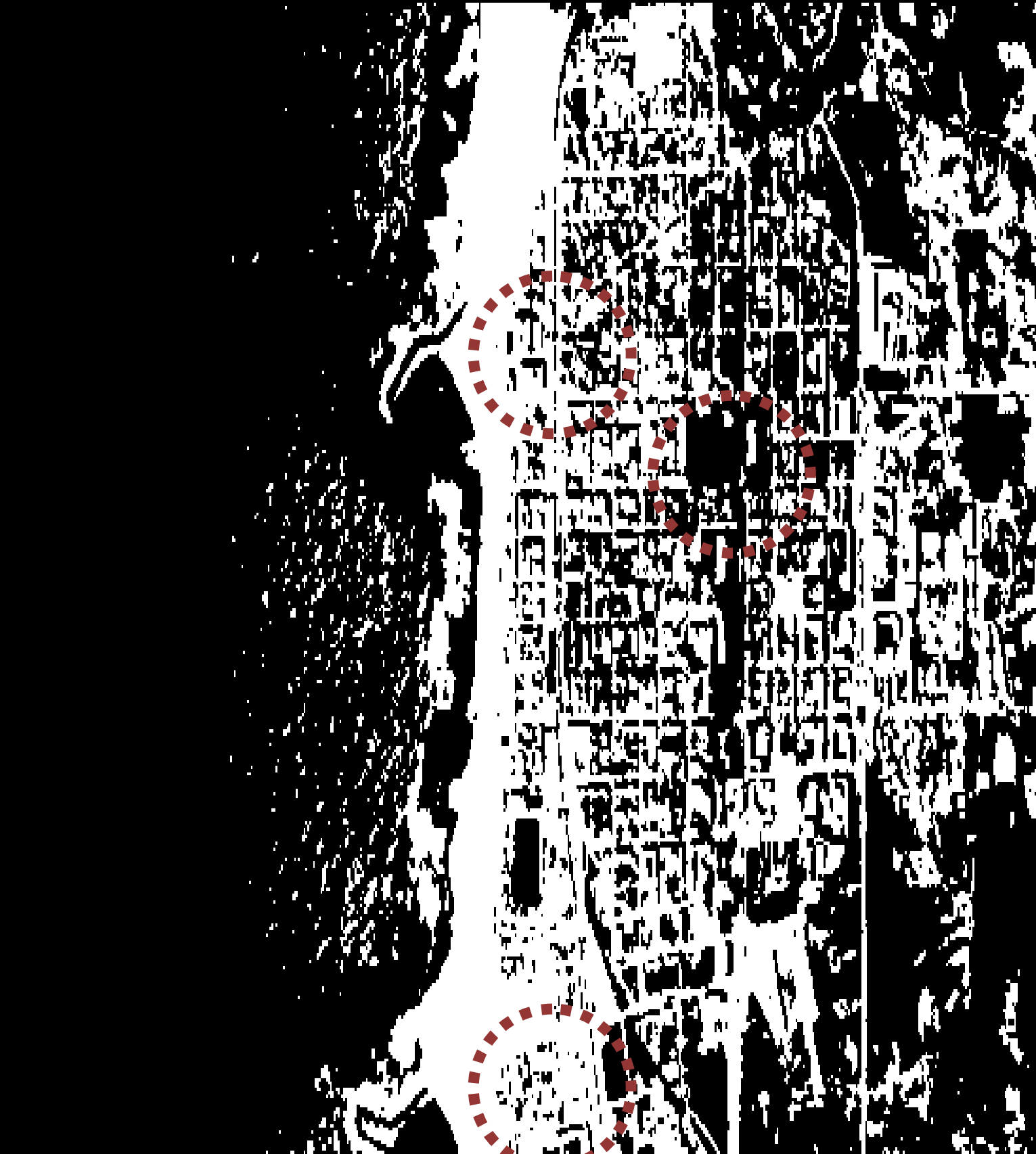
Olhemos, também, para bons exemplos, que os há em Espinho. O Centro Multimeios, onde se realiza o festival do Cinanima, o Fórum de Arte e Cultura-FACE (antiga fábrica Brandão Gomes) ou a antiga fábrica Progresso, hoje um edifício de habitação.

Temos de capitalizar todo o investimento feito, público ou privado, enquanto pólos dinamizadores da realidade local, ao serviço da imagem da cidade, da sua qualidade de vida, de novas ideias potenciadoras e cativadoras de uma nova geração de interventores, os novos artistas.

É necessário requalificar o património da cidade de Espinho, espaço livre ou construído, agregado a dinâmicas locais que façam lembrar, sem demagogias, outros tempos. Uma “alternativa” poderá passar pela importação de modelos de intervenção, sejam de cariz urbano, cultural, empresarial entre outros. A cidade tem de viver de si mas precisa de bons exemplos.

Espinho parece estar a acordar de um sono profundo, ainda meia aturdida, sentindo-se o pulsar de uma vontade de intervir conscientemente sem pretensiosismo serôdios, algo por vezes complicado na gestão dos municípios.

Torna-se imperioso intervir. É necessário crescer de uma forma contida e pragmática, têm de se desenvolver políticas de diferentes índoles que sustentem, enquanto modelos teóricos, dinâmicas de desenvolvimento. Vemos a cidade como “um local de oportunidades”, um território criativo, onde a cultura se identifica com um povo, onde se abrem novas perspectivas e rumos.



4.2 Estratégia como acto de projectar

Espinho, a cidade dos desafios.

Apesar das inúmeras questões descritas no início da reflexão anterior, é de notar, num olhar mais atento, que poderemos transformar as situações problemáticas em oportunidades aos incentivos criativos.

A cidade é atractiva, e não só numa vertente turística. Encontremos, na sua história, outras vocações em que esta se consiga afirmar num contexto cada vez mais exigente, em que só as diferenças, o aproveitamento das "culturas locais", fará sentido.

Um "reflectir as políticas de intervenção no território" e suas dinâmicas permitiu-nos equacionar a criação de um equipamento que pretende trazer população (jovem) nova e fixá-la juntamente à já existente.

A opção pela revitalização da unidade industrial abandonada pretende gerar uma necessidade de se concentrarem ideias num ideal que se poderá corporizar em "clusters", por exemplo, a abertura da cidade a um novo modelo de espaço aberto à globalização.

Refira-se que só terá sentido falar em globalização, em abertura ao exterior, se existir uma convicção muito forte nas potencialidades locais, nos seus produtos, na sua população. Só a diferença fará qualidade num universo cada vez mais imensurável.

Foi este o desafio: pegar numa estrutura industrial abandonada e parcialmente em ruínas e dar-lhe uma nova alma, uma nova vida, uma nova função.

Pegar num contexto urbano muito específico e dar-lhe um input para um futuro próximo, com estratégias que pretendem soluções mais abrangentes que consigam agregar, se possível, um olhar mais atento às inércias locais, visto estar numa zona bastante devoluta, resultante da perda de competitividade e inovação dos processos fabris (zona industrial).

Princípios que se identificam com o novo conceito de um trabalho em rede, um trabalho partilhado e assertivo num contexto mais alargado, ao serviço das raízes locais.

A recombinação de funções aliadas a uma revitalização de toda a zona envolvente urbana fará com que a proposta se construa mais sólida e possa colmatar as “falhas” na organização pré-existente. Com este programa, procuramos igualmente a promoção de novas dinâmicas que partem da memória do local e criam novas articulações entre espaços e nomeadamente funções.

Uma nova cidade!

Uma cidade criativa!

Uma cidade ao serviço dos cidadãos!

110

4.3 Recombinar elementos urbanos | Regeneração Urbana | Problemas urbanos, soluções criativas- Ilha Criativa (Proposta Projectual)

“La ciudad está vista como una gran obra, destacable en la forma y en el espacio, pero esta obra puede ser captada através de sus fragmentos, sus momentos diversos; ésta es la observación que podemos hacer con seguridad de estas partes está dada fundamentalmente por la história, por la memoria que la ciudad tiene de sí misma” Aldo Rossi (1995:116)

Um edifício perdido, um terreno que forma um hiato na cidade.

Um quarteirão esquecido na cidade que o tempo foi consolidando como uma realidade traumatizante, como se não houvesse perspectivas para si.

Um edifício que sofreu várias intervenções, ciclicamente surge-nos conferido ao abandono, É consistência sob o ponto de vista arquitectónico de notar as intervenções casuísticas, e falo dos múltiplos retalhos que são visíveis na forma em si, que resultou das várias funções alicerçadas a que se seguiu um abandono permanente.

Este é um destes momentos, uma Fábrica que outrora foi símbolo de prosperidade da cidade, inserida no miolo urbano formando, em conjunto com outras, uma rede forte no que se entendia por progresso e que, hoje, mais não é que uma “caixa” vazia.

Num contexto urbano de grande heterogeneidade funcional e habitacional, equipamentos civis e religiosos, múltiplos edifícios abandonados, sendo maioritariamente fabris, incomodam quem ali vive.

Na Cidade de Espinho verifica-se uma enorme percentagem de “terrain-vagues”, como lhes chamaria Solá de Moralles. Falamos de terrenos esquecidos, hiatos da cidade que foram perdendo o seu carácter e valor no território, deixando apenas o esqueleto daquilo que foram outrora.

Espaços que poderão ser “reactivados”, oportunidades à criação de plataformas interactivas, que façam um “mix” de talentos. Estes, vindos de fora que se abram à comunidade e tragam novas experiências.



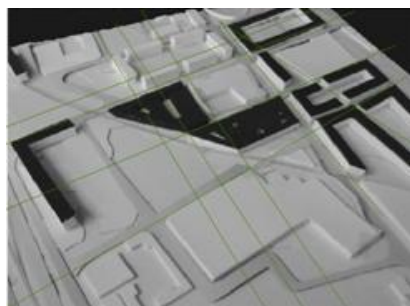
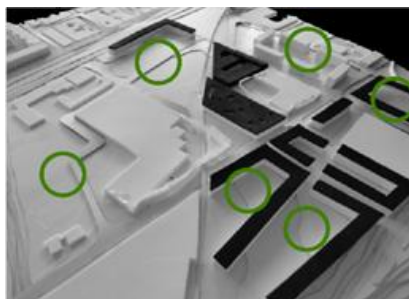
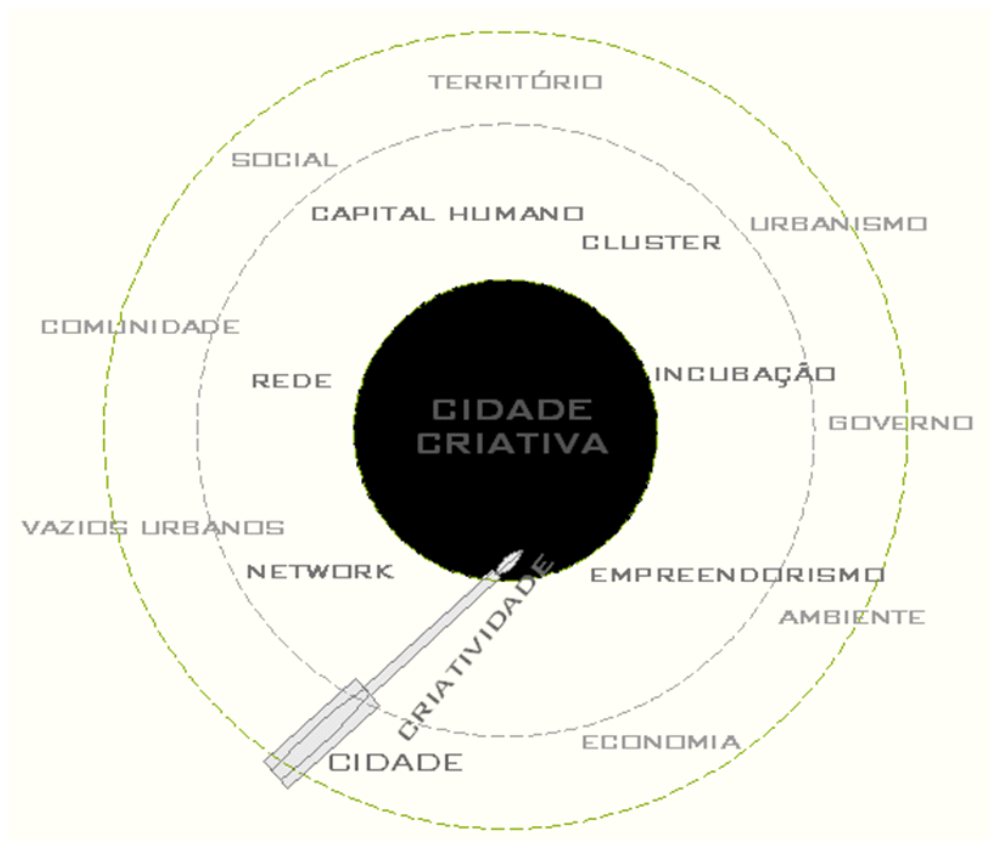
É de notar a sua escala relativamente aos restantes edifícios e a sua configuração/arquitectura muito característica, as suas alturas, as chaminés, fachadas recheadas de diversas fenestraçãoes, telhados inclinados... e que, ao longo do tempo, se encontram cada vez mais deteriorados, onde partes construídas se acumulam no chão pois não resistem às intempéries, traduzindo as suas memórias em nada mais que amontoados de lixo.

A, outrora, Fábrica dos Botões, mais recentemente Fábrica das Painéis "A Vigorosa", quase que nos implora por uma intervenção que vai pecando por tardia.

Propusemos um programa, tendo em consideração a falta de políticas de investimento, não só a nível urbanístico mas também no que diz respeito à capacidade de atracção da população jovem para a zona.

A primeira fase passou por revitalizar toda a área envolvente procurando a consolidação da malha urbana e, essencialmente, coser as partes, nascente e poente da cidade, separadas pela linha do comboio.

Havia que desenhar uma intervenção, que contribuísse para a clarificação através de um diálogo entre o edificado, proposto e existente, para a requalificação urbana desta parte de cidade (zona sul, zona industrial). Fosse através dos percursos rodoviários ou pedonais, zonas de lazer, zonas desportivas para jovens, como o parque radical para skaters, ou zonas destinadas à cultura, como o antigo edifício da Tourada transformado em equipamento cultural. Este último procura um programa à semelhança do Pavilhão Dinamarquês (Expo Shanghai 2010) do atelier BIG, que visa a interacção entre o público e a cultura descobrindo "passo a passo" novas experiências, ou da antiga estação de comboios da linha do Vouga, transformada em equipamento público, cuja proposta passou pela sua desactivação, invocando a sua memória através de percursos de lazer organizativos e que ligassem os vários equipamentos propostos, procurando referências no projecto mediático de Diller Scofidio + Renfro- "HighLine" em Nova York.



Fosse através dos volumes a construir, fosse pela linguagem arquitectónica, que embora inculcada de uma identidade própria (bairro dos pescadores) não deixa de se relacionar com as construções adjacentes inseridas numa malha rígida, a proposta procurava resolver este espaço híbrido.

Quanto mais clara fosse esta primeira fase da intervenção e quanto mais rigorosa numa perspectiva formal, mais segurança e tranquilidade transmitia para o que viria posteriormente.

Uma proposta que se foi estruturando segundo as condicionantes locais e os objectivos traçados, que passaram pela clarificação do espaço público em particular pelos percursos pedonais, fossem de continuidade com o existente, e falamos da malha urbana, edifícios construídos e intervencionados como a antiga Fábrica de Conservas "Brandão Gomes", hoje FACE, ou a linha de água existente e a mistura entre a arquitectura do bairro dos pescadores dotado de vivências muito próprias e das construções mais recentes.

Numa segunda fase, intervimos na Fábrica dos Botões, recuperando-a. Esta escolha deve-se ao modo como as construções deste tipo se relacionam com as novas construções, devido à sua escala e à sua dimensão, que seriam favoráveis ao tipo de programa que iríamos propor.

O balizar desta nova fase procurava torná-la distinta, identificável no tempo, na forma, no espaço e na utilização/vivência.

O programa passa por pensar um Espinho Criativo, uma cidade que resolve os seus problemas de forma criativa e aplica a ferramenta "criatividade" para tornar os seus projectos possíveis, sendo que esta é o palco /laboratório de todas as vivências.

Estava na altura de devolver o edifício à cidade, atrair talento e criar um ponto onde a contaminação de ideias fosse possível.

Inicialmente, é proposto um cluster da economia criativa, um local onde as empresas pudessem estar em modo de trabalho chamado de coworking, e a população em geral pudesse fazer parte de todo o projecto.

Uma ilha criativa.



FALTA DE POLÍTICAS DE INTERVENÇÃO



FAZER A RECONDIÇÃO DOS EQUIPAMENTOS



RECUPERAR ALGO COM UM POTENCIAL PRÉ-EXISTENTE



FALTA DE POLÍTICAS DE INVESTIMENTO



COBER A MALHA URBANA



TRATAR OS HIATOS URBANOS



REQUALIFICAR OS RECURSOS NATURAIS



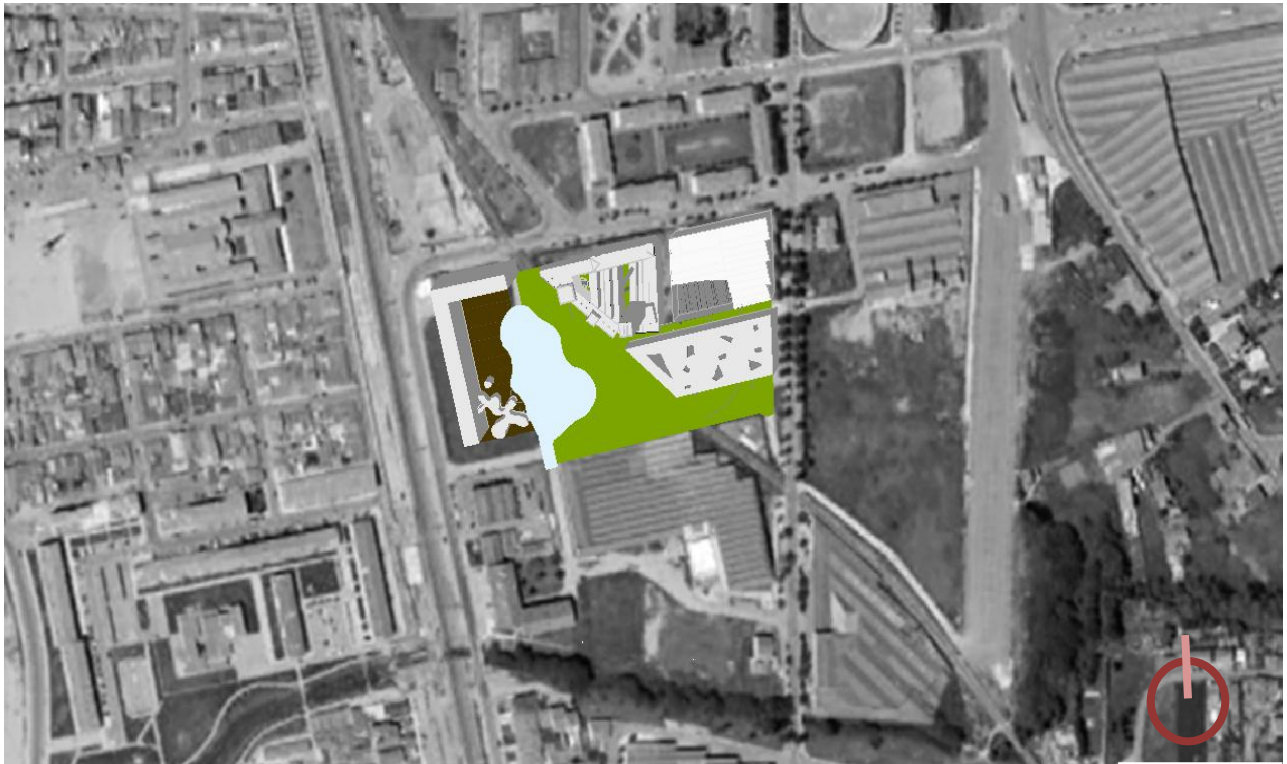
A ideia do projecto procurou a sua génese na história do “local”, na ideia de como esta parte da cidade cresceu, do modo como este crescimento foi, por um lado consequência, por outro condicionante para as vivências humanas.

A uma escala diferente, neste quarteirão procurou-se construir uma pequena cidade com as suas distintas realidades. Construir os edifícios e os seus arruamentos, designados quer seja para idosos, como casais jovens ou os jovens essenciais a todo o projecto, são-no os estudantes e numa segunda fase os que estão a criar as suas empresas. Mas só existe cidade, enquanto transmissão de experiências e será aqui que reside o cerne de toda a proposta.

“Traditional models that say that economic growth comes from companies, or jobs, or technology are thus in complete. I agree whole heartedly that technology is important. But others actors come into play. Technology- measured by innovation and high-tech industry concentration- figures into my model as one of the “3Ts” needed for growth. Talent is the second T- “not “human capital” as usually measured (by numbers of people holding education credentials) but creative capital, which talent measured functionally, by the numbers of people actually in creative occupations. The third T is tolerance. Places that are open and tolerant have an edge in attracting different kinds of people and generating ideas.” Richard Florida (2002 :xix)

Esta proposta faz-se da fábrica em si mas também da residência criativa alicerçada que pretende albergar pessoas vindas do exterior e que possam dar o seu contributo à população ou apenas queiram arrendar um espaço.

A ideia da proposta procurou a sua génese na história do “local”, na ideia de como esta parte da cidade cresceu, não consequência de um estudo prévio, regulamentador e disciplinador, mas na tradução de um empirismo formal, que encontra as suas justificações nas necessidades quotidianas de um povo, com uma identidade.



Sem Escala



Projectamos diferentes módulos com diferentes funções, os quais, ao relacionar-se entre si, promovessem conjuntos de espaços mais ou menos intimistas que correspondessem a uma determinada função. Equipamentos, zonas de exposição, zonas que promovem o encontro entre população e trabalhadores, os espaços abertos à cidade à comunidade, a ligação entre o privado e o público, onde o espaço "semi-privado" ganha consistência em relação aos outros, pois este é o espaço de partilha e encontro. (imagem 61)

Um edifício único, constituído por diferentes volumes, estruturado a partir de diferentes partes existentes, dialogando com a realidade construída anteriormente ou por ruptura, abrindo o espaço livre a novas perspectivas, plataformas que procuram contribuir para o enriquecimento do património construído e também um pouco para o tecido urbano da cidade, sendo que se pretende que o piso aberto à cidade (Piso 0) seja uma continuidade dela, um percorrer espaços descobrindo diversas funções. (anexo CLXXIII)

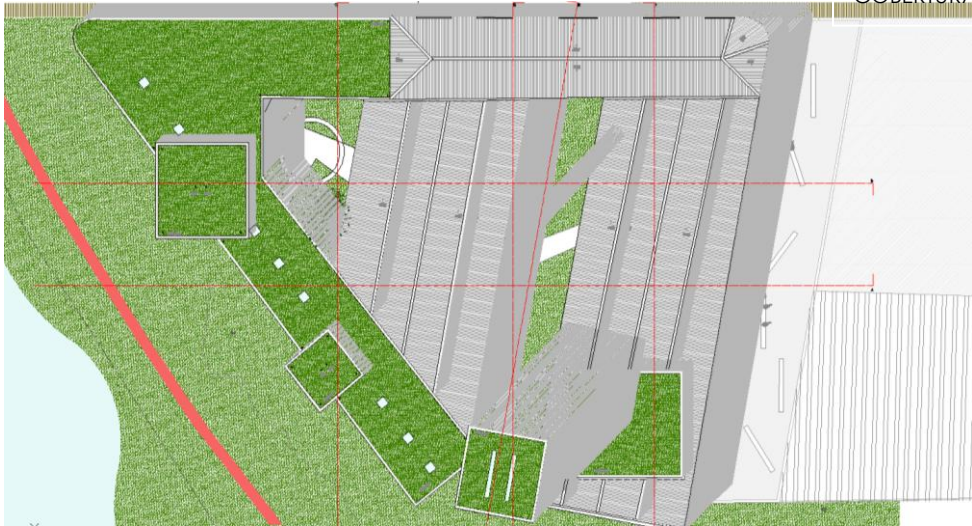
Para este local, procurou-se uma solução, receptiva ao desenvolvimento do equipamento, deixando uma realidade mais híbrida e menos consistente, no que diz respeito à massificação de construção. Espaço livre que não sobras ou resquícios dos elementos construídos, mas que pelas suas características, formas, dimensão promovam vivências, criem história.

E foram estas vivências que deram o mote, em parte, à estrutura da segunda fase do projecto. "Pequenas caixas" que geram pequenos espaços-pátios, que promovam uma descoberta "passo após passo" de uma nova "pequena cidade", para um público preciso, com as suas vivências muito identificáveis.

A qualidade da intervenção passa pelos edifícios, volumes e linguagem, com particular relevo para o seu contributo na definição/desenho do espaço livre, percursos ou zonas de estar, como se de pequenas praças, de pequenos pátios estivéssemos a falar. Esta é a riqueza da cidade, a descoberta do quotidiano de novas realidades, como se dia após dia estas se disfarçassem.

A arquitectura encontra-se aqui ao serviço de um ideal, ao serviço dos seus cidadãos.

COBERTURA



PISO 1



PISO 0



Sem Escala

Um passado, uma cultura; Uma proposta, um futuro; Novos espaços, novas vivências; Novas oportunidades....

O mote da intervenção assenta na recuperação do já existente: corpo principal, outrora administrativo; das estruturas maioritariamente em madeira e betão, outrora áreas produtivas; dos espaços livres, outrora logradouros de funções diversas; das referências visuais, outrora uma chaminé de uma caldeira ou o triangular das coberturas revestidas a telha cerâmica. Estes elementos foram fulcrais para que se estabelecesse um afecto ao local.

Baseámo-nos em volumes soltos, diferentes módulos correspondendo a diferentes funções, uma liberdade conceptual que cremos estar mais adequada aos princípios subjacentes do programa exigido.

Estas estruturas remetem para algumas realidades sobejamente conhecidas das cidades Industriais, são as ilhas reflexo dos tempos da Revolução Industrial e das suas pequenas habitações, construções que cresciam à medida das necessidades dos seus habitantes que, muitas vezes, se viravam para pequenos pátios mais intimistas.

O edifício em questão formal desenvolve-se da seguinte forma, as construções- "pequenas caixas" (imagem 61) apresentam-se com diferentes configurações e materiais, uma ideia do efémero remetida pela memória do espaço, que o pretendem pontuar e, de certa maneira, delimitar zonas com funções diferentes. A ideia será libertar ao máximo o espaço tornando-o receptivo a todo o tipo de actividades. Este pretende-se versátil, convidativo, multifuncional, despido de ordenamentos, quase que em estado "bruto" lembrando as inúmeras naves de que a fábrica se fazia, cujos pátios exteriores pontuados pelas alvenarias, se tornam agora, locais de encontro entre os diversos pólos, e estes, pátios, são agora uma memória dos já existentes onde os pilares (estrutura fabril) se sobrepõem a toda a restante construção e é esta que marca as diferentes naves. (anexo CLXXIII e CLXXIV)

Criam uma ideia de fachada que exerce a função de "pele", um invólucro perfurado que ao mesmo tempo diferencia as zonas de entrada ou estar do antigo equipamento para zonas comunicantes entre si.



As caixas vêm romper um espaço único e isolado -a nave- onde as zonas comuns se conjuguem numa só, comum a um núcleo. Exemplo disto, será a cantina, os auditórios e livraria. Pretendia-mos que todas as unidades embora trabalhassem em rede e, sem delimitações físicas entre si, diferenciação entre as funções. Inicialmente abordamos o conceito existente na fábrica onde se constroem múltiplas passagens em volta das naves e este conceito surge-nos "impresso" no pavimento configurando percursos por todo o edifício. A partir da delimitação e organização do programa conseguimos ter a percepção das distintas zonas, e aproximações.

A entrada principal (imagem 62) do antigo edifício mantém-se e será a entrada para o núcleo superior onde residem as micro, pequenas e médias empresas. Esta abordagem não é aleatória, sendo que a função principal do edifício é essa mesma: albergar empresas, esta será um espaço carregado de memórias e que se pretende bastante marcante naquilo que é o conjugar da antiga memória e novas funções. Aqui encontra-se a chaminé, elemento deixado no mesmo local que agora terá como pano de fundo uma caixa que se sobrepõe a todas as outras e faz o contraponto do volume de entrada e a chaminé. As duas entradas secundárias da fábrica possuem também elas distintas funções: uma será para a entrada num percurso com a vertente mais cultural, onde encontramos a livraria e o "pólo" de exposições, e a outra a entrada para a zona do refeitório que poderá funcionar em separado do restante edifício. Autónomas no seu funcionamento, pelo que estão dotadas de instalações sanitárias independentes. (anexo CLXXIII)

Existem, evidentemente, parâmetros comuns a todas as unidades. No entanto, tal não significa uniformidade, do rigor conceptual de que partimos, permitindo-nos estabelecer variáveis que passam pela organização interior, com a possibilidade, em alguns casos, de zonas de refeições, noutras áreas de estudo, jardim/ pátio "interior"...

No piso superior, a ideia passa, igualmente, pela partilha de espaços, que se querem abordados de diferentes modos para permitirem diferentes abordagens. Estes espaços pretendem-se que sejam arrendados por trabalhadores de diversas áreas, sejam áreas das Industrias Criativas ou não, sendo que para tal, os espaços têm de ser versáteis. (anexo CLXXIV)



"A class is a cluster of people who have common interests and tend to think, feel, behave similarly, but these similarities are determined by economic function- by the kind of work they do for a living. All the other distinctions follow from that. And the key factor our age is that more of us than ever are doing creative work for a living." Richard Florida (2002: 8)

Foram criados dois pólos, diferenciados do volume pré-existente pelos materiais e forma. Pretendia-se que correspondesse a um piso novo, como tal que não fosse "disfarçado" pela materialidade já existente, pesada e fria, com fenestrações acima da linha do horizonte, mas que, pelo contrário, pegasse nestas ideias e as transforma-se. É proposto um painel de polycarbonato com figuras impressas, a escolha do material pretendia fazer tornar os movimentos translúcidos, a existência de luz natural mas não directa e a marcação do piso que se fecha para o exterior e se abre para o interior, ideia remanescente e existente da antiga fábrica.

Isto traduz-se numa zona de cowork propriamente dita, onde estão disponibilizadas mesas e cadeiras, um pouco à imagem do que acontece no Cowork do LX Factory em Lisboa, um espaço para micro-empresas e trabalhadores individuais das mais diversas áreas e um pólo para pequenas e médias empresas, que se traduzem em ateliers separados por painéis amovíveis que permitem uma maior ou menor ocupação de espaço consoante a necessidade. Estes núcleos, ou pólos, como lhe chamámos anteriormente, possuem áreas comuns, os balneários, uma zona de estar, um bar com uma pequena cozinha para que os trabalhadores possam aquecer a sua refeição, um arquivo situado na torre na zona sul e duas salas individuais que se pretende que sejam a génese da ideia de todo o trabalho executado neste piso. Salas de Brainstorming, locais que podem servir de salas de reunião para os trabalhadores se encontrarem com clientes mas principalmente onde se encontrem, e entre si discutam os mais diversos pontos de vista com o intuito de contribuírem de uma maneira inovadora para os seus trabalhos. Estes volumes assumem-se na fachada, dando a ideia de romper com o existente, um marco da contemporaneidade interventora no edifício.



"As formas fenomenológicas são estruturas segundo agrupamentos de células que servirão de base aos aspectos constitutivos do edifício habitação, edifícios públicos ou privados, etc.,etc.

O conjunto destas células ou microvolumes- um ritmo e malhas modulares- é o elemento fundamental para definir o todo.

Para o desenvolvimento desta estruturada forma fenomenológica, deve conhecer-se o são agrupamentos de malhas e células.

É evidente que os agrupamentos celulares existem desde há muito tempo, sendo um dos seus exemplos mais importantes a normalização do tijolo, um dos primeiros elementos construtivos com o qual se podem desenvolver varias combinações e, a partir daí, produzir dimensões de espaços o mais criativos possível." Victor Consiglieri (1995: 226)

Pensamos ser exaustivo estar a descrever cada equipamento e entendendo por isto cada função inerente a uma caixa ou não, por si, um pressuposto esteve inerente à sua concepção, não os esvaziar no pragmatismo da função que desempenham, mas o obrigar a que dialoguem entre si, se complementem, enriqueçam o gozar de toda a proposta. O projecto fala por si.

Espaços amplos e flexíveis, percursos de interligação que se assumem como pequenas praças, flexíveis porque não se pretende condicionar comportamentos, mas potenciar vivências que passam do utilitarismo inerente à função, mas resvalam para o prazer do repouso, do convívio.

Esta fluidez espacial é totalmente enriquecida pela arquitectura pré-existente, de telhados inclinados, naves, pilares e a chaminé, um elemento marcante que parece gerador de todo o espaço envolvente.

A ideia de toda a intervenção passa por manter a coerência com a restante proposta e Planeamento Urbano, onde o cidadão utiliza o território para comunicar e partilhar as suas vivências.

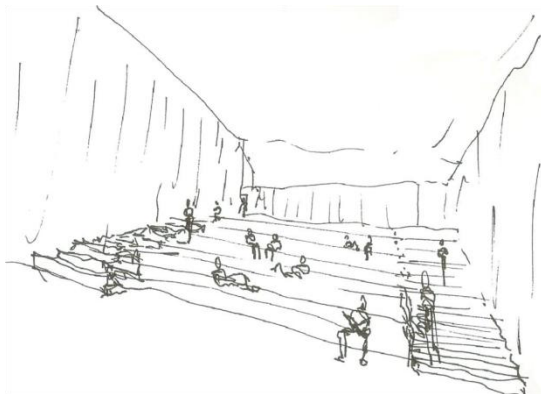
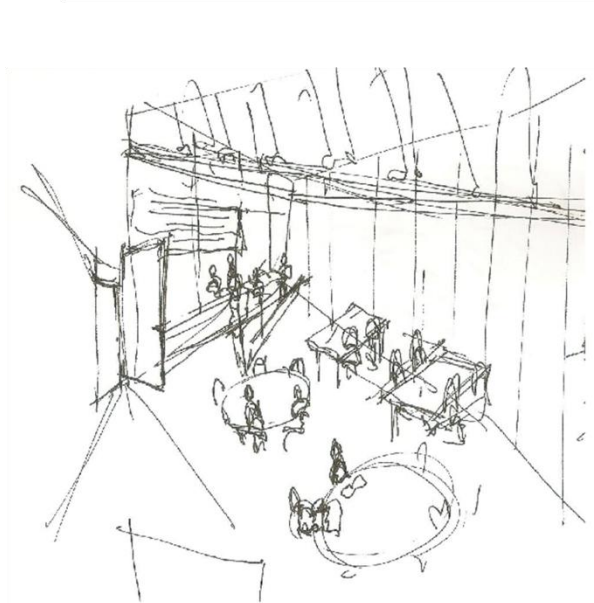


Estamos perante um público-alvo muito identificável e com o qual a cidade parece cada vez mais se esquecer. Os jovens, uma parte da população que, hoje, encontra bastantes dificuldades ao entrar no mercado de trabalho e que em Espinho, concretamente, há a tendência para sair e procurar alternativas fora da localidade. Assim, seria uma forma de os fixar e de apostar no empreendedorismo de alguns destes.

Esta questão da perda de população activa/ jovem é uma realidade que se tem vindo a concretizar através do tempo, a tal que acaba por construir a história da cidade. Uma população cada vez mais envelhecida perdendo "talento" para cidades vizinhas como o Porto.

Estes factores de decrescimento populacional, e consequentemente económico, a falta de competitividade e inovação- também são visíveis na cidade em si, edifícios abandonados, terrenos vazios, parques e praças inacabados. Estes surgem-nos como uma imposição que não é mais do que um ónus ao desenvolvimento do projecto ou, pelo contrário, agarramos em toda esta "herança", interpretámo-la e agarramos o que de bom esta nos pode dar, enquanto contributo de um passado para a definição de parâmetros que nos sustentem as novas intervenções.

Uma realidade heterogénea, como referi anteriormente, cuja intenção será capitalizar a sua recuperação fazendo aqui um jogo entre o existente (memória da cidade) e a contemporaneidade, revitalizando a cidade.



“(...) A convivência, sem mais, não significa sociedade, viver em sociedade, ou fazer parte de uma sociedade. Convivência implica só relações entre indivíduos. Mas não pode haver convivência duradoura e estável sem que se produza automaticamente o fenómeno social por excelência que são os usos- usos intelectuais ou «opinião publica», usos de técnica vital ou «costumes», usos que dirigem a conduta ou «moral», usos que imperam nela ou «direito». O carácter geral do uso consiste em ser uma norma do comportamento- intelectual, sentimental ou físico- que se impõe aos indivíduos, quer estes queiram ou não. O individuo poderá, por sua conta e risco, resistir ao uso, mas este esforço de resistência, precisamente, demonstra melhor do qualquer outra coisa a realidade coactiva do uso, o que chamaremos a sua «vigência». Pois bem: uma sociedade é um conjunto de indivíduos que se sabem mutuamente submetidos à vigência de determinadas opiniões e valorizações. Segundo isto, não há sociedade sem a vigência efectiva de determinada concepção do mundo, que actua como última instância a que se como ultima instancia a que se pode recorrer em caso de conflito.

A Europa foi sempre um âmbito social unitário, sem fronteiras absolutas nem descontinuidades, porque nunca faltou esse fundo ou tesouro de «vigências colectivas»- convicções comuns e escala de valores- dotadas dessa força coactiva tão estranha em que consiste «o social».” Ortega y Gasset (1989 : 197)

É do Homem criativo que irá surgir a cidade criativa, uma cidade com base nos novos modelos de partilha de saberes, encarando a economia numa vertente globalizante, com novos modos de operar - as Indústrias Criativas, já não no sentido tradicional do termo, mas agora aberto à experimentação, à inovação, em que a cultura e as novas tecnologias têm um lugar de destaque.

O Homem tem de acreditar nas suas capacidades e ter uma postura optimista ainda que, num contexto algo desanimador pelo qual estamos a passar, assente na valorização do que de mais genuíno podemos ter - as nossas raízes e as nossas culturas - pois hoje, cada vez mais, somos cidadãos do mundo, no seu Capital Humano.

A contemporaneidade reflecte-se na nossa visão de mundo, na nossa consciência, no modo como intervimos. Contudo, não existe cidadania responsável sem formação/informação, e aqui entra a proposta projectual efectuada, que se assume de indiscutível relevância na consolidação de aprendizagens.

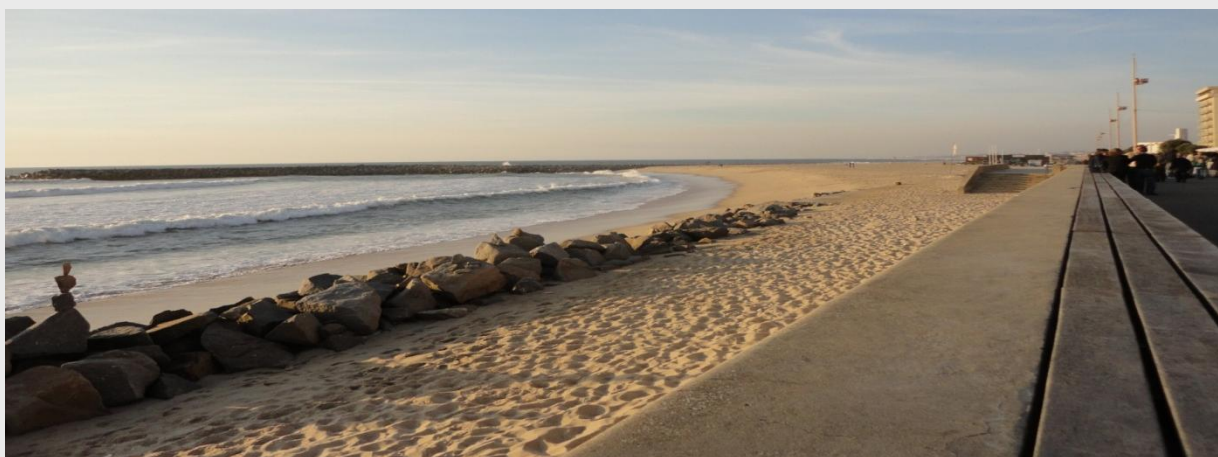
Os novos arquitectos estão mais atentos e receptivos a novas práticas, mais sensíveis nas abordagens a fazer a problemáticas que agora se levantam às cidades, e são, eles próprios, pilares sobre os quais assentam a sua cultura. Já não querem servir-se da cidade, querem servi-la para dela poderem usufruir responsabilmente.

Com este trabalho, pretende-se uma reflexão sobre as novas práticas da sociedade, as opções do Homem contemporâneo. Quererá ele tirar partido do seu capital humano ao invés do capital económico/ monetário?

O homem vive em sociedade, como tal tem regras de conduta. Precisa de gerir o seu tempo e de gerir o seu comportamento com os outros, utilizando o território para o fazer.

É necessário criar condições para que isto seja possível e é aqui que o papel dos arquitectos se verifica como fundamental.

Equacionar o homem é equacionar a sociedade e equacionar a sociedade é equacionar o território. É nele que pretendemos intervir.



A proposta baseou-se numa estratégia de reconversão de um espaço híbrido que traduzisse a sua história proporcionando vivências em locais de partilha e encontro entre a população.

Após a conclusão do projecto - e falo das duas partes intrínsecas, reflexão (primeiro capítulo) Planeamento Urbano e Revitalização da Fábrica dos Botões (segundo capítulo) -aprendi a compreender e a respeitar a herança de um património esquecido; que a solidez do nosso passado cultural, artístico e arquitectónico pode constituir uma base sólida que dê credibilidade às nossas intervenções; recolocar-me enquanto jovem estudante de arquitectura, nos modos de abordagem e posteriormente, saber intervir, em determinados contextos, aprendi, que fazer arquitectura é mais que um desenhar o território, o edifício é um modo de vida... criativo.

...passamos das fábricas de outrora para as fábricas das ideias.

Penso que obtive resultados importantes do ponto de vista da resolução dos problemas da cidade, nomeadamente de obstáculos que possam surgir, como foi o caso da divisão inerente em duas partes criada pela linha do comboio e resolvida pelo desenho do espaço urbano traduzindo-se em praças, anfiteatros, parques desportivos, uma solução que pretendia devolver o espaço público ao cidadão (regeneração urbana e social). Do ponto de vista da ideia do "construir cidade", (este) nem sempre se faz do seu acréscimo e muitas vezes podemos tirar partido do aproveitamento de espaços devolutos, como edifícios abandonados, devolvendo-lhes outra função, fazendo um aproveitamento inovador de recursos financeiros e territoriais.

Quando nos deparamos com situações onde a população parece não acreditar na sua cidade cabe-nos a nós, arquitectos, juntamente com políticos, urbanistas, geógrafos, sociólogos, entre muitos outros, reinventar o espaço urbano, livre ou edificado. Acreditar em novos movimentos, em novas dinâmicas de intervenção, institucionais ou não, fazendo com que o capital humano se traduza num capital económico. Foi isso que pretendi auscultar nas entrevistas preparadas, fazendo justiça ao que foi dito e traduzindo-o na proposta projectual, e entendo ter respondido a todas as questões levantadas ao longo do trabalho.

Referências

ÀLVES, Mário João coord., Cidades Flexiexistencialistas, 2010, Universidade Lusíada Editora, Lisboa, ISBN: 978-989-640-069-9

BRANDÃO, Francisco, Anais da História de Espinho (1926- 1960), 1992, Gráfica Firmeza

BRANDÃO, Francisco, Anais da História de Espinho (895- 1926), 1912, Gráfica Firmeza

BOUÇON, Armando, A Vida Rural no Concelho de Espinho, 2006, Multitema. (www.jf-espinho.pt/)

CASTELLS; Manuel, A Sociedade em Rede, vol I, 2007, Fundação Calouste Gulbenkian, ISBN: 978-972-31-0984-9

Cidades Criativas (2009), Arquitectura 21, nº:16, Rio de Mouro

CONSIGLIERI, Victor, A Morfologia da arquitectura II 1920-1970, 1995, Editorial Estampa, ISBN: 972-33-1006-6

Experiências Participativas (2011), Arqa- Arquitectura e Artes, Março/Abril2011, Lisboa

FLORIDA, Richard, The Rise of Creative Class, 2002, Basic Books, ISBN: 978-0-465-02477-3

FORTUNA, Carlos, Cidade, Cultura e Globalização, 1997, Celta Editora, Oeiras, ISBN: 972-8027-78-8

GAIO, Carlos Morais, A génese de Espinho- Histórias e Postais, 1999, Campo das Letras Editores, ISBN: 972-610-235-9

GONÇALVES, José Manuel, Os Espaços Públicos e Reconfiguração Física e Social da Cidade, 2006, Universidade Lusíada Editora, Lisboa, ISBN: 972-8883-67-6

JUDT, Tony, Um Tratado Sobre os Actuais Descontentamentos, 2011, Edições 70, Lisboa, ISBN: 978-972-44-1632-8

LANDRY, Charles, The Creative City- A Toolkit For Urban Innovators, 2008, Earthscan, ISBN: 978-1-84407-598-0

MAIA, Gilberto, Frente de Mar de Espinho, Quando o mar e a terra fazem (e desfazem) a cidade, 2009, FAUP

MATTOSO, José, História de Portugal, O estado Novo vol. 7, 1994, Editorial Estampa, ISBN: 972-33-1086-4

NESBITT, Kate, Uma Nova Agenda para a Arquitectura, 2008, CosacNaify, ISBN: 978-8575035993

ORTEGA Y GASSET, A Rebelião das Massas, 1989, Relógio D` Água, ISBN 972-708-637-3

QUESADO, Francisco Jaime, O Novo Capital, 2007, Rés XXI, ISBN: 978-989-95191-5-2

QUINTA, João, Espinho, 1999, Engrenagem, ISBN: 972-98134-0-X

ROSSI, Aldo, La arquitectura de la ciudad, 1995, Gustavo Gili, ISBN: 84-252-1606-0

STEINER, George, A Ideia da Europa, 2007, Gradiva, Lisboa, ISBN: 978-989-616-022-7

TÁVORA, Fernando, Da Organização do Espaço, 2004, FAUP publicações, ISBN: 972- 9483- 22-1

ARTIGOS:

ADDICT, Estratégia de Eficiência Colectiva para o Desenvolvimento do Cluster das Industrias Criativas- Programa de Acção de Abril 2009-Disponível em http://addict.pt/fotos/editor2/eec_planoaprovaadoabril2009.pdf

BASTIAN, Lange, Re-scaling Governance in Berlin's Creative Economy, 2011, Cultural Unbound, Journal of Current Cultural Research

COSTA, Leonardo, O Território da Descentralização no Portugal do Século XXI: Uma Abordagem microeconómica, 2006, Universidade Católica Portuguesa, Porto, consultado dia 13 de Outubro de 2011 às 11 horas
http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/5293/1/comnac_2006_FEG_1262_Costa_Leonardo_03.1.pdf

EASTAWAY, MonteserratPareja, Construyendo La Barcelona Creativa: Nuevos Actores, Nuevas Estratégias, 2010, Finisterra

EK, Richard, Creating the Creative Post- Political Citizen? The Showroom as an Arena for Creativity, 2011, Cultural Unbound, Journal of Current Cultural Research

GOMES, Patrícia, Desenho do Espaço, 2007, Universidade de Lisboa Belas-Artes-consultada no dia 12 de Outubro de 2011 às 17 horas
http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/650/1/17968_Tes%2520307.pdf

ISAR, Yudhishtir Raj, "Cultural Policy": Towards a Global Survey, 2009, Cultural Unbound, Journal of Current Cultural Research

Jornal UFRJ (2006) pág. 15, consultada dia 13 de Outubro de 2011 às 14h
<http://www.jornal.ufrj.br/jornais/jornal13/jornalUFRJ1315.pdf>

MARQUES, Antonio Pedro, 2006, Acores, Estratégias e Desenvolvimento Local-consultada dia 28 de Novembro de 2011 às 16h
http://www.planotecnologico.pt/document/Doc_8.pdf

OOI, Can Seng e STOBBER, Birgit, Creativity Unbound- Policies, Government and the Creative Industries, 2011, Cultural Unbound, Journal of Current Cultural Research

SUCIU, Marta Cristina, Pitesti as a Possible Creative City fr Romania. The Importance of the Creative Communities in the Context of the Global Crisis,

Scientific Bulletin, Economic Sciences- Economics and European Economic Policies

SUCIU, Marta Cristina, Creative Economy and Creative Cities, 2009, Romanian Journal of Regional Science

YEPSITE.NET, Nuevas Economías De La Cultura, vol 1- Tensiones Entre Lo Económico y lo Cultural en las Industrias Creativas, 2009-Disponível em http://www.redinterlocal.org/IMG/pdf_nuevas_economias_cultura_yproductions.pdf

YU, Victor, Film, Arts and Culture as Community Outreach Tools: Perspectives From Singapore, 2008, The Journal of International Social Research

ZHANG, Hongman, Experiences of Creative Industries Development in Developed Countries and Enlightenments, 2011, Asian Social Science

Participação no Fórum COUROS, Passado, Presente e Futuro, 29 de Outubro, Auditório Fraterna.

WEBGRAFIA:

http://www.garimpodesolucoes.com.br/downloads/ebook_br.pdf
[acedido dia 29 de Novembro de 2011 às 17h]

http://www.planotecnologico.pt/document/Doc_8.pdf
[acedido dia 8 de Dezembro de 2011 às 17.30h]

<http://creativeclusters.com/>
[acedido dia 8 de Dezembro de 2011 às 18h]

<https://www.cgd.pt/Institucional/Sustentabilidade/Cidades-Desenvolvimento/Cidades-Criativas/Pages/Urbanas-e-criativas.aspx>
[acedido Consultada dia 9 de Dezembro de 2011 às 21h]

<http://cidadescriativas.org.br/index/>

[acedido dia 10 de Dezembro de 2011 às 23h]

<http://www.demos.co.uk/files/EuropeintheCreativeAge2004.pdf>

[acedido dia 11 de Dezembro de 2011 às 9h]

<http://pt-br.facebook.com/CidadesCriativas>

[acedido 17 de Dezembro de 2011 às 15.20h]

<http://cidadescriativas.blogspot.com/>

[acedido dia 4 de Janeiro de 2012 às 16.10h]

<http://quintacidade.com/2009/11/19/cidades-criativas-criacao-de-um-cluster-criativo-na-regiao-norte-de-portugal/>

[acedido dia 4 de Janeiro de 2012 às 17.50h]

<http://avisoemdois.com.br/divirta-se/economia-e-cultura-podem-andar-juntas/>

[acedido dia 5 de Janeiro de 2012 às 11h]

<http://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/02/os-fosforos-e-fosforeira-portuguesa.html>

[acedido dia 5 de Janeiro de 2012 às 14h]

<http://cidadescriativas.blogs.sapo.pt/>

[acedido dia 6 de Janeiro de 2012 às 19h]

<http://www.cidadecriativa.org/cidadecriativa.html>

[acedido dia 10 de Janeiro de 2012 às 14h]

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=431694&page=9>

[acedido dia 15 de Janeiro de 2012 às 15.30h]

http://www.cmespinho.pt/publico/SIG/pdm_dp/docs/patrimonio/fichaspatrimonio/50.pdf

[acedido dia 21 de Janeiro de 2012 às 10.20h]

<http://deespinhoviva.blogspot.com/>

[acedido dia 25 de Janeiro de 2012 às 12h]

<http://ame-arquivomunicipalespinho.blogspot.com/2010/05/oficina-prenda-do-dia-da-mae.html>

[acedido dia 2 de Fevereiro de 2012 às 21.30h]

http://portal.cmespinho.pt/fotos/editor2/ii_caracterizacao_sumaria_concelho.pdf

[acedido dia 4 de Fevereiro de 2012 às 10h]

<http://creativeclass.typepad.com/>

[acedido dia 21 de Fevereiro de 2012 às 14.30h]

ENTREVISTAS PLOTAGENS

Anexos





Economista de profissão, com MBA pela Universidade do Porto; Frequentou uma Pós- Graduação em Estudos Europeus pela Universidade de Coimbra e o Mestrado em Ciências Políticas pela Universidade Católica Portuguesa. Em 2002 foi o **CSH** Coordenador Nacional do Programa Operacional para a Sociedade de Informação (POSI)

O NOVO CAPITAL

Jaime Quesado

A criatividade é um valor inerente ao processo de cidade, para a economia a criatividade traduz-se num factor que aporta valor à cidade e cria uma valorização de produtos, aos nossos olhos (arquitectos) será entendida como um fenómeno que nasce da esfera económica mas que tem vindo a incomodar o arquitecto enquanto desenhador de espaços, visto ser um instrumento gerador de vivências e da criação de ambientes propícios à inspiração, ambiental, trabalho, lazer, qualificando a sua dimensão estética, formal e plástica. De que forma vê estas duas perspectivas?

Concordo com o que é dito, a criatividade é o valor fundamental do processo de construção das cidades. Estas duas perspectivas complementam-se da seguinte forma: por um lado as cidades tal e qual como se organizaram actualmente têm uma base muito associada à componente económica sobretudo as cidades médias e grandes, foram-se organizando em centros, centros cívicos, que têm por base a catalisação daquilo o que são as actividades económicas locais. Se virmos o que se passa nas cidades médias Europeias, como é o caso de Valência- Espanha, Lille-França ou algumas na Alemanha, são cidades que construíram a sua base do centro cívico com bastante racionalidade económica criando actividades de apoio à vida das pessoas e a criação de uma economia cidadina coerente. Por outro lado, a

desenham e concebem os espaços tendo em atenção aquilo que são os requisitos do que é a vida das pessoas e a situação das actividades económicas acaba por ser fundamental.

A criatividade acaba por ser uma espécie de ponto de encontro daquilo que é uma racionalidade económica e aquilo que é uma aposta arquitectónica, e aquilo que tem sido nos tempos mais recentes, a forma como as cidades se têm alterado (Paris, Londres, Berlim) nós hoje temos nas grandes cidades, uma tendência para juntar as novas centralidades urbanas com esta dimensão mais económica e mais criativa.

Tendo em conta que olha para a criação do novo capital criativo como sendo simultaneamente Operativo e Estratégico, resultante de um tripé constituído por Política, ambiente e economia, gostava de perceber a sua perspectiva da importância da arquitectura neste contexto, ou seja, se tem um papel principal, secundário ou subsidiário?

Existe um novo capital, uma nova economia, existe um novo recurso que é importante para a competitividade das empresas e organizações.

Um capital estratégico tem a ver um pouco mais com a definição das principais tendências e objectivos associados às organizações, um capital operativo que tem a ver com o dia-a-dia das organizações e as práticas que as sociedades instituem. E um capital criativo que tem a ver com a grande concorrência

entre os países, entre as cidades, as empresas, e as próprias pessoas, uma das formas de se conseguirem distinguir e afirmar neste ambiente concorrencial é recorrerem à criatividade. É um factor que permite a todos esses actores serem mais qualificados do que os outros. Tem de haver aqui um compromisso entre aquilo que é a política, sobretudo as políticas públicas (polis), o ambiente, ou seja, o contexto em que as coisas acontecem e a economia, nada pode acontecer sem recursos.

Mas não acha que a arquitectura é fundamental para o processo visto que é ela que cria um suporte territorial e (entendemos nós) vital?

É evidente que dentro deste contexto, a arquitectura tem um papel muito importante, porque acaba por ser cada vez mais, nos espaços falo sobretudo das cidades as cidades são cada vez mais os grandes pólos de agregação das pessoas e das actividades económicas. As cidades tendem a ser e vão ser cada vez mais os elementos de criação de riqueza e de afirmação de pessoas e das organizações.

As cidades têm de ser criativas, para serem esses pólos. A arquitectura tem o papel principal, talvez o mais importante e central, naquilo que deve ser o capital criativo nas cidades e grandes espaços. Os novos arquitectos (nova vaga, com uma formação com bases de economia e sociologia) têm uma responsabilidade acrescida na compreensão da

criatividade.

Acredita em cinco factores fundamentais como sendo competitivos (inclusão social, competitividade, excelência territorial, modernidade cultural e maioria cívica). Qual o contributo destes factores na construção de uma cidade criativa particularmente na sua expressão arquitectónica?

A forma como os arquitectos nos dias de hoje estão a conceber os espaços especialmente os mundanos, mais centrais têm a ver com a preocupação de inclusão, fazer com que os espaços e os envolventes sejam suficientemente atractivos para incluírem aquilo o que é uma verdadeira inclusão. Isto tem a ver com os conceitos introduzidos também por Manuel Castells, o 22@ BCN, tudo o que tem a ver com as novas tecnologias e utilização do espaço tem a ver com inclusão, se é verdade que em outros tempos construíram grandes bairros como barreira à inclusão, hoje a ideia é a arquitectura é o factor de acaba com isso. Depois o factor da competitividade as cidades criativas são espaços de competitividade. O exemplo de Barcelona (22@) a forma como foi organizado o espaço com equipamentos e centros de criatividade e animação não pondo em causa os aspectos da economia, ou mesmo o exemplo das fábricas do Tejo e se construiu a dinâmica de edifícios.

A excelência territorial tem a ver com a ideia das cidades construídas com a dimensão

criativa serem exemplos de uma actividade de excelência. Pegando no exemplo de Bilbao, a forma como se constrói o museu Guggenheim e a zona industrial se traduziu em novos edifícios criou um espaço de excelência, outro exemplo será Petersburg nos Estados Unidos, uma antiga cidade industrial convertida numa cidade voltada para os serviços, estes são exemplos excelentes do ponto de vista da reabilitação.

A modernidade cultural tem a ver com a capacidade de se construírem espaços suficientemente inclusivos e competitivos e de certa forma de excelência é mais fácil que as pessoas se sintam integradas. Em Portugal temos o exemplo da Capital da Cultura Guimarães 2012, a forma como se organizou o centro da cidade é de facto um evento que incute uma nova dimensão cultural à cidade.

Enquanto arquitectos acreditamos veementemente numa cidade criativa como síntese dos valores da comunidade, o Francisco Quesado acredita numa cidade apoiada no binómio educação e cultura, havendo uma similaridade no entendimento gostaria de ouvir a sua perspectiva sobre a organização da cidade em rede, apoiada nesse binómio...

A cidade em rede como fala Manuel Castells, é a ideia entre a articulação da educação e cultura. Uma cidade em rede é uma cidade que consegue construir espaços públicos

cívicos onde as pessoas se sentem integradas, tem a haver um conjunto de actividades e acções que façam com que as pessoas se sintam incentivadas a produzir. O exemplo da Universidade de Aveiro, a forma como o Siza Vieira, Alcino Coutinho e Souto Moura o pensam tem a ver com a ideia que o espaço seja suficientemente aberto para as pessoas conviverem e estabelecerem a comunicação e estarem em rede, com novos conceitos arquitectónicos. A cidade criativa como Manuel Castells a defende e depois Richard Florida com a classe criativa, é claramente um espaço de recombinação entre educação e cultura. Guimarães é exemplo disso, uma cidade industrial, um local ligado a um sector que está a sofrer uma grande reconversão, o sector têxtil, ela aposta numa perspectiva nestas duas componentes como fenómeno de reinvenção da própria cidade.

Actualmente falamos de uma classe criativa muito incentivada por Richard Florida e na ideia dos clusters da inovação. Gostaria que me indicasse casos de implementação em Portugal e algumas recomendações para o incentivo desse fenómeno, com particular ênfase na questão arquitectónica.

Richard Florida acredita que as cidades hoje para se tornarem competitivas têm que apostar na criação de clusters de inovação. Michael Porter diz que, para que os espaços se tornem competitivos é preciso que as empresas, as

universidades, e os poderes políticos, no fundo o "triângulo", se articulem e agreguem e constituem fortes clusters, em Portugal falamos por exemplo de um cluster de turismo ou de calçado, por exemplo. Richard Florida vai um pouco mais longe afirmando que para além da mera clusteralização económica é importante que esta tenha uma expressão territorial relativamente condensada. Tem de haver na cidade espaços claramente criativos, se formos a Nova York ou Londres isso acontece. Nas novas cidades têm de existir locais onde as pessoas que possuem um novo capital intelectual /criativo possam juntar-se e com isso criar novos tipos de serviços.

Como vê os clusters na reorientação das Cidades Portuguesas?

Em Portugal temos alguns exemplos, Aveiro, o pólo da Universidade, uma aposta nas novas áreas como design, economia e tecnologia (designstudio), em Lisboa na zona de Santos, uma sequência do Chiado e Bairro Alto, há um novo movimento no Porto na Baixa embora um processo lento, Braga (anos 90) já teve isto mas perdeu-o um surto devido à criação da Universidade, hoje perdeu essa lógica, Coimbra uma cidade do conhecimento onde lhe falta a capacidade de criar novas empresas tornando-se num caso falhado neste ponto de vista, porém tem todas as condições para se tornar num forte exemplo. Temos outros exemplos, Vila Real, Covilhã, Évora...sem

Real, Covilhã, Évora...sem grande expressão onde a arquitectura terá o papel fundamental, se conseguirmos ter espaços verdadeiramente criativos, teremos capacidade para influenciar as propostas arquitectónicas. Mais uma vez Guimarães Capital Europeia da Cultura pode ser um bom exemplo.

É a criatividade uma das bases para contornar a crise?

Voltando ao caso de Guimarães, numa altura onde as actividades como o sector têxtil sofrem uma profunda reconversão, se há uma crise nos sectores mais tradicionais a volta tem de ser dada pelos novos sectores e a criatividade tem um papel fundamental e isto tem de ser feito com uma base muito forte da tecnologia. A tecnologia da Informação é muito forte, como na Universidade do Minho e isto passa pela aposta das tecnologias da informação e comunicação à disposição dos novos serviços para as pessoas desenvolverem novos projectos.

Defende uma cidade com um carácter tecnológico bastante forte, um "Homem da sociedade da informação", porém existem alguns perigos alicerçados ao uso excessivo da tecnologia, a nível informático o excesso de "Lixo". A nível do território o espaço tem vindo a perder sentido, há uma tendência acentuada para o isolamento e a reorganização de fluxos da cidade tem encontrado CXLVI bastantes problemas, muitos

deles ligados à necessidade da constante mobilidade. A dimensão sociológica não perde para a tecnologia?

Se nós estamos cada vez mais a caminhar para uma sociedade em rede onde é suposto que a tecnologia ponha cada vez mais as pessoas em rede e agora com o aumento das redes sociais como é o Facebook, as pessoas hoje têm a possibilidade de através de um simples aparelho estar em contacto permanente umas com as outras esta é de facto uma das bases da sociedade em rede enquanto sociedade da Informação e Comunicação.

Uma das questões que se coloca ao nível do território é que se de facto havendo esta aposta na tecnologia e da Rede, aquilo que são os factores de relacionamento das pessoas como a questão do espaço e do território e por outro lado a dimensão mais pessoal, tenderá a perder. Os dados disponíveis comprovam isso mesmo, as pessoas actualmente utilizam mais o computador, a internet, o telemóvel, têm uma tendência muito grande para utilizar as redes sociais e isso tem efeitos a nível do espaço público. Privilegia-se menos a comunicação física e pessoal e isso tem repercussões na própria dimensão das cidades, no fundo estas têm de apresentar novos espaços com soluções arquitectónicas mas ancorados a altas tecnologias. O risco que se corre é que as pessoas percam a dimensão sociológica, e isto combate-se tentando com que as

pessoas não percam o contacto com a rua, sendo estes espaços atractivos para haver essa ligação. Um dos exemplos é Espanha, um país que consegue o equilíbrio entre a sociedade em rede e espaço público, as pessoas às seis da tarde vêm para a rua comunicar.

O ganho da consciência dos excessos da tecnologia têm estado a moldar um homem mais crítico, que baseia as suas vivências em novos valores. Na sua opinião como os podemos compatibilizar com o novo paradigma tecnológico tendo em conta que o desenho da cidade o deve ter em consideração?

Se é verdade que hoje os principais responsáveis das cidades estão disponíveis para redesenhar alguns dos espaços e temos casos em Espanha como o 22@BCN, Bilbao, Valência..., em Portugal o caso de Santos perto das Docas em Lisboa. Se há da parte dos responsáveis a disponibilidade para que a cidade seja desenhada de outra forma é evidente que a questão da tecnologia tem de ser utilizada como instrumento e não como objectivo em si mesmo e portanto não podemos permitir que as cidades inteligentes e digitais seja uma ideia técnica e não sociológica. As grandes empresas como a Microsoft, por exemplo, estão interessadas em participar em projectos novos, elas têm de perceber que não podem ser apenas altamente tecnológicas, têm de ser cidades que têm pessoas e edifícios inclusive que permitem que isso

aconteça. Há um caso em Portugal, Paredes, onde a Cisco quer construir uma Cidade Inteligente, a ideia é fazer uma cidade Hi-Tec com grandes soluções de tecnologia, sem pôr em causa os princípios mais básicos das pessoas.

A arquitectura pode ser a chave, a área do conhecimento que resolve o problema do excesso da tecnologia e a necessidade das pessoas se integrarem. O arquitecto deve perceber como é que a tecnologia deve ser usada como instrumento que permite que os próprios edifícios e cidade sejam mais completos.

Enquanto responsável do POSI (Programa Operacional para a Sociedade da Informação) considera que a sua implementação gerou resultados dinâmicos? Não cristalizaram no tempo e continuam a gerar mais valias? Era datado ou um projecto para o futuro? Quais os benefícios da sua implementação na altura, hoje e no futuro?

Este programa teve sobretudo um projecto muito inovador que foram as Cidades e Regiões Digitais. Foi implementado em todo o país e teve por base a ideia do cluster. Tivemos vários exemplos como o Vale do Ave Digital, Évora e Aveiro os quais funcionaram bastante bem. Em Évora havia a vantagem da Universidade, as empresas e municípios decidiram pegar no projecto, resolver o problema da inclusão visto que existem bastantes aldeias criou-se uma rede para as pessoas deixarem de estar isoladas e conseguirem utilizar a

conseguirem utilizar a internet de banda larga, criaram-se espaços cívicos de internet e fez-se todo um trabalho no centro da cidade, pegando-se na tecnologia como instrumento para que a cidade se dinamiza-se e reorganiza-se do ponto de vista do conceito, para que as pessoas se sentissem envolvidas, não só os estudantes mas também os idosos. O Évora Digital, vem demonstrar que estes projectos têm capacidade de gerar resultados para o futuro. Para isto acontecer estes projectos têm de ser sustentáveis do ponto de vista económico e tem de haver a capacidade de gerar fluxo, o pior que pode acontecer é aquilo esmorecer e não haver actividade, os locais manterem-se mas a capacidade de os utilizar ser nula.

As novas orientações políticas do novo governo continuam a colocar a cultura como um dos vectores da sociedade do conhecimento. Na sua opinião uma cidade criativa faz-se de uma forte componente artístico cultural ou tecnológica?

O novo governo está a dar um novo valor à cultura, porém as condições económicas e financeiras e os valores não são os mais favoráveis.

Em Portugal não temos cidades totalmente criativas mas temos exemplos de cidades que estão a apostar nisso. É o caso de Óbidos e Paredes, núcleos de Lisboa etc...uma cidade criativa tem de estar muito "up-date" em termos de

tecnologia e Richard Florida fala de exemplos como Austin, San Petersburg, Boston, são cidades altamente evoluídas tecnologicamente mas depois têm de assentar na componente cultural. Para isso acontecer, as plataformas culturais têm de ser "hiper conectadas" entre elas, elas têm de ser postas em rede. Um dos exemplos, mais uma vez, Guimarães, terá a capacidade de assentar nestas duas componentes, tecnologia e cultura.

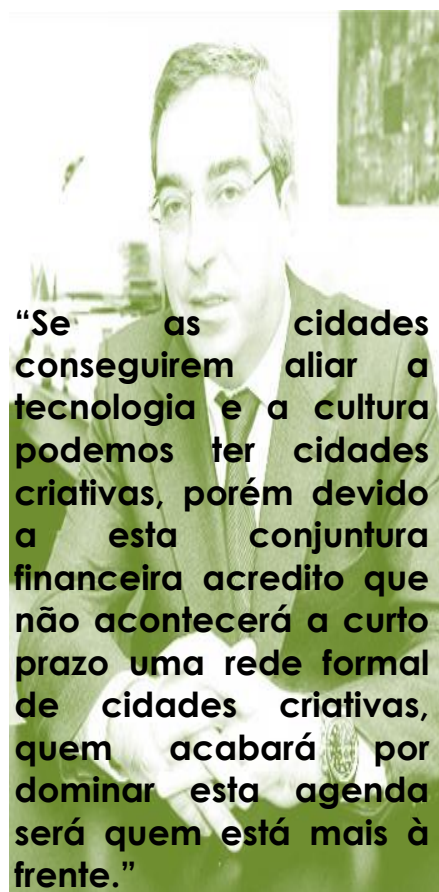
Neste momento há um projecto "Europa Criativa" da União Europeia lançado no dia 25 de Novembro de 2011, este programa vem reforçar a ideia de que a criatividade está noutra patamar e é um vector estratégico das políticas. Em face deste estatuto e das verbas afectas à implementação do programa o que acha sobre "uma rede de cidades criativas Portuguesas" baseada num aproveitamento desta oportunidade?

Em Portugal tentou-se constituir nestes últimos oito anos uma rede de Cidades e Regiões Digitais, cidades muito centradas na questão da tecnologia, elas foram essencialmente espaços de cultura e utilização da tecnologia, daqui para as Cidades Criativas e Inteligentes passa-se através do fenómeno da participação cultural.

O que falhou até agora em Portugal, para além da crise e algumas necessidades de investimento, foi, também, a falta de consciência de alguns dos responsáveis

políticos a percepção do que faz uma cidade criativa e inteligente é uma aposta na formação das pessoas.

Eu diria que não vai ser fácil apostar numa rede de cidades criativas, o que se pode apostar é pegar em alguns casos de projectos-piloto, interessantes, como Guimarães que graças à Universidade e à aposta no Vale do Ave Digital, tem plataformas tecnológicas muito fortes. Outro aspecto é a necessidade da economia local ser reinventada, como o têxtil e o calçado por exemplo. Se as cidades conseguirem aliar a tecnologia e a cultura podemos ter cidades criativas, porém devido a esta conjuntura financeira acredito que não acontecerá a curto prazo uma rede formal de cidades criativas, quem acabará por dominar esta agenda será quem está mais à frente.



"Se as cidades conseguirem aliar a tecnologia e a cultura podemos ter cidades criativas, porém devido a esta conjuntura financeira acredito que não acontecerá a curto prazo uma rede formal de cidades criativas, quem acabará por dominar esta agenda será quem está mais à frente."

Hub Porto
41° 10'23.45" N
8° 35'58.65" O

HUB PORTO

Mariana Almeida

Formada em sociologia,
Mariana trabalha no Hub
Porto desde 2000
(COWORKER-HOST)



A criatividade é um valor inerente ao processo de cidade, para a economia a criatividade traduz-se num factor que aporta valor à cidade e cria uma valorização de produtos, aos nossos olhos (arquitectos) será entendida como um fenómeno que nasce da esfera económica mas que tem vindo a incomodar o arquitecto enquanto desenhador de espaços, visto ser um instrumento gerador de vivências e da criação de ambientes propícios à inspiração, ambiental, trabalho, lazer, qualificando a sua dimensão estética, formal e plástica.

De que forma vê estas duas perspectivas?

Na minha opinião, as cidades são sem dúvida espaços onde a criatividade tem todo o potencial de surgir, dados os movimentos de criação e recriação que lhe são próprios. As interacções propiciam a criatividade, esta, poderá ou não gerar valor económico. Assistimos não raras vezes, a processos

raras vezes, a processos criativos que acabam por não se traduzirem em valor económico, numa perspectiva meramente economicista do termo, claro que qualquer criação tem em si agregado o seu valor, mas não significa que seja puramente económico, os valores estéticos, utilitários, visuais, entre outros, são valores que nascem da criação.

Nós arquitectos trabalhamos o espaço territorial e o objecto e temos vindo a verificar uma alteração de fluxos e dos sistemas (ambiental, social, territorial) o espaço público deixou de servir a população com o propósito que tinha sido pensado- a interacção e passa a locais de passagem muitas vezes propícios à marginalização. Qual a sua opinião sobre ao novos valores ligados ao Individualismo e o modo como afecta as dinâmicas da cidade?

Movimentos de marginalização são também movimentos de interacção, embora sejam movimentos que se enquadram fora dos padrões de comportamento comumente aceites. No entanto, de facto, ao longo dos tempos as formas de vivenciar, comunicar e interagir das populações vão sofrendo alterações decorrentes das mudanças sociais, económicas,

políticas e mesmo religiosas. As cidades, por serem territórios demograficamente densos, caracterizam-se precisamente por relações de vizinhança não tão fortes como em meios mais pequenos, daí as relações entre as pessoas se caracterizarem por uma certa ligeireza, onde os vínculos não são tão fortes. A forma de viver na cidade e a cidade reflecte, sem dúvida alguma, as dinâmicas de vida que lhe estão associadas, onde as pessoas se centram mais no trabalho, nas relações de amizade e não tanto familiares, como se verifica em meios mais pequenos.

Assistimos ao fenómeno da globalização, um paradigma que envolve o unificar do todo, facilitando as conexões, porém também tem um lado negativo, a perda de identidade. Como vê estes factores?

A globalização é um fenómeno assaz interessante. De facto, veio aproximar o mundo, de repente tudo ficou perto, as distâncias encurtaram-se, novos modelos e culturas são conhecidas e apreendidas. No entanto, penso que a questão da identidade, por ser um processo de enraizamento, dificilmente se perde. A globalização tem a grande



vantagem de aproximar as pessoas, de providenciar a incrementar o multiculturalismo, mas penso que a questão identitária é bem mais forte e cada povo sabe onde começa e terminam as suas particularidade que o diferenciam dos outros. A meu ver a questão que se coloca é a outra face da moeda, a globalização ao aproximar, pode também criar vectores de distanciação, ou seja, ao permitir o conhecimento, pode gerar conflitos de interesses, como aliás, se vem confirmando.

Estar conectado com o mundo traz vantagens, a integração em rede facilita a troca de informação. Quais as mais-valias de estar “enredado”, para um profissional das Industrias Criativas?

Penso que a grande vantagem é a rede de contactos, que permite à pessoa dispor de um leque de oportunidades muito maior, onde pode escolher, aprender, melhorar, criar e recriar. A interacção em rede beneficia e propicia em meu entender o processo de inspiração, fundamental a qualquer acto criativo. Por outro lado, a rede é sem dúvida o grande impulsionador que pode fazer entrar o produto no mercado, e aí, conferir valor ao produto. Sem rede,

sem interacção com outros criativos e agentes culturais, qualquer produto ficaria confinado ao conhecimento limítrofe do seu criador. Estar conectado com o mundo, permite imputar o produto de valor, de reconhecimento e procura.

Estas Industrias muitas vezes aproveitam locais esquecidos da cidade trazendo profissionais de várias áreas que interagem entre si, tirando partido das mais diversas ideias/pontos de vista num ambiente que se quer descontraído, entendendo-se estes espaços inerentes ao processo de espaço de Coworking. Qual o capital criativo que gera este tipo de trabalho?

Penso que a grande vantagem do coworking, que regra gerar acontece em locais efectivamente descontraídos e agradáveis, é o processo de inspiração, fundamental em qualquer acto de criação que se pretende inovador. O coworking é um modelo, uma forma de trabalhar, onde a partilha é a matriz, a partir da qual, todo o processo de interacção de desenrola. Penso que o coworking permite realmente partilha enquanto capital e recurso fundamental ao ato de inspiração e de criação.



Quais as facilidades e vantagens que trazem estes locais aos profissionais que lá trabalham?

Na minha opinião o coworking permite sem dúvida, a criação de sinergias. Potencia valor às ideias, abre portas de oportunidade e claro, inspira. Permite ainda a rentabilização de recursos. O coworking é uma via de conexão, é um novo modelo de trabalho, onde os seus interlocutores partilham de um espaço, de ideias, informação, conhecimento, capacidades e habilidades, logo, quem faz parte dele, só poderá sair enriquecido!



Estamos a falar de uma classe criativa muito incentivada por Richard Florida e na ideia dos clusters da inovação. Gostaria que me indicasse casos de implementação em Portugal, para além deste, e algumas recomendações para o incentivo desse fenómeno.

Penso que os grandes centros de inovação, têm a sua origem nas Universidades, no entanto, muitos espaços de coworking têm surgido nos últimos dois anos em Portugal reflexo de novas necessidades como a rentabilização de recursos e a queda do mito/paradigma que o

Estamos a falar de uma classe criativa muito incentivada por Richard Florida e na ideia dos clusters da inovação. Gostaria que me indicasse casos de implementação em Portugal, para além deste, e algumas recomendações para o incentivo desse fenómeno.

Penso que os grandes centros de inovação, têm a sua origem nas Universidades, no entanto, muitos espaços de coworking têm surgido nos últimos dois anos em Portugal reflexo de novas necessidades como a rentabilização de recursos e a queda do mito/paradigma que o segredo é a alma do negócio. Hoje já começa a ser aceite, muito mais no meio artístico, que a partilha é a alma da criação.

Com este modo de trabalho passamos de um cenário altamente individualista para um cenário altamente competitivo?

Com este modo de trabalho passamos de um cenário altamente individualista para um cenário altamente inteligente na forma de trabalhar, flexível, inovador, inspirador, criativo, enriquecedor, gerador de valor e altamente compensador.

Estamos perante o problema do isolamento em grande

parte associado ao excessivo uso da tecnologia. Aqui vocês põem á disposição dos profissionais, uma mesa uma cadeira café e Net, com o intuito de cada profissional ter a sua autonomia. Como é propiciada a possibilidade da interacção entre eles, é isso que é a arquitectura?

A criação de sinergias entre os membros pode sim ser considerada "a nossa arquitectura". Claro que com o coworking não se pretende que os membros deixem de trabalhar no que é o seu projecto, na sua ideia, mas trata-se sobretudo, de fazer com que se conheçam, com que se interessem pelo projecto do outro, que saibam os recursos que cada um tem para oferecer, que possam melhorar, com ideias, sugestões e rede de suporte os projectos uns dos outros.

Actualmente o homem é um homem da mobilidade, ele move-se no espaço e no tempo como nunca antes se tinha proporcionado. A arquitectura procura criar soluções que se adaptem as mudanças repentinas que os espaços sugerem ao alterarem as funções predefinidas. Aqui não há padrão, não há horas de chegar, não há qualquer tipo de controlo deste género, que até agora a população associava ao trabalho. É alguma forma de

quebrar rotinas e implementar novas dinâmicas baseadas na flexibilidade?

É antes de mais, a vontade de adoptar uma postura pró-activa face ao emprego e ao trabalho. Os coworkers são pessoas com capacidade de iniciativa e que acreditam que é possível, com o esforço de cada um, gerar impacto económico e social.

É ainda comum entre os coworkers a vontade de exercerem a sua actividade num espaço que conjugue o ambiente familiar e confortável que poderiam ter em casa, com um ambiente de escritório. São pessoas que procuram um espaço com valores atractivos, que lhes permita na fase de arranque aplicar o investimento no que para eles é essencial, ou seja, os seus projectos propriamente ditos, encontrando no Hub tudo o que necessitam como internet wireless, limpeza, luz, impressora, telefone, entre outros recursos, que caso não estivessem num espaço de partilha, representariam custos para estes empreendedores.

Têm ainda em comum a vontade de criarem e fortalecerem o seu *networking*, partilhar *know-how* e participar de forma construtiva e pró-activa nos projectos dos outros membros, tendo claro, a

flexibilidade como grande aliada!.

De escola primária, passou a fábrica de ideias. Quais as expectativas que levaram à criação de um espaço como este, de intervenção, produção, apresentação de ideias, o que vocês chamam de empreendedorismo social?

A ideia surgiu da conjuntura socioeconómica actual vivenciada na cidade do Porto. O fenómeno do desemprego que começou a registar um aumento considerável, em relação não só aos jovens recém-licenciados, mas também às pessoas adultas desempregadas, cuja única solução com que se deparam passa pela criação do próprio emprego e ou a reconversão profissional. Esta realidade fez despoletar a necessidade de criar condições alternativas às soluções convencionais, para apoiar pessoas empreendedoras, com capacidade de criar e pensar de forma diferente e inovadora.

O propósito da Junta de Freguesia de Paranhos, ao aderir à rede internacional HUB, foi propiciar a todos os portuenses, mas também a todos os da região norte, uma alternativa inovadora, que lhes permitisse dar início aos seus projectos de vida, alavancar as suas iniciativas,

num espaço físico com acesso a recursos técnicos e apoios institucionais, através dos nossos parceiros, numa dinâmica altamente flexível e desburocratizada, com valores absolutamente acessíveis, aliada a uma rede virtual, a partir da qual podem contactar com mais de 14.000 membros do Hub espalhados em cidades de todo o mundo, trocar ideias, contactos, conhecimentos e experiências. No fundo foi criar condições para que massa crítica da cidade não se visse forçada a migrar, por não encontrar soluções para as suas dificuldades de lançamento,

nomeadamente no que respeita a projectos de inovação social, tão necessários, numa época de grandes alterações demográficas, climáticas, clínicas, entre outras, em que novas respostas para os novos problemas e desafios são prementes.

Pensando o “Hub Porto” como uma incubadora de empresas que facilita o impulso dos novos empresários de que modo estes se podem integrar e manter aqui?

O Hub enquanto espaço de trabalho veio oferecer à cidade um local que permite conhecimento entre pessoas que doutra forma jamais se conheceriam. Permite a criação de rede de contactos, permite a

capacitação permanente de todos os membros por sinergias geradas entre si. Este é o regime da partilha e da proximidade, o paradigma instalado que preconizava o isolamento, o segredo, o princípio de cada um por sua conta, está a dar lugar a um novo paradigma que instaura a partilha, a troca de informação e conhecimento e o networking, como princípios fundamentais para potenciar e fomentar o crescimento e desenvolvimento de iniciativas de sucesso. O coworking é o regime que permite tudo isso. Permitiu que pessoas que se conheceram no Hub passassem a estabelecer parcerias de trabalho, o que é um indício esclarecedor do networking gerado neste espaço. Pensamos que as pessoas que procuram este tipo de espaço, são pessoas apaixonadas pelos seus projectos, pela sua missão, mas não menos apaixonadas pela vida. São pessoas que pretendem a maior flexibilidade possível e o trabalho em regime coworking permite-lhes aliar toda a responsabilidade exigida a um profissional com um ambiente mais descontraído e que propicia a criatividade e a inspiração. Quando se limitam a trabalhar em casa, as pessoas acabam por não conhecer outras pessoas,

acabando quase sempre por se sentirem isoladas. Este isolamento é que faz com que sintam necessidade de encontrarem um espaço alternativo, que lhes proporcione a liberdade de movimentos que podem encontrar em casa, com um ambiente de trabalho, com uma certa rotina.

Os coworkers sabem que num espaço com as características do Hub poderão encontrar tudo isso que em casa, a trabalharem de forma isolada não encontrariam. Por outro lado, em casa as pessoas deparam-se com a questão de terem de impor normas e regras, de criar uma rotina que é muitas vezes difícil de cumprir.

Este projecto configura aquilo que nós designamos como recombinação (criar uma nova combinação entre o físico e o uso) quer seja ao nível do edifício ou da cidade.

O que acha que tem sido recombinado, em termos urbanos, em face da instalação desta unidade?

Antes de tudo, a comunidade envolvente ao edifício. As pessoas passaram a ter outras pessoas às suas portas, mais movimento e novos barulhos. Por outro lado, a articulação entre diferentes pessoas, de diferentes áreas de trabalho /interesse e de diferentes áreas

geográficas, veio dotar este espaço físico de uma variedade de ideias, formas e conteúdos sem dúvida, bastante enriquecedores. Penso que a instalação do Hub em si, não se traduziu até este momento em novas dinâmicas em termos urbanos, podemos apenas adiantar novos movimentos em direcção ao metro e do metro para o Hub, mas nada mais, até porque o Hub encontra-se implementado num local bastante ausente em termos visuais, ou seja, não figura num lugar de destaque, logo, o seu impacto acaba por não ser muito forte.

Quais as perspectivas futuras para este espaço/modo de operar?

Estamos em crer que o coworking, enquanto novo modelo na forma de trabalhar, por todas as vantagens que proporciona, tenderá a tornar-se num modelo dominante. Existem, claro, actividades em que não é viável a adopção deste modelo, mas muitas outras há, e em crescendo, que fruto dos avanços tecnológicos, dos gadgets que vão surgindo todos os dias, cada vez mais acessíveis, que facilitam e permitem a flexibilidade no que respeita ao local de trabalho e que se encaixam

perfeitamente neste regime,
promovendo imensas
vantagens para os
empreendedores.

Começa-se a denotar uma procura por este modelo também por organizações, entre elas, ONG'S, que preferem ter os seus colaboradores a trabalhar neste regime pelas imensas potencialidades que nele encontram.

Neste momento há um projecto “Europa Criativa” da União Europeia lançado no dia 25 de Novembro de 2011, este programa vem reforçar a ideia de que a criatividade está noutro patamar e é um vector estratégico das políticas. Em face deste estatuto e das verbas afectas à implementação do programa o que acha sobre “uma rede de cidades criativas Portuguesas” baseada num aproveitamento desta oportunidade?

Penso que é fundamental. É urgente a utilização de fundos monetários que se revertam em mais-valias para as comunidades. As políticas que são opção dos governos devem ter presente que só com apoios e incentivos à criação e inovação é possível avançar para estratégias sólidas e eficientes.

A criação de uma rede de cidades criativas, a concretizar-se só pode ser

benéfica para o país, não só no enquadramento europeu, mas também transatlântico.

Colocar as cidades em rede, partilhando de forma eficaz e em tempo útil as suas criações, aumentando o nível de colaboração entre os diferentes agentes, sem dúvida que permitirá a Portugal dar passos largos a caminho do crescimento e da sua valorização enquanto país produtor e criador.





A criatividade é um valor inerente ao processo de cidade, para a economia a criatividade traduz-se num factor que aporta valor à cidade e cria uma valorização de produtos, aos nossos olhos (arquitectos) será entendida como um fenómeno que nasce da esfera económica mas que tem vindo a incomodar o arquitecto enquanto desenhador de espaços, visto ser um instrumento gerador de vivências e da criação de ambientes propícios à inspiração, ambiental, trabalho, lazer, qualificando a sua dimensão estética, formal e plástica. De que forma vê estas duas perspectivas?

A pergunta contém a matriz da resposta. As mudanças ao nível do trabalho estão, também, umbilicalmente ligadas ao espaço e aos espaços da cidade. Não por acaso, os espaços de cowork, que agora se disseminam pelo mundo, ocupam muitas vezes equipamentos subutilizados,

equipamentos subutilizados, mas com grande carga histórica.

Nós arquitectos trabalhamos o espaço territorial e o objecto e temos vindo a verificar uma alteração de fluxos e dos sistemas (ambiental, social, territorial) o espaço público deixou de servir a população com o propósito que tinha sido pensado- a interacção e passa a locais de passagem muitas vezes propícios à marginalização. Qual a sua opinião sobre ao novos valores ligados ao Individualismo e o modo como afecta as dinâmicas da cidade?

Lipovetsky categoriza-nos como hipermodernos, uma espécie de "Narcisos ansiosos". Narcisos porque nunca se viveu um tempo tão individualista (todos têm hoje em dia, literalmente, os seus 15 minutos de fama e procuram-no avidamente) e, em aparente contraponto, ansiosos porque "saudosos" de um

futuro onde nada se vislumbra de sólido. Esta "modernidade líquida" está bem patente na utilização obsessiva que fazemos das redes sociais, constantemente alimentando as nossas diferentes "personas digitais".

Assistimos ao fenómeno da globalização, um paradigma que envolve o unificar do todo, facilitando as conexões, porém também tem um lado negativo, a perda de identidade. Como vê estes factores?

Não me parece que tenhamos uma globalização das identidades. A crise recente na Europa prova-o. O amor não se decreta! O que temos é uma globalização de biliões de ÚNICOS, onde cada um quer ter a sua própria identidade, cruzando-a com outras, numa amálgama criativa que me parece muito interessante.



LX Factory
N 38° 42' 12.571"N
9° 10' 43.781"41°O

LX FACTORY LISBOA

Fernando Mendes

Designer de Profissão e Responsável do Cowork Lisboa

"Números muito recentes indicam que um em cada oito profissionais são oriundos das indústrias criativas o que dá uma ideia muito consistente e clara do peso que as mesmas começam a assumir."



Estar conectado com o mundo traz vantagens, a integração em rede facilita a troca de informação. Quais as mais-valias de estar “enredado”, para um profissional das Industrias Criativas?

É um pouco como ter um electrodoméstico ligado ou desligado da ficha de corrente eléctrica. Temos agora uma clara desmaterialização do trabalho ou, se preferirmos, trabalho geograficamente independente. Um novo tipo de profissional começa a surgir. É independente, nómada e de base eminentemente digital.

Estas Indústrias muitas vezes aproveitam locais esquecidos da cidade trazendo profissionais de várias áreas que interagem entre si, tirando partido das mais diversas ideias/pontos de vista num ambiente que se quer descontraído, entendendo-se estes

entendendo-se estes espaços inerentes ao processo de espaço de Coworking. Qual o capital criativo que gera este tipo de trabalho?

Os espaços de cowork são as novas “incubadoras”, funcionando de forma absolutamente informal, sem a carga económica que os espaços tradicionais acarretavam. Correndo o risco de cair no cliché, diria que o cowork é um espaço “quente”, com alicerce humano ao invés das incubadoras tradicionais, onde o modelo é ainda fim do séc. XX, fundeado no dinheiro.

Quais as facilidades e vantagens que trazem estes locais aos profissionais que lá trabalham?

Num espaço de cowork, os seus residentes partilham espaço, trabalho, clientes, ideias e projectos de uma forma que a todos beneficia. Mas não com

qualquer tipo de cooperativa ou kibbutz! Continuamos ÚNICOS e é dessa diferença que nascem projectos de base criativa.

Estamos a falar de uma classe criativa muito incentivada por Richard Florida e na ideia dos clusters da inovação. Gostaria que me indicasse casos de implementação em Portugal, para além deste, e algumas recomendações para o incentivo desse fenómeno.

Somos um país com um parque imobiliário imenso e subutilizado, muitas vezes com grande carga histórica. Estes são os espaços de excelência para a instalação de clusters criativos. Devagar, vão começando a despontar ideias e projectos para, desta forma, atribuir nova vida a unidades fabris desmanteladas, equipamentos obsoletos,

entre outros espaços.

Com este modo de trabalho passamos de um cenário altamente individualista para um cenário altamente competitivo?

Não me parece. As pessoas vão percebendo que a colaboração e partilha tem vantagens e potencial muito superior à competição furiosa e desenfreada.

Estamos perante o problema do isolamento em grande parte associado ao excessivo uso da tecnologia. Aqui vocês põem á disposição dos profissionais, uma mesa uma cadeira café e Net, com o intuito de cada profissional ter a sua autonomia. Como é propiciada a possibilidade da interacção entre eles, é isso que é a arquitectura?

Todos os recém-chegados são incentivados a mostrarem o seu trabalho começando da forma mais simples e óbvia: pelos seus colegas de mesa! A partir desse círculo inicial é fácil ir alargando os contactos a todos os coworkers residentes. Para além disso, promovemos a um ritmo quase diário, todo o tipo de evento que fomente a colaboração, partilha e empreendedorismo.

Actualmente o homem é um homem da mobilidade, ele move-se no espaço e no tempo como nunca antes se tinha proporcionado. A arquitectura procura criar soluções que se adaptem as

mudanças repentinas que os espaços sugerem ao alterarem as funções predefinidas. Aqui não há patrão, não há horas de chegar, não há qualquer tipo de controlo deste género, que até agora a população associava ao trabalho. É alguma forma de quebrar rotinas e implementar novas dinâmicas baseadas na flexibilidade?

O novo "nómada digital" assim o exige. Uma percentagem interessante dos nossos coworkers é de outros países. São profissionais independentes ou mesmo pequenos empresários para quem a localização geográfica não é importante, desde que cumpra com um novo paradigma – o da fusão entre trabalho e lazer.

De fábrica de fiação ligada à produção de peças, passou a fábrica de ideias. Quais as expectativas que levaram à criação de um espaço como este, de intervenção, produção e apresentação de ideias?

A LX Factory é um excelente exemplo de como os problemas se podem transformar em oportunidades. A sociedade que adquiriu o espaço deparou-se com algumas dificuldades para implementar um projecto imobiliário. Nesse impasse, surgiu a proposta de cedência de espaço temporário a arquitectos,

pintores, etc. O resto é história...

Vocês têm um dia ao qual chamam de "OpenDAY", actividades propostas à população, de forma a que esta também faça parte de todo este processo. De que modo é que está a ser aceite esta interacção?

É o dia grande da Fábrica. Na verdade, são duas as datas anuais em que tal acontece. É uma verdadeira explosão de criatividade que, duas vezes por ano, agita a velha fábrica. É um momento de grande colaboração entre residentes e mostra de todos os projectos internos. O Coworklisboa tem sempre uma programação própria, até porque constitui uma pequena fábrica dentro da fábrica.

Este projecto configura aquilo que nós designamos como recombinação (criar uma nova combinação entre o físico e o uso) quer seja ao nível do edifício, ou da cidade.

O que acha que tem sido recombinado, em termos urbanos, em face da instalação desta unidade?

Se a rotina incomoda muita gente...

4 paredes inComod

Esta zona de Alcântara e Lisboa ganharam uma nova centralidade. Este é um bairro “esquecido” pelas grandes vias da cidade. Não há metro nem grandes corporações instaladas por aqui. Por outro lado, estamos integrados no eixo ribeirinho tradicionalmente animado pelas actividades lúdicas nocturnas. Novos equipamentos, como o Museu do Oriente, a Fundação Champalimaud, o Museu da Electricidade, entre outros, vieram trazer uma diversidade de opções culturais como não acontecia desde a instalação do CCB.

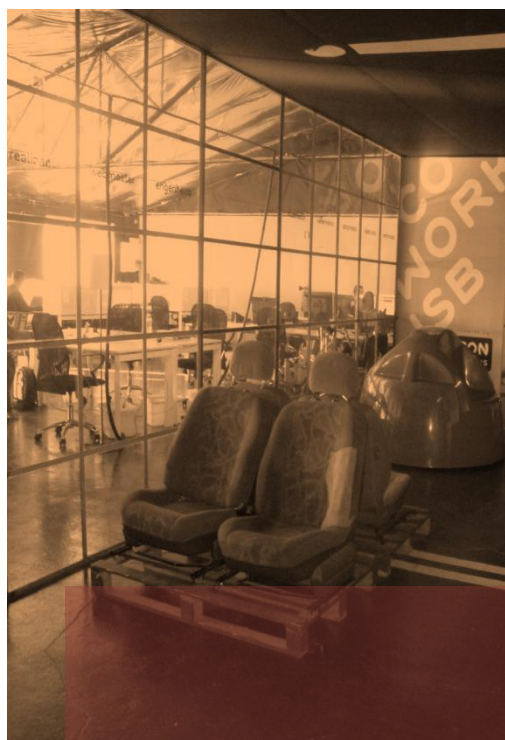
Quais as perspectivas futuras para este espaço/mo de operar?

A crise financeira e os seus contornos indefinidos impedem qualquer tipo de previsão. No entanto, este tipo de espaço está em franca expansão um pouco por todo o lado.

Neste momento há um projecto “Europa Criativa” da União Europeia lançado no dia 25 de Novembro de 2011, este programa vem reforçar a ideia de que a

criatividade está noutra patamar e é um vector estratégico das políticas. Em face deste estatuto e das verbas afectas à implementação do programa o que acha sobre “uma rede de cidades criativas Portuguesas” baseada num aproveitamento desta oportunidade?

Parecer-me-ia excelente. Números muito recentes indicam que um em cada oito profissionais são oriundos das indústrias criativas o que dá uma ideia muito consistente e clara do peso que as mesmas começam a assumir. Criatividade não é mais sinónimo de “bizarrias e artísticas”.



dam muito mais...



CARLOS MARTINS

Formado em Letras na Universidade do Porto e mais tarde em Economia é o actual presidente da ADDICT e o Director Executivo de Guimarães 2012

“O tema da criatividade surge não porque descobrimos que somos criativos, porque sempre o fomos, mas percebeu-se que a expressão económica dessa criatividade é mais relevante do que aquilo que era entendido e que a matéria-prima “criatividade” é infinita, o faz com que a disponibilidade dos recursos, da energia em termos económicos seja passível de uma eventual substituição pela criatividade humana.”

A criatividade é um valor inerente ao processo de cidade, para a economia a criatividade traduz-se num factor que aporta valor à cidade e cria uma valorização de produtos, aos nossos olhos (arquitectos) será entendida como um fenómeno que nasce da esfera económica mas que tem vindo a incomodar o arquitecto enquanto desenhador de espaços, visto ser um instrumento gerador de vivências e criação de ambientes propícios à inspiração, ambiental, trabalho, lazer, qualificando a sua dimensão estética, formal e plástica. De que forma vê estas duas perspectivas?

Penso que são duas questões completamente diferentes. A criatividade não é apenas inerente à

à economia ou à cidade, ela é uma expressão da própria dimensão humana, seja individual ou colectiva, seja ligada à economia ou à arquitectura ela está sempre presente na esfera humana. A questão central é pensar quais os processos de produção de valor, hoje, face ao modelo de sociedade que está a ser gerada. Questões novas como disponibilidade dos recursos, questões energéticas, questões demográficas, modelos económicos, a globalização, o acesso às comunicações, o acesso às tecnologias, a ciência, todo este conjunto de alterações profundas fizeram com que se repensasse o modelo de produção de valor numa sociedade pós industrial e diria pós capitalista. O tema da criatividade surge

não porque descobrimos que somos criativos, porque sempre o fomos, mas percebeu-se que a expressão económica dessa criatividade é mais relevante do que aquilo que era entendido e que a matéria-prima "criatividade" é infinita, o faz com que a disponibilidade dos recursos, da energia em termos económicos seja passível de uma eventual substituição pela criatividade humana. Esta questão tem a ver com o discurso que tem havido sobre a economia criativa e as indústrias criativas, sobre a capacidade do mundo ocidental produzir valor económico a partir deste conjunto de sectores, em que a arquitectura tem um papel essencial porque é um sector criativo que contribui de forma muito activa para este processo.

Outra questão diferente, será nesse fenómeno, o espaço urbano é essencial, ele é por definição espaço de interacção humana e entendo que a criatividade necessita dessa interacção, necessita de espaços de encontro, necessita de gerar tensões, cruzamentos, diálogos, e a cidade propicia isso de uma forma muito maior que os espaços menos densos, menos intensos de presença deste tipo de fenómenos e portanto a criatividade nessa expressão económica necessitam da cidade enquanto espaço de interacção.

Outra questão diferente será como é que as cidades hoje devem ser planeadas, quando ~~CLXX~~ o processo de industrialização tem vindo a

regredir, portanto, que novas funções servem hoje as cidades, quer o espaço cultural, quer o espaço de serviços que geralmente tinham a sua volta espaços industriais que produziam valor económico, geravam emprego e as cidades eram espaços onde esse valor era trocado e onde os serviços eram disponibilizados. Se essa energia já não está à volta das cidades então que novas funções terão as cidades?! E estas duas questões organizam-se genericamente no tema da economia cidades criativas, economia criativa na questão de produção de valor económico e das cidades criativas na questão de planeamento urbano neste novo contexto, obviamente que as duas se cruzam, mas são diferentes. O tema das cidades criativas como fala Charles Landry apela sobretudo a uma forma diferente de produzir pensamento e planeamento urbano, o planeamento deixa de ser uma esfera restrita de urbanistas, arquitectos ou engenheiros e passa a ser um acto colaborativo onde a dimensão da cidadania passa a estar muito mais presente e em que as necessidades e as ideias das pessoas são muito mais relevantes nesse processo, o que gera novas possibilidades de planeamento, principalmente da ideia de cidade e portanto de que arquitectura mais criativa, ou menos criativa, mais smart, ou menos, tem sobretudo a ver com novos espaços de interacção humana gerados, níveis de conforto,

mobilidade, tecnologia, possibilidade democrática podemos dar às pessoas.

Os dois temas são claramente distintos, como disse eles cruzam-se na possibilidade de nas cidades esse valor económico ser mais intenso, mas a economia criativa urbana não é igual à cidade criativa.

Nós arquitectos trabalhamos o espaço territorial e temos vindo a verificar uma alteração de fluxos e dos sistemas (ambiental, social, territorial) o espaço público deixou de servir a população com o propósito que tinha sido pensado- a interacção, e passa a locais de passagem muitas vezes propícios à marginalização. Qual a sua opinião sobre os novos valores ligados ao Individualismo e o modo como afecta as dinâmicas da cidade?

Não acho que haja um fatal destino do homem a ser individualista e usar a cidade apenas como local de passagem, penso que a transformação social é mais complexa do que isso.

Não sei se somos mais individualistas ou se a nossa forma de interacção com os outros mudou, o que faz com que usemos novas formas de comunicação, novos canais, não por uma presença imediata e física mas pelo espaço digital e as cidades também são isso, espaços onde as pessoas de forma individual estão em ligação com outras pessoas. Hoje comunicamos muito mais, são outras formas de comunicar, o ser humano necessita disso e sempre precisou, são agora,

novas formas de o fazer.

Uma das coisas que acho interessante é a pouca percepção deste fenómeno no próprio planeamento das cidades, elas deixaram de ser espaços onde estas novas formas de comunicação, onde são incorporados, elas são pouco porosas à participação das pessoas, às novas formas de conhecimento, continua-se a entender o planeamento, por exemplo, na questão da educação como construção de escolas ou universidades, e sabemos hoje que o conhecimento está muito mais disponível do que nesses sítios. Penso que as cidades incorporam pouco a dimensão digital e tecnologia no próprio processo de planeamento, não basta fazerem-se edifícios diferentes é preciso perceber que as formas de interacção de facto são outras e não são em edifícios são noutros formatos, as cidades ainda não recuperaram isso nas suas práticas, porém há bons exemplos, há novos espaços de bibliotecas, há novos espaços museológicos, novos espaços de produção colaborativa como os centros de cowork, há fenómenos que levam as cidades numa nova linha de “novo mundo”, porém também há muita resistência a este tipo de intervenções, até por coisas simples como é a sensibilidade de materiais, a questão das redes de comunicação, redes digitais nas cidades, ainda são cidades muito conservadoras quando são o dia-a-dia das pessoas, porque aquando o planeamento estas questões



são postas como um “extra” quando deviam ser centrais.

A ADDICT tem um papel fundamental no incentivo da criação e desenvolvimento das Industrias Criativas. Gostaria de saber o que entende por Industrias Criativas e que mais-valias poderão estas trazer para a cidade?

O tema das indústrias criativas foi cunhado, em 1988 já com algumas antecedenências na Austrália mas aquilo que ficou a ser mais consensual tem a ver com o momento precisamente em 98 quando o departamento do governo Inglês de cultura, mídia e desporto, pela primeira vez quantificou o valor económico do efeito da criatividade aplicada à actividade económica, ou empresas, e identificou um conceito que passou a ser padrão, e embora haja muita discórdia sobre ele, que tem a ver com todas as actividades humanas em que a criatividade e o talento individual são uma matéria-

prima à produção de valor económico com uma expressão concreta, os direitos de autor. Entendeu-se que isto acontece em sectores como aqueles ligados directamente ao sector artístico como é a arte performativa, a música, cinema e artes visuais, como outros sectores onde embora não haja essa dimensão tão culturalmente activa eles configuram este principio onde a criatividade aporta valor, é a arquitectura, o design, a rádio, a televisão...chegou-se à conclusão de que esse valor era muito superior aquilo que se esperava e começou a entender-se que este conjunto de sectores merecia um sitio específico e vários países do Reino Unido seguiram esse exemplo e em 2007 em Portugal a região Norte liderou a agenda e fez o Primeiro Estudo Macroeconómico do Sector, que recomendou a criação de uma agência que ligasse empresas, universidades, criadores, municípios,

espaços culturais e surge assim a ADDICT, ela tem um papel fundamental de tentar ligar coisas, produzir novo conhecimento e promover a internacionalização. Ligar coisas significa, ligar sectores, ligar a indústria tradicional à criatividade, universidades ao mercado de trabalho, municípios aos criadores, espaços culturais aos espaços de consumo e essa conectividade, nova, é muito complexa e faz-se de pessoas que não estão em contacto falarem do mesmo tema, a criatividade, sendo que não há uma dimensão corporativa sobre o tema, a ADDICT tenta que trabalhemos com a mesma matéria-prima, a questão do talento e das ideias como centrais ao processo de valor económico. A segunda dimensão tem a ver com o conhecimento este tema é pouco conhecido, é preciso discutir, estudar, reflectir, promover encontros, será lançado em Fevereiro um estudo entre o Norte e a Galiza para se quantificar esse valor, mas no geral estima-se que o valor produzido pelas empresas apenas no sector criativo ande na ordem dos 1200 milhões de euros o que é muito relevante para a região embora tenha um peso na economia abaixo da média europeia, mas há um potencial muito grande.

São estes novos modos de operar que irão gerar novas competitividades e catalisar novas sinergias?

Acima de tudo o que nos interessa é promover os talentos fora da região e fora

do país, temos uma política activa de promoção internacional. A ADDICT propõem-se a perceber o potencial de crescimento do valor económico baseado na produção da criatividade da região é muito elevado, falta ligar coisas, produzir conhecimento e internacionalizar essas competências. Um trabalho que demora a produzir resultados mas temos vindo a verificar o interesse das pessoas pelo tema, temos mais de 110 sócios, o que mostra que há muita gente a acreditar que esta agenda faz sentido para a região.

Actualmente falamos de uma classe criativa muito incentivada por Richard Florida e na ideia dos clusters da inovação. Gostaria que me indicasse casos de implementação em Portugal e algumas recomendações para o incentivo desse fenómeno, com particular ênfase na questão arquitectónica.

O tema das classes criativas não confere exactamente com o tema das Industrias criativas. O conceito das Industrias criativas vem do Reino Unido e parte de um contexto europeu e o tema das classes criativas vem dos Estados Unidos e agora do Canadá onde se encontra Richard Florida e que abre um bocado o leque daquilo a que chamamos criativo. Já não é aquilo a que chamamos o sector criativo onde as ideias e o talento são a matéria-prima mas vai a temas mais abertos como é a inovação, a tecnologia e o software, abre o leque

daquilo a que chamamos criativo. Já não é aquilo a que chamamos o sector criativo onde as ideias e o talento são a matéria-prima mas vai a temas mais abertos como é a inovação, a tecnologia e o software, abre o leque daquilo o que são as classes criativas e tenta demonstrar que as cidades mais ricas são aquelas que integram mais pessoas criativas.

Aqui, em Portugal, há um discurso muito presente por parte das Câmaras Municipais, eles dizem "eu quero ser mais criativo", "eu sou criativo", mas de facto as expressões em questão de substância é muito pouco. Guimarães penso que é um excelente exemplo, porque todo o tecido, infra-estruturas e programa cultural anda muito à volta de atrair talento e não apenas de mostrar coisas artísticas e culturais interessantes. Braga está a fazer um trabalho no âmbito da Capital Europeia da Juventude criando espaços específicos para isto como o Generation, um centro de produção criativa, Óbidos é um bom exemplo, Santa Maria da Feira, Lamego, Cerveira, Viana do Castelo, Santo Tirso, há uma série de projectos na Região Norte e principalmente na área metropolitana do Porto,



porém toda a região esta a adoptar bem o discurso e acima de tudo transformando espaços abandonados ou inactivos em espaços de acolhimento criativo.

Penso que o que falta fazer é ligar isto, não há a mesma quantidade de massa crítica em todos os lados, é necessário que haja mais trabalho em rede, mais mobilidade nas competências, mas a nossa lógica regional ainda é um minifúndio e de cada um tomar conta do seu quintal e ter pouca disponibilidade para trabalhar com os outros.

Como vê os clusters na reorientação das Cidades Portuguesas?

A ideia de aglomerar competências com relações a montante e a jusante que produzam valor na ideia dos clusters é um termo recente naquilo que é a teoria do desenvolvimento económico dos territórios e em Portugal tem vindo a crescer desde 91 quando surge um estudo de clusters em Portugal e esta dimensão criativa é muito mais recente, só há dois ou três anos é que se começou a falar.

Acredito que a capacidade nas cidades de gerar espaços de interacção, no fundo é isto que é um cluster, é fundamental, mas era preciso

que houvesse a tal classe criativa que os ocupasse e que tivesse uma escala razoável para que isso tivesse significado e portanto, as pequenas e micro cidades têm muita dificuldade em fazer esse trabalho porque falta esse tecido humano que ocupe os espaços. Os nossos clusters têm duas possibilidades de desenvolvimento, uma a sua concentração urbana clara e na Região Norte só na área metropolitana do Porto é que isso pode acontecer, eventualmente no eixo Braga- Guimarães, ou encontrar nichos temáticos e sectoriais, competências especializadas que em alguns lugares podem ser desenvolvidas nesta política de clusters. Aquilo que sentimos, é que ainda não há essa clara definição, ou seja, as estratégias dos municípios ainda não conseguem resolver de uma forma clara e dão aquilo que vemos como melhores exemplos aqueles que nasceram de forma espontânea que não foram planeados e sim organizados pelas pessoas que se juntaram por própria e livre vontade, veja-se no Porto o caso do Miguel Bombarda. Há aqui uma possibilidade por um lado o planeamento público gera espaços para que isso aconteça e acima de tudo libertando a gestão e ocupação às próprias classes criativas não tentando forçar ou manipular em relação a este assunto, não faz sentido forçar uma "rua para os criativos" como se as pessoas tivessem de ir para ali porque alguém o decidiu. Os clusters só poderão

funcionar bem se forem espontâneos, se se criarem condições um ambiente amigável à criação, o que passa por um trabalho que passa de um hub para uma geração educativa até à criação de espaços de encontro, de espaços de apresentação, de geração de público, como dizia Landry, isto é um ciclo de criatividade urbana que pode ser desenvolvido e permitir que as pessoas usem e intervenham e não a dizer o que tenham para fazer, a criatividade por si só precisa de liberdade.

Estas Industrias muitas vezes aproveitam locais esquecidos da cidade trazendo profissionais de várias áreas que interagem entre si, tirando partido das mais diversas ideias/pontos de vista num ambiente que se quer descontraído, entendendo-se estes espaços inerentes ao processo de espaço de Coworking. Qual o capital criativo que gera este tipo de trabalho?

Esta questão do cowork levanta outra questão que será: que tipo de espaços procuram as pessoas criativas? Geralmente são espaços com alguma informalidade, que possuem valor simbólico, como antigas fábricas importantes para a cidade centros históricos, eles procuram essa simbologia e incorporam esse capital simbólico nos próprios processos criativos e acima de tudo procuram preços baixos. Geralmente estes espaços são em zonas abandonadas das cidades com pouco custo por m²



muitas vezes a custo zero, o que acontece é que as classes criativas vão-se apropriando dos espaços, dão-lhe uma dimensão mais interessante mais apelativa e com isso aumentamos o valor económico, a procura a beira desses espaços aumenta, as pessoas passam a ir viver para lá e muitas vezes os próprios criativos saem desses sítios e vão para outros porque essa presença desse tipo de ocupação é diminuidora desse ambiente informal que foi a razão de ir para aqueles sítios.

Outra questão é a do coworking, que tem a ver com a percepção que por uma questão de custo mas também de interacção, prefiro não trabalhar num espaço individual mas num colectivo, também porque hoje, os trabalhos não precisam de grandes tecnologias para serem executados, basta um computador pessoal, por isso é possível hoje trabalhar num sítio e amanhã noutro, ou trabalhar num projecto em curtas permanências num determinado espaço. Há entidades que perceberam que isto é um modelo muito mais flexível e ágil e por isso oferecem espaços onde isso é possível. Penso que o mais importante é a questão a montante desta que será a questão mais imediata que para além de se falar de um espaço de cowork ou outro é, o que é que as pessoas precisam enquanto espaço urbano para se instalar, ou seja, para trabalhar, para viver, ou para produzir criativamente, este é também um desafio para a

arquitectura, perceber que desenho de espaço precisamos. E hoje, o espaço de trabalho não é apenas um espaço de trabalho, é um espaço de consumo cultural, de lazer, de aprendizagem, por isso os sítios mais interessantes nestas áreas são os que podem combinar isto tudo com espaços onde se possa comer, dormir, trabalhar, receber pessoas, fazer festas, como é o LX Factory, de forma descontraída e muito informal o que torna apelativo percorrer estes espaços. Há poucos exemplos que têm gerado este tipo de funções, o coworking demonstra aquilo que estávamos a falar no início, de facto as pessoas não querem ficar sozinhas, o individualismo não é uma generalização e o coworking é exemplo disso, as pessoas querem conviver, querem trocar ideias, outro exemplo é o de Steve Jobs quando se tornou sócio da Pixel a primeira coisa que fez foi mudar o restaurante, os quartos de banho, espaços de arrumos para o centro, centralizou as funções para que as pessoas se encontrassem mais vezes e isso gerou novas ideias e novos modos de criação.

Guimarães Capital Europeia da Cultura pressupõe uma forte componente ligada ao sector cultural e criativo, de que forma a cultura e as associações ligadas a esta fazem parte dos planos e da reestruturação de equipamentos?

A Capital Europeia da Cultura parte para três ideias centrais a partir de uma, a cultura não

é um fim em si próprio, ela é uma expressão humana e ela está ao serviço do desenvolvimento das cidades, das pessoas, da economia das cidades e por isso desenvolve três ideias, cultura e criatividade podem ser centrais num processo de regeneração económica, num processo de regeneração social e urbana, parte-se então para dois caminhos, por um lado dizer é possível desenvolver indústrias criativas, clusters criativos, classes criativas para Guimarães, porém tentamos estimular estas funções de modo a que as pessoas não passem apenas mas que possam ser acolhidas em residências artísticas por exemplo, há um estímulo muito grande para essas funções e não são só aquelas que o município foi investindo falo também do CAAA ou a ASA que resultou numa espécie de acolhimento artístico, sendo locais centrais da programação, geram também um valor económico e daí haver um programa de empreendedorismo, há uma incubadora no futuro na Plataforma das Artes toda uma não preocupação em gerar novos negócios, há também, a preocupação de ligar a criatividade a indústrias tradicionais há um projecto sobre moda, um sobre a indústria e o artesanato, um sobre a relação do conhecimento entre a universidade e as indústrias artesanais, portanto, há várias iniciativas nesse contexto.

O segundo eixo, a regeneração social, partimos de um contexto geográfico e económico muito concreto, a

economia de Guimarães e do Vale do Ave em geral tem vivido mudanças profundas que tem a ver com o fecho das empresas, ou a mudança destas para outro sítio, ou mesmo a perda de competitividade o que fez com que muitos milhares de pessoas em poucos anos perdessem o emprego numa idade entre os 40 e 50 anos e que não têm novas perspectivas pois as suas classificações são muito baixas pois a indústria atraía os Jovens muito cedo dando-lhes emprego imediato e agora há um confronto como o que fazer!?. Guimarães é uma cidade muito jovem, cerca de 50% da população tem menos de 30 anos o que significa que há uma geração que se arrisca a ser dependente deste tipo de processos indústrias, portanto hoje, é urgente encontrar novas maneiras de desenvolvimento encontrando novas funções ou outro tipo de economia e empregos e por outro lado tipo de qualificações, quer para as pessoas que ficaram sem emprego quer para os jovens que se arriscam a sair de Guimarães para trabalhar ou mesmo os que querem cá ficar. Há uma preocupação muito grande com a inclusão social e com a qualificação das pessoas, há um serviço educativo na Capital da Cultura, há a ideia de que os artistas internacionais não venham para cá apenas fazer o espectáculo mas que passem algum tempo na cidade trabalhando com as escolas, com os artistas locais tentando "contaminar" com um novo conhecimento a

própria comunidade aliado a uma formação muito mais informal, temos o laboratório da criação digital (LCD), um laboratório de design, de produção de ideias urbanas que tem a ver com a produção digital, depois há uma série de projectos que não são artísticos que não são na lógica do espectáculo mas que temeste lado de tentar "contaminar" e desenvolver as capacidades das pessoas, gerando novas redes de colaboração e conhecimento trazendo novas hipóteses para a vida das pessoas. Claro que no início isto tem um efeito limitado no início mas sabemos que esta semente fica na cidade e será continuada com certeza.

A terceira dimensão tem a ver com o espaço urbano e Guimarães tem um projecto muito concreto que é uma metáfora desta possibilidade, que se traduz no quarteirão de Couros um bairro de antigas fábricas de curtumes, que era um problema social e urbano muito grande para a cidade, a poucos metros do centro histórico da cidade havia um miolo urbano que estava perdido onde ninguém queria viver, onde os problemas urbanos eram graves e os ambientais também e onde esse espaço urbano era constituído por ruínas e um ribeiro poluído e o projecto desenhado para aquele sítio é extremamente interessante, há a preocupação de trazer da universidade o conhecimento e a sua participação, chamando-se o projecto CampUrbis, que integra três funções: um centro de

ciência viva, um instituto de design e um centro formação avançada e pós graduada, mas associado a isso é um investimento público da Câmara Municipal nos espaços de domínio público, tornando-se um espaço interessante para se sentir, para usufruir, para se estar. A partir de agora vamos ver muitas pessoas a quererem ir para lá viver, passear e trabalhar, uma zona que até agora estava perdida na cidade.

Há aqui uma regeneração urbana muito importante como na Alameda, no Toural etc, mas penso que é a zona de Couros aquela que mais vai sentir esta dimensão, é uma transformação na cidade e na comunidade.

ECONOMIA CRIATIVA

Cresce 8% ao ano

ECONOMIA CRIATIVA

Na Europa a produção criativa vale 700.000.000.000 €

ECONOMIA CRIATIVA

E emprega 6.000.000 de pessoas

ECONOMIA CRIATIVA

É o terceiro maior sector em Portugal depois dos produtos alimentares e dos têxteis

ECONOMIA CRIATIVA

ECONOMIA CRIATIVA E vale 6.500.000.000 €

No Norte não chega aos 1.000.000.000 €

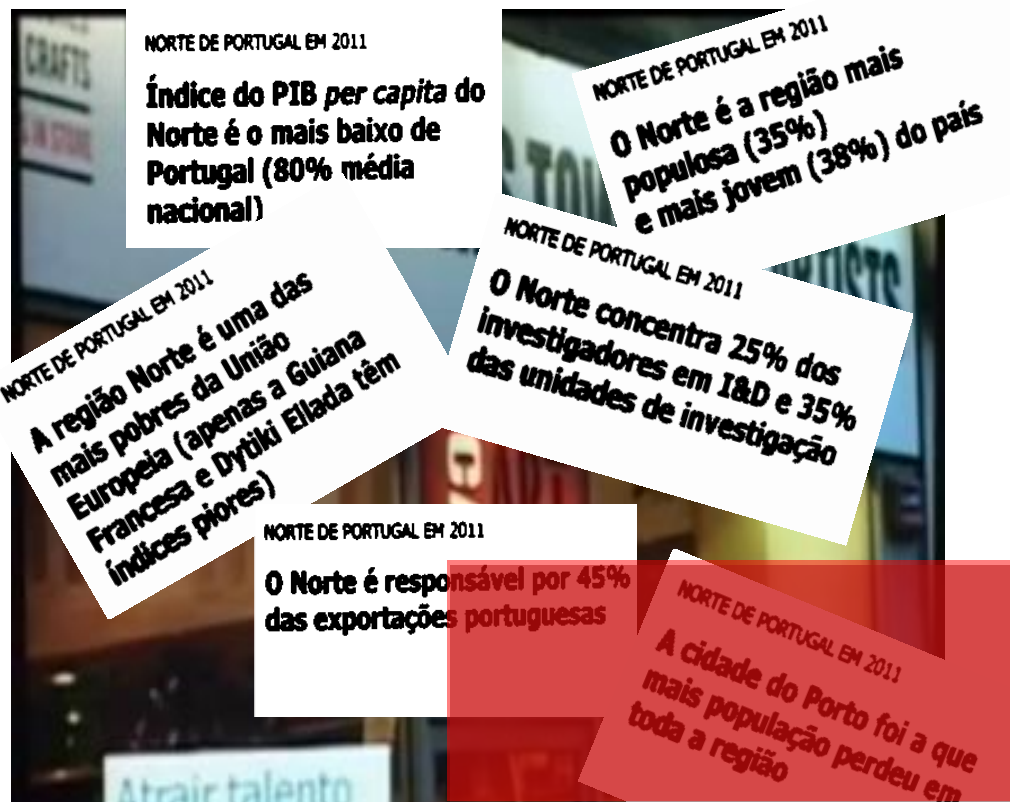
Tendo em conta que os planos de Guimarães visam a criação de um novo capital criativo como sendo uma estratégia de turismo e regeneração urbana, resultante de um tripé constituído por política, território e economia, interessa-me perceber a sua perspectiva da importância da arquitectura neste contexto, ou seja, se tem um papel principal, secundário ou subsidiário?

Diria que tem um papel principal por tudo o que vamos viver. A arquitectura, ela própria necessita de ser desafiada a ter novas preocupações a um novo olhar para o espaço urbano, veja-se o que aconteceu no Toural onde a própria Universidade do Minho se envolveu tentando colocar novas questões para o espaço da cidade, também, será importante não só enquanto área de conhecimento que intervém no espaço mas possibilitadora de áreas de exposições de arquitectura como as obras de Fernando Távora, Nuno Portas, Escola do Porto, Nova Arquitectura como a da América latina, Península Ibérica, novas formas de culto de intervenção nos espaços, como foram pensados os processos de trabalho.

Por outro lado, há uma grande relação muito próxima com o curso de arquitectura da Universidade do Minho que espero que se reflita no processo.

Diz-se que a CEC pressupõe um plano de regeneração do tecido urbano e industrial. Este pressuposto levanta

CLXIX



questões como de que forma a indústria será incluída nos planos, visto em tempos ter sido o propósito dos espaços e agora ser posta de parte dando início a um novo capital ligado ao conhecimento.

Penso que não é posta de parte, podemos dizer que a indústria enquanto modo de produção como a conhecíamos mudou, porém outras indústrias vão surgindo enquanto factor de produção de valor económico, de bens e serviços, empregabilidade e riqueza, no entanto, a nossa programação é cultural, não temos a pretensão de transformar toda a economia, é um contributo para incentivar novas práticas e temos um exemplo muito concreto temos convidado para administrador da cultura um industrial de Guimarães da área do calçado que soube incorporar muito bem o design nos seus processos de

fabrico. Estes trabalhos também são feitos com a Universidade do Minho, temos na área têxtil a produção de tecidos, novos materiais, teremos a bienal de arte têxtil, a questão das novas tecnologias associadas à produção industrial, temos também, designs de empresas industriais, temos artistas a trabalhar numa linha especial que tratam do merchandising de produtos especiais para Guimarães Capital Europeia da Cultura, há aqui um estímulo a um olhar novo para a produção industrial, procuram-se novas indústrias, nomeadamente através da incubação de ideias produzindo valor económico, capital a partir das ideias das pessoas, encontrar novos talentos.

A cidade de Guimarães não é apenas um território medieval é também uma cidade que dá um contributo importante para um país pelo empreendedorismo e pela



capacidade que as indústrias de Guimarães têm para a internacionalização, queremos celebrar e inspirar um rejuvenescimento com a consciência de que este é um pequeno invento numa cidade com mil anos de história, temos de ter a consciência de que não é um evento assim tão relevante, a Capital Europeia da Cultura pode trazer grandes coisas respeitando o existente e dando início a um processo que não se faz num ano.

Diversos edifícios albergam actividades ligadas à criatividade. Qual seria a possibilidade da criação de um local de cowork, cuja função principal seria impulsionar os jovens recém licenciados a explorarem o mundo do trabalho?

Há três projectos em concreto, a fábrica da ASA, uma enorme fábrica que está a ser transformada de modo a acolher a custo muito baixo qualquer ideia, qualquer

projecto de qualquer empresa, a própria Capital Europeia da Cultura vai ocupar uns milhares de metros quadrados para a criação, terá um laboratório para ideias urbanas, um espaço para produção de artes performativas, grandes exposições internacionais e poderemos estar a trabalhar num escritório descer e ver uma exposição, ver um concerto..., e assim será um dos locais mais interessantes da região. Há também a CAAA, Centro para os Assuntos de Arte e Arquitectura, uma iniciativa privada de um arquitecto e outros, que acolhe um laboratório de fotografia, uma galeria de arte, um laboratório de criação digital e utilizar os espaços, por fim, temos a Plataforma das Artes no antigo mercado municipal onde vão haver ateliês para artistas e espaços de incubação para empresas com a introdução de espaços de cowork, Guimarães terá oportunidades no sector criativo como nenhuma outra cidade no Norte de Portugal.

Neste momento há um projecto “Europa Criativa” da União Europeia lançado no dia 25 de Novembro de 2011, este programa vem reforçar a ideia de que a criatividade está noutra patamar e é um vector estratégico das políticas. Em face deste estatuto e das verbas afectas à implementação do programa o que acha sobre “uma rede de cidades criativas Portuguesas” baseada num aproveitamento desta

oportunidade?

Existe esse plano mas ele ainda não tem uma clara definição, ele resulta da fusão de duas opções políticas de intervenção da União Europeia, por um lado consiste no investimento na cultura, visa a criação europeia, multiculturalismo, diversidade cultural, trabalho em rede e outro programa que se chama Midia que tem a ver com a produção áudio visual e a União Europeia percebeu que as duas coisas estavam ligadas, a questão da utilização das tecnologias digitais, audiovisuais e a produção criativa. Pôs isso num plano próprio, Europa Criativa, que está agora a começar e que entre 2014 e 2019 vai adiantar as políticas públicas Europeias, aquilo que se espera não é apenas que ele contribua para que as cidades Portuguesas trabalhem mais em rede, penso que não faz sentido ser apenas em Portugal a grande oportunidade é que os criadores Portugueses, as estruturas Portuguesas e as cidades, se consigam internacionalizar.

Estes programas obrigam a uma pré-candidatura, em que haja entre três a seis parceiros de diferentes países, funciona apenas numa lógica interna de uns países com abertura a outros. E é exactamente disso que nós precisamos de um país periférico, este é um desafio para todos os criadores Portugueses no âmbito deste plano europeu, inclusive na Capital Europeia da Cultura 2012, em Junho, vai ser feita a apresentação deste programa pela Comissária Europeia da Cultura.

DROPBOX ESPINHO

Centro de Cowork na Cidade de Espinho

A entrevista em questão foi respondida por mail, as respostas estão incompletas por considerarem que não era um *"inquérito tradicional de resposta 'sim', 'não' ou 'talvez'(...)* lamentamos, mas concluímos não dever responder" Paula Pinheiro

A criatividade é um valor inerente ao processo de cidade, para a economia a criatividade traduz-se num factor que aporta valor à cidade e cria uma valorização de produtos, aos nossos olhos (arquitectos) será entendida como um fenómeno que nasce da esfera económica mas que tem vindo a incomodar o arquitecto enquanto desenhador de espaços, visto ser um instrumento gerador de vivências e da criação de ambientes propícios à inspiração, ambiental, trabalho, lazer, qualificando a sua dimensão estética, formal e plástica. De que forma vê estas duas perspectivas?

Nós arquitectos trabalhamos o espaço territorial e o objecto e temos vindo a

verificar uma alteração de fluxos e dos sistemas (ambiental, social, territorial) o espaço público deixou de servir a população com o propósito que tinha sido pensado- a interação e passa a locais de passagem muitas vezes propícios à marginalização. Qual a sua opinião sobre os novos valores ligados ao Individualismo e o modo como afecta as dinâmicas da cidade?

Assistimos ao fenómeno da globalização, um paradigma que envolve o unificar do todo, facilitando as conexões, porém também tem um lado negativo, a perda de identidade. Como vê estes factores?

Estar conectado com o

mundo traz vantagens, a integração em rede facilita a troca de informação. Quais as mais-valias de estar “enredado”, para um profissional das Industrias Criativas?

A Dropbox é um espaço aberto à cidade onde trabalham diversos profissionais num ambiente descontraído e informal (de coworking).

Qual o capital criativo que gera este tipo de trabalho?

A DropBox Espinho, como espaço aberto que estimula a interacção entre os profissionais, permite ainda a troca de vivências e saberes, a participação em projectos de parceria, ou mesmo, negócios entre si. Visa, ainda, a implementação de um conceito inovador de partilha de espaço, conhecimento e tecnologia, direccionado para pessoas empreendedoras e criativas, que pretendem desenvolver as suas actividades comerciais, de serviços ou de formação, individualmente ou associadas. A união deste grupo de pessoas que trabalham independentes umas das outras, mas que compartilham valores e procuram sinergias, surge quando conseguem dividir o mesmo espaço e orientá-lo para a criação de uma comunidade ou rede social no âmbito das indústrias criativas, do design, da construção e das artes em geral.

Quais as facilidades e vantagens que traz este local aos profissionais que

aqui trabalham?

Este conceito é, também, uma mais-valia a nível financeiro. Os meios disponibilizados e contratualizados – acesso 24 horas, serviço semanal de recepção, Net, fotocopiadora, telefone e fax, permitem minimizar custos aos seus utilizadores. É, por si só, um conceito inovador.

Estas Industrias ligadas à criatividade, estão a ser bem aceites pelas pessoas, mostrando alternativas ao modo de viver, trabalhar e acima de tudo de estar e ocupar os espaços.

De que modo está a ser aceite pelas pessoas de espinho?

Apesar de ser um espaço que se pretende aberto à comunidade e a todos os empreendedores, com capacidade de inovar e criar novos projectos empresariais, a DropBox Espinho é um espaço muito jovem, aberto há 1 ano, com um longo caminho a percorrer para se implantar no Concelho de Espinho, ditado por uma sociedade ainda muito “fechada” e, por conseguinte, adversa as grandes mudanças.

Estamos a falar de uma classe criativa muito incentivada por Richard Florida e na ideia dos clusters da inovação. Gostaria que me indicasse casos de implementação em Portugal, para além deste, e algumas recomendações para o incentivo desse fenómeno.

Há alguma coisa que

gostariam de ver implementada, aqui em Espinho, que servisse de apoio a este incentivo e fosse uma mais-valia à cidade/comunidade?

Este projecto configura aquilo que nós designamos como recombinação (criar uma nova combinação entre o físico e o uso) quer seja ao nível do edifício ou da cidade.

O que acha que tem sido recombinado, em termos urbanos, em face da instalação desta unidade?

Quais as perspectivas futuras para este espaço/modo de operar?

Neste momento há um projecto “Europa Criativa” da União Europeia lançado no dia 25 de Novembro de 2011, este programa vem reforçar a ideia de que a criatividade está noutra patamar e é um vector estratégico das políticas. Em face deste estatuto e das verbas afectas à implementação do programa o que acha sobre “uma rede de cidades criativas Portuguesas” baseada num aproveitamento desta oportunidade?

